

Sérgio Motti Trombelli

A Flor

uma história
para adulto que
só criança acredita



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Sérgio Motti Trombelli

A flor

História para adulto que só criança acredita

Editora

Dedicatória

*Para Elza e Érico, flores que não estão mais no meu jardim ,
mas ainda sinto seu perfume.*

*Para Érika Regina, Alexandre e Mariana, flores da minha flor
que encantam o jardim da minha vida.*

*Para Maria Luíza, Beatriz e Guilherme, flores ainda em botão e
com perfume especial*

E principalmente para Lélia. Flor no nome, flor na vida

que me ensinou a arte de ser jardineiro

Agradecimentos

A Deus, sempre

*A Vera Rinaldi que , quando cheguei falando na flor,
acreditou que ela falava comigo.*

*A Ronaldo Jorge Nazar , que acostumado a dialogar com as orquídeas entendeu a
linguagem da rosa*

*Às minhas queridas filhas,
Erika Regina, leitora primeira deste texto,
que se emocionou , e suas lágrimas serviram
para regar o solo da minha imaginação me fazendo continuar*

a plantar flores;

Mariana, cuja presença constante na idade tardia de minha vida ,
me acalenta, e com seu carinho e companheirismo
me estimula sempre a
ser melhor do que sou.

Prefácio

Estou acostumado com os escritos de Sérgio Motti Trombelli na área de marketing. Lê-lo nesta obra , confesso, foi uma grande surpresa, não pelo texto, mas pela temática.

De fato, tratar de temas espiritualistas de forma romanceada não é uma coisa simples e corre-se o risco de ser piegas, mas não foi isso que aconteceu neste romance, “A flor”.

Será que as flores falam ? Na verdade , elas falam por si sós, através de sua beleza, perfume, encantamento. Mas falam , como costumeiramente entendemos esta palavra ? O personagem central da obra , Alberto, ouviu uma delas – uma rosa, embora , no meio da obra, o próprio autor chegue a cogitar que a voz possa não ser da rosa, mas uma voz espiritual, ou o próprio Deus que em sua infinita bondade e poder tenha falado com o personagem.

Contudo, isso é relevante ? Creio que não, porque o que conta é o que foi dito e não seu agente, e falando com Alberto, a rosa vai desfilando uma série de temas , com os quais nos deparamos todos os dias. Mais ainda : nos faz refletir sobre a vida, os mistérios com que ficamos frente a frente no cotidiano, enfim , a rosa vai filosofando sobre a existência. E neste rol de temas transcorre toda a primeira parte da obra: a unidade das coisas, o carma, Deus, amor, a necessidade de ser bom e útil ao próximo, as vidas sucessivas pelas quais passamos , a meditação, entre outros. Uma série de temas que, devo confessar, para um médico de formação como eu, muitas vezes é

preciso chegar a uma certa idade da vida para ser capaz de superar dogmas que durante muito tempo serviram de balizamento na minha própria existência.

Quando o leitor pensa que a obra será uma eterna reflexão , profunda, importante, mas estática, o foco muda, dá uma guinada. A rosa morre, num dos momentos mais dramáticos do texto. A partir daí, a narrativa começa a ganhar mais ritmo, novos personagens, sem contudo fazer com que Alberto perca a sua pureza. Aliás, por várias vezes, o autor deixa antever que mesmo nos sonhos a flor “fala” com o personagem principal como se continuasse a lhe proporcionar ensinamentos , os quais ele carregará por toda a vida. E é justamente nesta segunda parte da obra que um fato, surpreendente ocorre e muda radicalmente a vida do personagem. Inicialmente atirando-o num turbilhão para logo após dar-lhe os meios necessários para que ele possa fazer transparecer na prática tudo aquilo que a flor lhe ensinou.

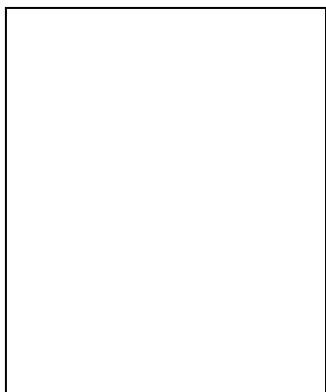
Daí para frente , a narrativa ganha ação. Alberto se transforma, passa a praticar os ensinamentos da flor e com isso vai também transformando as pessoas à sua volta, amplia sua atividade cotidiana, mas sem nunca se por de lado a lembrança da rosa e os ensinamentos deixados por ela

E num sonho, mais uma vez instigado pela rosa, ele sente vontade de voltar à casa de origem onde vivera com a flor. É lá que começa o terceiro momento da obra, onde todo o romantismo do autor se deixa transparecer Nesta volta, ele conhece Maria Rosa , e uma paixão , uma conquista, um amor sincero e puro, será a tônica da obra até seu final, que por sinal é surpreendente.

No fundo, “A flor” é um livro que agrada pela sua reflexão, pelo seu dinamismo, pelo seu romance e nestes três momentos, o autor não deixa de lado o encantamento de uma história diferente, costurada através de uma linguagem rica, mas de fácil entendimento que vai conduzindo o leitor, fazendo com que este entre na obra, participe como um expectador onipresente, sempre torcendo para que o melhor aconteça.

Romances nem sempre são assim. Geralmente são pesados demais, ou leves ao ponto da superficialidade. “A flor” supera as expectativas, ainda mais porque o autor optou pela inclusão de um subtítulo : “uma história para adulto que só criança acredita”. Talvez seja isso mesmo que nos falte : voltar ao tempo de criança para podermos entender o mundo de uma maneira mais pura e verdadeira, uma maneira

especialíssima que nos faça acreditar que de fato as flores falam e com isso possam nos ensinar muitas coisas.



Waldemar D'Ambrósio Filho

PARTE I

A flor

Capítulo I

“Há dias, tinha visto num jornal a foto do Zé Roberto. Ele se chamava Bolacha agora e comandava o tráfico de uma favela. Sentiu uma mistura de pela e medo, além de uma saudade imensa dos tempos no orfanato. De resto, nada mais. O que sobrou foi apenas este vazio, que torna oco o peito e mudo o coração, que assola e massacra”

De repente, viu-se perdido no meio da multidão que passava. Na verdade, ele sequer sabia como viera parar ali no centro da cidade – talvez fosse a força do hábito. O que tinha dentro de si era uma enorme necessidade de entender o que havia acontecido. Seria loucura ?

Era uma pessoa solitária. Família tinha tido em tempos que ele não mais se lembrava. Foram dias difíceis os do orfanato. Depois de completada a idade, recebeu uma carta de recomendação, conseguiu um emprego num escritório barato do centro da cidade e a partir de então a vida foi um isolamento só.

Às duras penas, levantou aos finais de semana uma casinha na periferia. Nunca agradeceu tanto as tarefas com a pá e o cimento que no orfanato lhe obrigavam a fazer. Gomes era o sobrenome. O nome, Alberto. Estatura média, olhos castanhos, nem magro nem gordo, nem feio nem bonito, enfim, um Alberto qualquer a mais nesta metrópole de Betos, Zés, Tonhos, todos iguais, que passam apressados pelos viadutos

e avenidas, picam o ponto, trabalham de sol a sol e ganham muito mal o pão de cada dia.

Mas naquele dia nem havia ido ao trabalho. Tudo parecia ter ficado em segundo plano. O problema havia acontecido novamente, pela segunda vez. Ou até mesmo nunca tivesse acontecido e ele era quem estaria criando essa coisa toda em sua imaginação.

Pelas informações – poucas – que possuía, nunca soubera de nada igual, nem na escola, nem nos almanaques, nem no centro espírita que fora consultar da primeira vez. Era necessário que ele fizesse uma pesquisa sobre o assunto. Loucura ? Oh, Deus...

Por algum tempo caminhou a esmo pelas ruas movimentadas daquela paulicéia sempre desvairada. Os rostos passavam rápido, olhando num ponto distante à frente como se fossem autômatos repetindo os mesmos trajetos dia após dia, caminhando não sei para quê ou para onde. Pedintes nas calçadas, ônibus barulhentos e soltando fumaça, poluição. A vida nos grandes centros exige de seus moradores uma profunda capacidade de enfrentamento do próprio meio. São Paulo é a terra das oportunidades, mas o preço que se paga por elas é alto.

Seria demais parar alguém na rua para perguntar. Não, não valeria a pena. Súbito, uma idéia. Rapidamente cruzou os faróis da praça e alcançou a Biblioteca Municipal. Diferentemente do burburinho da rua, a biblioteca era uma mar de tranquilidade. Leitores compenetrados faziam anotações, viravam páginas e mais páginas, como que absortos num mundo totalmente deles, cada qual no seu, sem se importar com mais nada. Apesar das grandes janelas, a luz era artificial – a biblioteca tinha um certo ar vetusto que, por ser como era, se tornava imponente. Parecia que os livros, lá das estantes, olhavam e comandavam os mortais. Neles haveria, com certeza, todo o saber. Por isso, ele se sentiu encorajado.

Localizou o andar, e como não sabia direito manusear todos aqueles computadores, foi para a atendente e pediu :

- Gostaria de saber tudo sobre flores.
- Tudo ? Indagou incrédula a moça.
- Tudo, repetiu enfático, principalmente as rosas

Dali a poucos instantes, sentava-se à mesa de leitura com uma pilha imensa de livros.

“Deixe-me ver. Plantio ...poda...cores...solo...custo...tempo de vida..., etc,etc,etc. Não ! Não e não ! Tudo baboseira, coisas sem importância”.

Voltou à atendente.

- Não tem aí nada sobre a comunicação das plantas ?

- O quê ? indagou novamente a moça. E continuou : olha aí, se for gozação vai cantar noutra freguesia que eu passo o dia inteiro atendendo pessoas e já amanheço com o saco cheio, por isso não estou a fim de brincadeira. Já sei , é pegadinha da TV. E , olhando para os lados: onde está a câmara ?

Ele não se deu por vencido. Insistiu, disse que era sério. A TV de domingo tinha apresentado um programa sobre a comunicação das plantas e “se a TV falou, tá falado” . No final, puxou a menina um pouco de lado e sussurrou:

- Sabe, a rosa lá do jardim da minha casa, um botãozinho ainda, falou comigo. Disse coisas legais pacas e eu quero saber se foi mesmo verdade essa coisa, se é possível, se estou ficando louco, ou....

- Sei, você fumou tudo logo cedo, não é ? Corrigiu a atendente

Em dez minutos estava fora da biblioteca. O convite foi feito pelo policial do andar que já estava ameaçando levá-lo ao distrito para ver se tinha ficha e coisas do gênero. Logo ele que sequer bebia.

- Pô, seu guarda, foi brincadeira minha ...

“ Boçais”, pensou assim que se viu livre, do lado de fora do prédio. Olhou o movimento – o mesmo. O centro das grandes cidades é um caos completo que somente aqueles que sabem compreender aquela linguagem caótica são capazes de enfrentar. Marreteiros, faróis, carros , pessoas apressadas, vitrines, luzes e cores se misturam num mosaico que chamamos de modernidade.

Alberto começou a andar sem destino. O que mais lhe inspirava eram os rostos das pessoas que sempre parecem olhar para tudo e nada verem. Nos rostos estão as marcas das decepções da vida, ou da esperança daquele dia – quiçá num novo emprego, ou num novo amor, ou sabe-se lá. Isto no orfanato ele havia aprendido bem : entender o rosto das pessoas. Quantas vezes ele havia visto rostos olhando para ele “ que gracinha” , mas pelos olhos da pessoa ele sabia que não seria adotado . Assim, de

falsas medidas em falsas medidas ele fora sabendo discernir os sorrisos frios, os gestos superficiais.

Calor humano de verdade só mesmo no rosto dos companheiros do orfanato. A turma do quarto, do time de futebol, da escola, que sabia amar o pouco que tinha, cantar o rap da desilusão. Por onde andariam todos eles. Zé Grandão, Pedro, Tico, Zé Grandão, Tíndia... de quando em vez alguns se reuniam para “matar o tempo”, ou trocar informações sobre novos empregos, ou sair por aí para ver se dava “pra pegar alguma mina” – coisa difícil para quem não tem carro, dinheiro, nem perspectiva ...

Há dias, tinha visto num jornal a foto do Zé Roberto. Ele se chamava Bolacha agora e comandava o tráfico de uma favela. Sentiu uma mistura de pena e medo, além de uma saudade imensa dos tempos no orfanato. De resto, nada mais. O que sobrou foi apenas este vazio, que torna oco o peito e mudo o coração, que assola e massacra.

Quando acordou de seus pensamentos, estava sentado no banco de uma praça. Uma dessas que os arquitetos não conseguiram envolver em um edifício novo do centro da cidade na busca de alguns centímetros a mais de quarto e sala. Um espaço vazio no meio da combustão dos carros, própria para dormir os mendigos e se urinar escondido.

No canteiro central havia uma roseira e nela uma rosa que resistia ao canivete dos passantes. Desobedeceu ao aviso de não pisar na grama e lá foi. Chegou bem perto e começou a falar com a flor.

- Vamos lá, fale comigo !

Ela sequer emitiu um som. Insistiu, desafiou, mas ela estava muda. Chegou mesmo a gritar que estava ficando louco e coisas do gênero e só parou quando algumas pessoas pararam e ficaram olhando aquela cena grotesca.

- Toma mais uma, Zé Mané...

- Olha o cara, meu, tá doidão...

- Corre, bicho que a cana vem aí ...

Envergonhado, saiu correndo, furou a filha do ônibus e foi para casa.

Capítulo II

“ Como saber a verdade? Talvez ..., isso, com certeza, a faculdade ! Esta era uma boa ideia. Os professores são aquelas pessoas que eliminam as dúvidas, sabem das coisas. No orfanato era assim. Foram as professoras que havia lhe ensinado a escrever, conhecer um pouco do mundo, da História, da Ciência. Quem sabe ... é, uma faculdade teria com certeza um mestre capaz de lhe orientar corretamente e talvez ele mesmo fosse um dos escolhidos ...”

O dia surgiu claro. Era Verão e logo cedo o sol acordava as pessoas pelas frestas das janelas ou dos tetos, naquele bairro de periferia. Geralmente, as noites não eram tranqüilas , um e outro tiro, gritos. O pessoal do bairro já estava acostumado com aquilo e o sono raramente era interrompido por isso.

Pela manhã, a vida pulsava e se dizia presente no murmúrio das vozes indo para o ponto de ônibus. Ele, como sempre, acordou e fez café. Saiu na porta, olhou a rosa. Ainda um botão mas, vermelha, altiva. Podia sentir o cheiro dela, imaginar a suavidade das pétalas. Riu para si mesmo, como se tirando da lembrança algo engraçado, embaraçoso. Hoje contaria aos colegas do escritório as peripécias vividas na véspera “ Flores que falam” disse para si mesmo. Ao chefe inventaria uma tia doente, ou falecida, ou qualquer coisa assim. Entrou, apanhou suas coisas e passou rápido pela flor em destino ao portão.

- Como é, dormiu bem?

Ele quase caiu de costas. Ela estava falando novamente! Uma mistura de espanto e curiosidade tomou posse de seu corpo. Ainda gaguejando, tentando firmar a voz, indagou:

- Você está falando comigo outra vez ?

- Por que não? Respondeu a flor.
- Porque flor não fala. Ontem no jardim da cidade eu tentei me comunicar com uma e passei por louco, completou triunfante.

A rosa riu antes de responder.

- Ora, ela não conversou com você simplesmente porque ela não o escolheu. Talvez ela não queira e acabe não escolhendo ninguém durante toda a vida. Mas eu não, escolhi você, e isto quer dizer que poderemos conversar à vontade. E olha, eu tenho muito a lhe contar ...

Ele não disse mais nada. Rápido saiu dali , com medo, e ladeira acima correu para o ônibus que passava. No caminho, aquela voz, aquele desespero em querer saber se era loucura sua ou não. Que alucinação !

Na cidade, viu-se perdido de novo. Como fazer para saber a resposta? Será que existiam outros que falavam com as flores ou era apenas ele quem estava enlouquecendo ? Quais seriam os escolhidos? Por quê? Como se aproximar? Nos rostos dos passantes, as mesmas dúvidas, os mesmos olhares, os mesmos passos apressados. Aonde iriam? Aonde vai tanta gente? Fazer o quê? Será que existem mesmos os tais escolhidos ?

Aquele homem de terno escuro estava parado olhando o corre-corre como ele. Seria um escolhido? A roupa era simples, a gravata rota, a maleta em punho. Pigarreou:

- Hum, hum... Tudo bem, amigo? E sem esperar resposta, o amigo também é um dos escolhidos?
- O quê? Escolhido para quê, sô? Olha aí, se for um desse lances de religião, pode cair fora que essa não é a minha. Vendo plano de saúde, meu filho, o que já é dose pra leão.

Ele percebeu que havia cometido um grande erro. Tentou uma desculpa ou outra, mas não deu, e logo veio a mesma conversa:

- Mas já que a gente se conheceu, a sorte pode ter batido pra você hoje, cara. Jogou o vendedor. Vai um planozinho aí ? Coisa boa, e, podes crer, honestidade acima de tudo. Atendimento imediato em bons hospitais...
- Não , obrigado...
- A gente nunca sabe quando a doença aparece , meu irmão...

O ônibus chegou rápido e acabou salvando Alberto daquela situação. O

centro da cidade ia ficando para trás, mas a dúvida persistia: as rosas falam mesmo? Quem poderia dar uma pista, uma dica?

Olhou todas as árvores e flores por onde passava. Elas estavam ali, imóveis, mas com vida, impassíveis sempre, convivendo naquele “fog” de poluição. Quantas e quantas pessoas passavam por elas diariamente sem sequer notar a sua presença, ou até mesmo o nascimento, a existência e morte de uma flor de um canteiro central de alguma avenida movimentada.

Por conta disso, prestou mais a atenção em cada árvore. Puxa, algumas são enormes, como eu não havia percebido isso? Qual seria a idade delas ? Quanto demoraram para crescer esse tanto ? Será que já falaram com alguém também ?

Uma constatação lhe veio à mente : todas vinham sendo testemunhas vivas da história da cidade. Tinham visto o concreto substituir as sementes, viram os carros em colisão, pessoas sendo assaltadas, mortas, amores clandestinos. ? Tinham visto a vida pulsando a cada dia e hora neste amalgamado de pessoas, cimento e plantas coexistindo e lutando para sobreviver.

Só que as plantas não reclamam. São colocadas aqui e acolá e cumprem a sua função de embelezar a existência, mesmo que o mundo não seja tão belo à sua volta. As flores ainda mais. Algumas são corajosas a ponto de florir em meio à poluição, aos maus tratos, a ausência de água ou solo adequado. É como se fosse um último apelo daquela planta dizendo “ veja , estou aqui, alimente-me, ajude –me a viver um pouco mais ...” Mas os passantes não se importam com isso, estão atarefados demais na sua próprio subsistência. O egoísmo do ser humano , ou talvez a necessidade em ser assim , impede a capacidade das pessoas em se relacionar com o mundo que as cerca.

Como saber a verdade ? Talvez ..., isso, com certeza, a faculdade! Esta era uma boa idéia. Os professores são aquelas pessoas que eliminam as dúvidas, sabem das coisas. No orfanato era assim. Foram as professoras que haviam lhe ensinado a escrever , conhecer um pouco do mundo, da História, da Ciência. Quem sabe ... é, uma faculdade teria com certeza um mestre capaz de lhe orientar corretamente e talvez até mesmo ser um dos escolhidos...

Capítulo III

- “ - Somos ? você é uma flor e eu um homem.
- Que importa o que pensamos ser. No fundo somos iguais porque tudo é igual. O tudo que existe, no fundo, é uma coisa só, sabia ?
Temos formas diferentes, apenas isso.
- Creio que estou ficando louco ...”*

Na universidade, tudo estava morto e parado. Tempo de férias. Havia chegado até lá, porque uma vez ouvira falar sobre comunicação, jornalismo e coisas assim. E já que o assunto era diálogo, ninguém melhor que um catedrático em comunicação para a resposta

Logo na entrada, uma atendente indicou que as inscrições para o vestibular ficavam no prédio novo. Ele quis saber sobre os professores e a recepcionista achou oportuno “ vender o peixe” :

- Os professores da faculdade são excelentes. Todos com trabalhos publicados no exterior e grande experiência nos meios de comunicação de massa. Aqui só temos professores com mestrado, concluiu orgulhosamente a moça.

“ Massa ? “, nem sabia ao certo o que ela queria lhe dizer com aquilo, mas adorou quando ela, apontando para o corredor da direita, lhe disse que ali estava um deles, batendo papo com os alunos do 3º ano. Aliás um papo animado, onde o mestre ponderava cada resposta, citava as fontes de seu raciocínio, o embasamento teórico da tese e outros que tais...

O tema falado era a influência da comunicação da TV nas pessoas. Um estudo de comportamento de massa e como os signos se articulavam, etc, etc, etc.

Na primeira chance que teve:

- Posso mudar de assunto, professor?
- Doutor, um outro aluno corrigiu imediatamente, com a aprovação dos demais ...

- Doutor, quer dizer. É que saiu na TV de domingo – a turma começou a sorrir baixinho - que as plantas se comunicam. E eu fiquei meio cismado. Será isso mesmo possível?

O riso dos alunos do 3º ano desapareceu quando, para a surpresa geral, o professor respondeu que sim, era possível. Ele ficou ansioso. Certamente o professor era um dos escolhidos também.

- E como isso ocorre, professor, digo, doutor? Completou.

- A rigor é necessário que haja uma aparelhagem muito sofisticada, e como a turma se mostrasse interessada - nós aqui no Brasil ainda estamos engatinhando neste campo de pesquisa - parou para uma baforada no seu cachimbo - porém, eu mesmo já apresentei à Congregação da Universidade uma proposta para efetuar pesquisa no setor, nos moldes desta que o rapaz nos está consultando. Afinal, nossa Faculdade deve atuar nos mais variados campos da comunicação humana e não-humana. O problema é o código utilizado pela planta. Fica a dúvida: cada planta tem um linguagem diferente, será que samambaias falam a mesma linguagem de uma margarida e assim sucessivamente? Que signos cada planta se utiliza, quais os sinais? Percebem? Que linguagem, será articulada ou não? Que semelhança teríamos entre esta linguagem e a dos golfinhos por exemplo?

- Que interessante, disseram alguns alunos que não se cansavam de anotar rapidamente o que o “doutor” dizia.

Ele sequer ouviu o resto. Código, signos, golfinhos, equipamentos sofisticados... As plantas falam e pronto, que negócio é esse? Sem que percebessem, saiu de perto com duas certezas: o “doutor” não era um dos escolhidos, e ele também assistia a TV no domingo. Pensou no dinheiro que se gastaria para tal pesquisa e à toa.

No fundo, ele sentiu dentro de si uma ponta de vaidade: sem aparelhagem e sem mais nada, a flor estava falando com ele. E se de fato ele não estivesse louco, tomara que nunca esses tais aparelhos pudessem fazer a comunicação com as flores, afinal eram elas que escolhiam com quem falar. Já pensou enfiar aparelhos entre os galhos e sabe-se lá mais o quê. Colocar um aparelho no meio desta ligação entre o ser humano e a flor era como interferir na intimidade delas, era dar uma de espião. Ficou com raiva do professor. Qualquer dia voltaria para dizer a ele como as coisas aconteciam fora da universidade, ensinar era bem diferente de saber fazer, realmente.

Enquanto pensava, vagou pela cidade. Nenhuma idéia lhe ocorria. Quem mais poderia informar alguma coisa? E o medo da loucura? Será que teria de ir ao psiquiatra? Mecanicamente foi se dirigindo para casa e quando menos esperava estava em frente à flor.

- Fale comigo outra vez, vamos ver – disse.

- Pelo jeito vejo que você ainda não acredita que eu posso falar, respondeu a rosa.

- Não acredito! Estive na biblioteca municipal, falei com pessoas na rua, tive até um papo com um professor, digo, doutor de faculdade, e ninguém sabe nada sobre a comunicação com as plantas.

- Que falta de confiança! Então não acreditou em você mesmo e foi saber a verdade da boca dos outros. Quando você vai ser mais seguro de si ?

- Ora, você é uma ilusão, não é ?

- Sou ? E o que não é neste mundo? Você buscou respostas em lugares errados. Não há livros sobre este assunto porque as pessoas que conversam com as flores não perdem tempo em escrevê-los. Escrever sobre nossas conversas não é o mesmo que conversarmos. Por outro lado – e riu - os professores ? Ora, eles não se ocupam com isso, não está nos livros e o que eles sabem é apenas repetir aquilo que lêem. E mais , há muito que os mestres não entendem de flores e até deixaram de tratar seus alunos como flores...

- A comunicação é própria dos homens, disse Alberto.

- A comunicação que você conhece é própria dos seres humanos , mas eu estou lhe ensinando outra hoje. Muito mais completa. Não há som, você percebeu ? Não há voz em verdade. Só você me ouve e ninguém mais. Contudo você pode se comunicar comigo de maneira mais plena e eficiente. Dá para sentir meu perfume, até meus sentimentos você poderá sentir, se aprender a “conversar” comigo. Os homens não sabem tudo, aliás sabem muito pouco.

- As outras plantas falam?

- Todas de uma certa maneira falam. Tudo o que existe fala. Veja, os objetos que você possui – seus móveis, suas roupas - não falam com você, mas de uma certa forma você se entende com eles. Todos têm sua linguagem própria, tudo que existe faz parte de um imenso Todo. O sol tem linguagem própria, os pássaros, o vento.

Há sintonia em tudo e essa é a comunicação maior, a plena, a que realmente vale a pena saber.

- E por que eu?
- Porque, digamos por ora que ... gostei de você.
- Mas como, só agora é que estamos conversando? Se nunca lhe vi e

você não existia há duas semanas atrás?

- Você está dizendo isso. Eu existo há muito tempo. Existi em futuro quando você cuidava das flores no orfanato e vim ainda em idéia na muda que você trouxe de lá. Demorou muito para eu existir assim como flor, mas você já me pegou nas mãos, já me acariciou, já me ajudou a viver. E por isso que estou aqui conversando com você, pelo que você é, ou melhor, pelo que somos.

- Somos? Você é uma flor e eu homem.

- Que importa o que pensamos ser. No fundo somos iguais porque tudo é igual. O tudo que existe, no fundo, é uma coisa só, sabia? Temos formas diferentes, apenas isso.

- Creio que estou ficando louco ...

- Não se abata. Você não consegue entender porque ainda continua duvidando, e o que é pior, duvidando de você mesmo. Eu também duvidei um dia, antes...

- Antes?

- Nada, deixa para lá, você não quer mesmo saber.

Ele parou de falar e ficou olhando para a flor. Havia um certo tom de mistério naquelas palavras. Havia uma vontade muito grande de saber mais e talvez valesse a pena descobrir aonde tudo isso iria acabar. O que perderia? Afinal se não fosse verdade e apenas fosse imaginação, não contaria a ninguém, e no fundo todos nós somos um pouco loucos mesmo.

- Então, vamos ver, eu irei parar de procurar explicações, fingirei que não estou louco e você me ensina, tá certo? Disse Alberto, em tom de desafio como que querendo ridicularizar a flor.

- Quanta certeza inútil. Está bem. Por hoje, durma, que amanhã você terá as primeiras surpresas.

Capítulo IV

“ - Amar é isso também. É criar o melhor, é ajudar a ser, assim como você fez e faz todos os dias, regando-me. Guarde sempre isso: o amor está mais no gesto do que na palavra. A mão que ajuda, que edifica, vale mais que a boca que apenas reza. Não basta dizer apenas que ama algo, ou alguém”

- Bom dia! Vejo que você também respondeu ao sol - começou falando a rosa logo bem cedinho quando Alberto saiu para o jardim.

- Responder ao sol?

- Claro. Logo cedo ele me avisa da manhã. Acaricia minhas pétalas e vem enxugar o pouco orvalho da noite que umedeceu meu corpo. De todas as poucas certezas do mundo, uma delas é que o sol nasce a toda manhã, quer você queira ou não.

- O sol fala também? Indagou num misto de surpresa e desdém.

- Fala não, se comunica, entra em sintonia, se lembra ? E como hoje eu estou mais velha do que ontem, estou mais sábia do que ontem, por isso eu posso compreender melhor as coisas do mundo, com mais clareza. Meu perfume torna agradável o ar a meu redor e isso me harmoniza com os insetos que me visitam. Preciso lhes dizer alguma coisa? Eles sentem meu perfume e gostam de mim por isso. Como desabrocho e me torno mais bela, enfeito o seu jardim e as pessoas que passam me olham e me querem, mas pertenço a você. Quem pode garantir que muitos não falam em você como sendo o rapaz que tem aquela flor vermelha no jardim? O sol, meu perfume, os insetos, as pessoas, você e eu, tudo se liga, se relaciona. Você não vê essas coisas?

- Vejo essas coisas, mas não assim como você. Uma rosa é uma rosa, uma parede uma parede, um perfume um perfume. O que há de comum entre tudo isso?

- O comum é que coexistem. Precisam uns dos outros como os homens, os seres humanos. Mesmo as coisas que não têm essa vida que você conhece, precisam umas das outras. Que seria da abelha que veio me visitar hoje pela manhã se eu não pudesse atendê-la? O que seria desta grama que me circunda se eu não estivesse aqui para servir de contraste? O que seria do céu sem o sol, e por que o sol haveria de brilhar se nós não existíssemos? O que seria de mim sem você?

- Sem mim? Que faço eu a você, que represento?

- A mim, tudo . Já lhe disse , amei você enquanto eu era ainda uma muda na sua mão no orfanato. Eu era seiva viva acariciada por você, passei a existir naquele momento. Era como se eu me visse flor ainda em galho. E essa alegria eu devo a você, por isso que existo e amo seu gesto, sua pessoa.

- Mas flores não amam...

- Não é desse amor que falo ! É do amor verdadeiro, que ultrapassa o meramente temporal, o aqui e agora. O amor que trago vem desde o primeiro gesto que fez nascer a primeira flor, a primeira rosa. Aquele impulso, aquele “ faça-se a planta” e ela foi feita porque era bela e boa, e por que um ser criador num gesto de amor fez esse mundo como nós vemos e onde temos que viver. Para mim, quando suas mãos me enterraram ainda em rama nesta terra, querendo que eu fosse flor, o gesto do criador se repetiu. Você me plantou por amor, e por amor eu nasci. Como eu poderia deixar de amar quem me fez nascer por um ato de amor ? Você talvez não saiba, ou talvez nem tenha tempo para pensar nisso, mas me ama também, e mais que isso, me ama mesmo antes de eu existir, porque você não queria que aquele galho arrancado da roseira ficasse sendo sempre um galho, seco e sem vida. Você queria a rosa, via a rosa. E eu estou aqui.

- Bem, é verdade...

- Amar é isso também. É criar o melhor, é ajudar a ser, assim como você fez e faz todos os dias, regando-me . Guarde sempre isso : o amor está mais no gesto do que na palavra. A mão que ajuda, que edifica, vale mais que a boca que apenas reza. Não basta dizer apenas que se ama algo ou alguém o gesto de amar que vale e foi pelo seu gesto que eu nasci. Então, como posso deixar de amar você? Por isso que eu lhe escolhi, por isso falamos, só nós dois. Por que eu deveria falar com os outros, e por que aquela rosa do jardim na cidade deveria falar com você?

- Mas eu gosto de plantas. Tem gente por aí que gosta de plantas também. E elas falam com todas essas pessoas?

- Há o gostar e o gostar. O que uma pessoa quer de uma flor quando a coloca num vaso para enfeitar sala não reflete necessariamente um sentimento de amor. Nós não gostamos de ser usadas porque somos bonitinhas num momento e descartáveis depois. Veja os jardineiros que amam a sua profissão. Quando eles plantam, nós vivemos; quando eles nos tratam, agradecemos. Há pessoas que plantam flores que morrem no dia seguinte. Os seres humanos dizem que há quem “tem mão” para plantar. Não é nada disso, há os que plantam por amor e os que não. Há os que plantam para que haja vida e há os que plantam para que haja “ornamento”, ou “dinheiro” ou “enfeite”...

- Bem , é verdade isso ...

- Com os seres humanos acontece o mesmo. Há quem ama o seu semelhante, há quem apenas o ajuda para se vangloriar depois. Como era sua vida no orfanato ? Todos lhe queriam bem igualmente ?

- É claro que não !

- Então, como você me quis ? Morta, num vaso no canto da sala, ou aqui no esplendor da terra, perto do sol e do céu, e dos insetos. Enfim, você quis vida e o que eu posso retribuir é fazer com que haja vida, e mesmo depois de não sendo mais rosa, continuar existindo viva em você.

- Existir em mim?

- Sim. Existir em princípio, existir como essência. Não preciso desta forma para existir, já lhe disse que estava na seiva da muda...O princípio das coisas é um só e ele está em tudo o que existe.

- Quem sabe tudo o que existe é Deus. Ele sim , sabe das coisas em qualquer parte do mundo. Você sabe o que é Deus?

- Deus ? Você acha que Deus é uma coisa e o mundo e tudo o que existe outra coisa separada dele ?

- Deus é quem criou tudo, não foi ?

- Sim.

- Então Ele é quem faz as coisas acontecerem , faz tudo existir. Deus é Deus e o mundo é o mundo.

- Olha, Deus ou outro nome que se possa usar para se designar este ser espetacular e único, não é uma coisa e o mundo outra coisa diferente. Por exemplo, como Ele pode saber tudo o que existe ? Ele está em toda parte, então quantos “Ele é”, um montão ?

Alberto não sabia responder. A rosa riu:

- Deus sabe de tudo o que existe porque Ele é tudo o que existe. Deus está em toda parte porque Ele é toda parte. Por isso eu não preciso saber o que é Deus, ou quem Ele é, eu o sinto, Ele está aqui, em mim. Assim como está aí em você, ou naquelas árvores da praça , no sol, na pedra , na terra, enfim , o mundo e Deus são uma coisa só.

- Este mundo que vivemos não foi feito apenas para ser pensado, Alberto, foi feito para ser sentido também

- Mas eu sinto

- Sente ?

- Sim !

- Então, como está a dor das crianças que estão sofrendo agora ?

- Não sei, não estou vendo...

- Quer dizer que o que os olhos não vêem , o coração não sente . Não existe.

- Não exatamente , é que , sei lá, não sei quem está sofrendo.

- Muita gente, Alberto. Todas as crianças que são vítimas dos maus tratos, os órfãos – você sabe disto - , os doentes, os impotentes que se entregam porque são pequenos demais para enfrentar a grandeza da brutalidade do mundo. E não é só : e todos os outros que também sofrem ? Doentes, mal-amados, solitários de toda sorte.

- É muito complicado ...

- Deus está com eles também. Há muita dor neste mundo imenso. Somente quem for capaz de sentir isso pode dizer que sabe o que é viver plenamente e se tornar uma pessoa melhor .

- Mas ninguém consegue tirar toda a dor deste mundo.

- Claro que não, mas cada um pode fazer uma parte pequena. Com o auxílio de todos, esta força se tornaria imensa. Deus está comigo, com você , com todos, é preciso perceber no seu coração que isto é possível e aí você poderá senti-lo também.

- Já que você falou em outro assunto, é hora, preciso trabalhar.

- Agora ? Já é quase noite.
- Noite ? Eu nem vi o tempo passar... – disse o rapaz assustado, olhando para o céu já começando a escurecer.
- A rigor o tempo não passou...
- Meu Deus, não fui trabalhar !!! Meu chefe vai me mandar embora e não terei como viver.
- Mas eu não trabalho e vivo.
- Você é diferente. A fome dói , sabia?
- E você sentiu fome hoje? Ou sede?

Ele parou de perguntar e ficou olhando a flor. Era verdade. Não comera nem bebera, e não se dera conta disso.

- Vá dormir, disse a flor, amanhã continuaremos de onde paramos.

Alberto levantou-se e entrou em casa. Que coisa mais estranha! Não comera nem bebera... Em casa, quis uma fruta e água, apenas. O sono começou a chegar suavemente. A noite lá fora tinha sons que antes ele nunca ouvira. A brisa batia no seu rosto e ele dormiu com a janela aberta, olhando o céu. Era gostoso saber que aquela estrela também estava piscando para ele. Um latido longínquo dum cão solitário saudava a lua imensa daquela noite. Um carro passava sonolento pela rua , alguns passos apressados caminhavam em direção ao lar. Podia ser um chefe de família chegando do trabalho, uma jovem que voltava da escola, ou ambos. Curioso, bastava prestar atenção para perceber que tudo se harmonizava, fazendo a melodia da noite. Será que algum compositor já tinha pensado em fazer a “melodia da noite”? Uma canção que sempre estivera ali.

Súbito, firmou mais atenção. Não! Seria possível ? Era demais... Por uns instantes pareceu ouvir a voz da rosa, cantando suave uma canção antiga, ainda do tempo do orfanato, que vagamente ele se lembrava. Uma canção escondida na sua memória, escondida na sua lembrança como um passado perdido na consciência, contudo, quando surgiu o primeiro acorde, parecia estar bem vivo no seu coração, e ele soube que a canção nunca havia saído da sua mente.

Uma sensação de bem-estar lhe invadiu o corpo e a alma. Lentamente, e feliz, ele adormeceu.

Capítulo V

“ Todos somos um, somos irmãos. Mesmo a rocha, em essência, é igual à planta, é só uma questão de forma diferente, mas a essência divina está presente em tudo isso, planta, rochas, animais. Nós devemos ver a vida como uma imensa harmonia, uma convivência de coisas e seres que são diferentes em seu aspecto, até mesmo contrários, mas que no fundo são o mesmo pensamento de Deus neste mundo ao qual chamamos de Terra”

Na manhã seguinte, Alberto já chegou perto da rosa para ficar.

- Vou inventar uma história bem triste para meu chefe e não vou trabalhar hoje também. Será pecado ?

- Pecado ? Perguntou a rosa, o que é um pecado?

- É fazer as coisas que Deus não gosta, disse Alberto.

- E do que Ele gosta ?

- Gosta que sejamos bonzinhos, por exemplo. Está nos mandamentos, respeitar pai e mãe, não matar, essas coisas que todos sabem...

A rosa não respondeu de imediato e indagou:

- Se um médico salva uma vida doente por causa de um fungo, ele agrada a Deus ?

- Claro

- Mas para isso ele teve que matar o fungo que estava no corpo do doente.

- É.

- Mas, e se esse mesmo fungo serve para fazer a penicilina que salva vida das pessoas , como fica essa história de pecado, ou ser ruim e ou bom?

Alberto não soube responder. A rosa continuou.

- Veja bem. Um ser humano , que podia morrer, foi salvo por outro ser que necessitou morrer. Morte gerando vida, vida sobrevivendo da morte.

- Mas aí Deus mandou que fosse assim.
- Deus mandou ? Não podemos entender Deus como sendo uma pessoa, dando ordens a todo mundo , lá de cima das nuvens. Aliás, como ficaria , onde está Deus quando estão ocorrendo todas as coisas do mundo ao mesmo tempo ? E mais, Ele mandou ? Deus é algum velhinho de barbas brancas a dando ordens daqui e dali, ou então alguém à espera de que você cometa erros para condená-lo porque você “pecou”

- Mas foi assim que eu aprendi.
- Eu não lhe disse que iríamos conversar outras coisas aqui ? E podemos começar dizendo que o pecado não existe. Ele foi uma invenção para que a gente se sentisse mal com Deus, sofresse, pedisse perdão a toda hora nos templos, porque quase sempre, para quem acredita no pecado, acaba-se sendo pecador . Entenda assim : pecado é a ausência do bem. Todas as vezes que você deixa de fazer o bem, você “peca” – nem sei se este termo é correto. Quer dizer, mesmo quando você não faz nada na hora que deveria fazer, você está pecando, porque a vida pede que você faça sempre o bem, tenha sempre uma atitude positiva, seja capaz de construir um mundo novo, ajude pessoas.

- Então é mais fácil do que eu pensava

A rosa riu:

- Ao contrário, é muito mais difícil. Os mandamentos , por exemplo, 7 deles dizem para não fazer alguma coisa.

- Então, basta não fazer o errado.

- Tudo bem, mas quem vai fazer o certo ? E mais, Deus disse que o maior dos mandamentos é amar ao próximo assim como Deus nos ama. Nós já discutimos isso, o amor é mais do que palavras, é um gesto.

- É verdade, eu poderia ter amado mais com o gesto do que com as palavras ao longo da minha vida.

- É isso mesmo. Quantas vezes você poderia ter ajudado alguém e não ajudou. Quantas horas da sua vida você ficou sem fazer nada quando poderia ter ido a algum lugar prestar serviços comunitários a quem estava precisando, quantas vezes você deixou de ensinar a um ignorante aquilo que sabe, por julgar que não valia a pena

perder seu tempo ? Isto é omissão e hoje, com o individualismo que o mundo moderno impõe às pessoas, “pecamos” muito mais por omissão do que por erros cometidos.

- Puxa!

- E mais, o mundo como está aí precisa ser acabado ainda. A obra de Deus precisa ser terminada. Deus não é uma pessoa, é substância que dá vida às coisas , por isso ele é tudo que existe. Todas as pessoas, todas as plantas, todas as rochas, os rios, o sol, o céu, porque tudo isso é fruto de seu pensamento, prolongamento de si mesmo desde o ato da criação.

- Então Deus é vida

A rosa parou um pouco como se fosse buscar inspiração e respondeu:

- Pense assim : Deus quer vida. Quando cortamos uma árvore para fazer uma casa, matamos a planta; quando fazemos um buquê de flores cortamos a rosa, quando cortamos a verdura para a mesa de quem tem fome... Nestes casos houve morte para gerar vida, só que transformada. A vida é transformação e nesta transformação está a vontade de Deus.

- Eu fiz isso quando cortei a rama e trouxe para cá para plantar no jardim e aí você nasceu.

- É sim. Foi a morte gerando a vida, se transformando em algo diferente.

A vida caminha para a morte e a morte renasce em vida, com outra forma, em outro espaço e tempo. A harmonia está nisso. Deus é equilíbrio e desenvolvimento, é mutação. Deus está sendo através de nós em cada ato que praticamos com a finalidade de propagar o bem.

- Mas estão acabando com as florestas e os animais, com as águas dos mares

- Isto sim é erro, é morte que não gera vida. A ecologia é uma ciência divina. Ela exige o equilíbrio. E mais, há os que acabam com as florestas pelo lucro, com os animais para encherem os zoológicos, com a água porque jogam nela detritos da produção das fábricas que buscam dinheiro, dinheiro, dinheiro. Aqui sim , Deus não está nisso e nem quer que aconteça.

- Dinheiro é coisa ruim ?

- Quando não gerar vida, progresso, quando for só acumulação de riqueza sem benefício a ninguém ...

Alberto estava extasiado.

- Todas as pessoas que acumulam dinheiro então são inimigas dos que acreditam em Deus ?

- Inimigos... Como uma pessoa pode ser inimiga de outra, ou de outra coisa se todas as coisas são uma só. Você é aquilo – se referindo ao portão - ou aquilo – uma árvore – ou aqueles – se referindo para os que passavam na rua . Todos somos um , somos irmãos. Mesmo a rocha , em essência, é igual à planta, é só uma questão de forma diferente, mas a essência divina está presente em tudo isso, planta, rochas, animas. Nós devemos ver a vida como uma imensa harmonia, uma convivência de coisas e seres que são diferentes em seu aspecto ou até mesmo contrários, mas que no fundo são apenas o mesmo pensamento de Deus neste mundo material que chamamos de Terra.

- E como vamos acabar , como será o fim de tudo ?

- Vamos acabar bem , com certeza. Só que podemos demorar mais tempo ou menos tempo. Depende de nosso esforço, como pessoas e como humanidade.

- Deus sabe disso ?

- Sabe.

- Ele sabe do fim de tudo ?

- Sabe.

- Ele sabe como tudo começou?

- Sabe.,

- Por quê ?

- Porque ele sempre esteve presente. Imagine você uma estrada que vai daqui a outra cidade. Você pega um carro e começa a viajar. Para você o tempo e o espaço existem. Conforme vai passando o tempo, você vai ganhando o espaço, vai vencendo os quilômetros. Concorda?

- Concordo.

- Mas eu pergunto: você vai demorar um tempo para chegar lá, mas quanto tempo a estrada demorou para chegar daqui até esta cidade ?

- Como assim ?

- Quando você começou a gastar o seu tempo para ganhar espaço,

quanto tempo a estrada gastou para chegar daqui até a cidade ?

- Ora, ela já estava aqui e lá.

- Claro. Para a estrada o tempo e o espaço não existem porque ela está em todo o percurso ao mesmo tempo. Nós, seres humanos, rochas, animais, temos um espaço e um tempo que nos limita, mas Deus não. Nós podemos acabar no meio da estrada, mas ela continua sempre. A humanidade continua sempre o percurso que apenas um homem começou. Não importa a estrada, porque muitos são os caminhos, mas todos convergem para um mesmo ponto. O objetivo da caminhada é a evolução, tudo evolui, é para isso que existimos: fazer evoluir o mundo.

- E no final ?

- Deus, apenas Deus . Ele estava lá quando tudo começou, está aqui agora e vai estar no final de todos os caminhos. No fim, todos seremos UM no seio de Deus, evoluídos, assim como todos saímos dele um dia .

A rosa disse isso e calou-se. Havia um sentimento de plenitude no ar. Por hoje bastava, era preciso refletir sobre tudo aquilo. A noite estava começando a chegar novamente. Alberto sentiu uma ponta de satisfação em ter participado desta conversa toda.

Apenas uma coisa lhe deixava ligeiramente triste. Conforme o tempo passava a rosa , que era um botão, ia desabrochando, ficando mais madura. Será que um dia ela desabrocharia por completo ? E depois disso, o que iria acontecer ?

Capítulo VI

*“ O ser humano não pode mudar o mundo, mas pode mudar a si mesmo.
Se você mudar a sai mesmo para melhor e
se os outros forem fazendo isso nestas estrada que nos leva a Deus,
um dia todos estarão mudados e bons”.*

Apesar de estar adorando conversar com a rosa, Alberto levantou no dia seguinte com uma certa indisposição. A idéia que lhe tinha vindo à cabeça na noite continuava martelando a sua mente sem parar. O que aconteceria daqui a alguns dias, quando a rosa completasse o seu ciclo, desabrochasse. Seria o fim de tudo ?

- Ué, sinto que há uma certa ponta de apreensão no seu coração, disse a rosa quando ele chegou perto dela. O que há ?

- Nada, respondeu.

- Então você pensa que pode me enganar. Nós nos comunicamos pela sensação e sua emoção é também a minha, sua dor me faz sofrer, seus medos batem aqui bem dentro de mim e eu sei que existe alguma coisa. Vamos lá !

- É que você está ficando velha muito depressa. A cada dia você-botão já é quase você-rosa-desabrochada e depois disso? Você vai morrer ?

- Ah, então é esse o problema. Quando eu desabrochar por completo e minhas pétalas caírem e eu não for mais flor, meu ciclo terá terminado e eu serei outra coisa diferente , transformada, revivida. Não falamos disso até agora ? Parece que você ouve o que eu digo, mas não acredita...

- Claro que acredito, mas se antes eu já amava você quando ainda era

uma rama no orfanato, não é justo que a ame mais agora que é flor , que cresce, fala comigo e me ensina ? Como você quer que eu me sinta sabendo que vou perdê-la ?

- Você nunca vai me perder. Eu sempre estarei em você, mas cada um deve cumprir com a sua missão.

- Eu sei, tudo acaba um dia, cada um é por si...

- Não, todos são por todos, só que tudo se transforma um dia.. Quando nosso destino for cumprido, nossa missão passa a ser outra coisa, numa outra dimensão. Evoluímos, individual e coletivamente. Algumas pessoas chamam isso de carma, outros de reencarnação, ou destino. Seja qual for o nome, uma coisa é certa : não morremos nunca e evoluímos sempre, até chegarmos novamente ao seio de Deus.

- Já me falaram em reencarnação e carma, a gente tem que pagar pelos pecados de outra vida, não é ?

- Pagar ? Quanto custa ?

- Ah, não sei. Se eu bater numa pessoa, na outra vida ela me bate, ou alguém me bate. Se faço as pessoas sofrerem, depois eu é que terei que sofrer, é isso não é ?

- Não exatamente. Quando nos transformamos, nos modificamos, evoluindo para melhor. Vivemos cada estágio da evolução para aprender e não para sofrer. O sentido do carma é a aprendizagem e não o sofrimento. Você está aprendendo agora e sofre por isso ? Um sábio que se ilumina através da meditação está sofrendo? Será que somente a dor pode nos ensinar algo?

- Mas quando sofremos, aprendemos...

- ... ou nos revoltamos. Quem pode dizer que apenas o sofrimento educa .

O riso nos faz mais sábios também. O prazer de uma paisagem nos encanta e nos ensina como Deus foi um arquiteto criativo quando criou sua grande obra, este mundo. Enfim, será que somente sofrendo é que aprendemos alguma coisa ?

- Mas a dor é professora sábia , não é ?

- Hum , gostei da maneira como você me perguntou. Viu,você está mudando. É claro que a dor nos ensina, aliás, talvez nada nos ensine mais. O enfoque, entretanto é o que precisa ser mudado: não vivemos para sofrer, sofremos para aprender, o que é outra coisa totalmente diferente, afinal aprender é o objetivo, a meta . Contudo, apenas sofrer , ou sofrer por sofrer, esta não é a finalidade da vida, nem do

carma e nem condição para evoluirmos. Para evoluir, o ser humano tem adquirir consciência. Veja a palavra: *com-ciência*, isto é, com saber. Iluminar-se. Consciente é quem sabe mais sobre o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal e faz a escolha certa no seu dia-a-dia. E para fazer o certo, propagar a justiça, difundir o bem é que vivemos. Esta é nossa função maior : fazer a vida ser mais plena de realizações boas, dignas de quem criou este mundo imenso , nosso Pai, e que não quer, com certeza, que seus filhos apenas sofram.

- Mas nem todos fazem o bem
- Um dia farão . Cumpra a sua parte enquanto isso.
- Mas os outros não fazem!
- Cumpra a sua parte.
- Mas como eu faço a minha parte ?
- O ser humano não pode mudar o mundo, mas pode mudar a si mesmo.

Se você mudar a si mesmo para melhor e se os outros forem fazendo isso nesta estrada que nos leva a Deus, um dia todos estarão mudados e bons. Veja, o que eu disse : não são apenas palavras, é o exemplo, o gesto é que arrasta a multidão.

- Quem vai prestar atenção em mim, como saberão ?
- Se quiser ensinar, eles ouvirão , ou apenas um ouvirá, não importa.

Dizem que quando o discípulo está pronto, o mestre aparece, mas o contrário também é verdadeiro. O mestre faz seus discípulos. A vida é uma imensa pedagogia, aprendemos e ensinamos a todo instante. Ora somos espectadores, ora atores no palco da vida. Há o tempo de batermos palmas e há o tempo de sermos aplaudidos.

- Eu estou batendo palmas...
- Obrigado, eu também já aplaudi muito. Hoje os fluídos positivos de seu aplauso me fazem crescer. Não é somente o discípulo que cresce com o mestre, também este se alimenta na hora que ensina e os dois crescem executando esta pedagogia mágica. Cumpra a sua parte e esqueça que você tem que sofrer para ter mérito com Deus. O mérito vem do tanto que você faz para construir esta obra divina, pois o mundo deve ser melhor, o mérito vem do tanto que você percorreu na estrada em direção ao Criador.

- Mas me falaram que o destino já foi devidamente traçado para nós ?

Como eu posso fazer as coisas de minha própria vontade se elas já estão marcadas ?

- Você pode mudar o seu carma. Dizer que o destino já foi traçado é transformar os seres humanos em fantoches, robôs. Nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, temos criatividade, temos o poder de fazer a vida ser melhor, para nós e para os outros. O balanço entre seu crédito e seu débito é o que vale ao final. Não está escrito que todos serão julgados no final dos tempos ? Se tudo estivesse escrito, você hoje já seria culpado ou inocente... Para que , então, viver, seu julgamento já estaria feito.

- É difícil compreender...

- Veja. Imagine aquela estrada que lhe falei . Você está nela. Sabemos que vai dar num ponto no qual você vai ter que chegar. Você pode escolher caminhar pela margem esquerda, direita, pelo centro. Pode escolher ficar parado num ponto qualquer , pode até voltar no caminho e nunca chegar o final da estrada. Pode deixar que alguns se percam no percurso ou ensinar outros a caminharem com você. O que você faz na estrada, como você caminha, é escolha sua. Entretanto, uma coisa é certa : ela chegará ao destino inexoravelmente. Destino é isso, a estrada já chegou ao seu ponto final. Está construída, está escrito. Contudo, como você caminha nela é um atributo seu, uma escolha sua, é a sua maneira de ser nesta caminhada. Nada mudará isso a não ser você mesmo. Deus permite que você imprima seu jeito de ser neste mundo e para tanto lhe deu capacidade para a caminhada quando o fez à imagem e semelhança dele. Isto é lindo, poderemos fazer o melhor para nossos irmãos e para o mundo , este é o sentido da vida.

Alberto se calou. Quanto poderia ser feito ! Como a vida é bela se entendemos que nosso caminho é escrito por nós e como somos importantes para nós e para os outros. Uma vida faz diferença, não é como lhe haviam ensinado no orfanato ou como havia aprendido ao longo dos anos. Quantas vezes haviam lhe dito “Você é nada ! A vida é para os poderosos, os ricos, os bem-nascidos ! A gente não conta .” Pura ilusão. Cada um pode fazer o que quiser desde que ache o real sentido da sua existência, os motivos do porquê estar neste mundo, construindo, edificando, cumprindo a parte que lhe cabe.

Riqueza ? É bom , mas não é só isso que conta. Cada um é rico à sua maneira, ou não ? Amanhã teria que ir à cidade. Ligaram do emprego. Com certeza seria despedido por conta das faltas, mas não sentiu medo, ou aflição .

Quando foi dormir , olho a flor pela janela. Cada vez mais bela, pensou consigo mesmo. Ela nunca dormia. Hoje ele sabia disso. Havia muito a se harmonizar com a noite, assim como durante o dia. O orvalho caia sobre ela e aquela umidade era benfazeja.

Fechou os olhos com uma canção aos seus ouvidos. Um som sereno Mesmo no escuro dava para saber que os móveis de seu quarto estavam todos ali,cada um fazendo aquilo que lhes cabia fazer. O seu relógio era quem trabalhava a noite toda para que na hora certa amanhã, ele fosse acordado. O criado mudo não era apenas uma peça a mais do lado da cama. Ele segura o relógio, os livros de cabeceira. O guarda-roupa velho cobria seus pertences para que não sujassem , o quadro na parede alegrava o quarto.

Tudo possuía uma razão de ser e , pela primeira vez, ele sentiu que as suas coisas não eram os “ cacarecos velhos” como dizia antes. Eram coisas dele, da sua vida, convivia com elas e sentiu um orgulho imenso de ter apenas aquilo, mas sabia que era seu, era seu mundo, e amou-as profundamente.

Capítulo VII

Perto do ponto do ônibus havia um mendigo. Ele sempre estivera ali, pedindo uma moeda a todos que tomavam o coletivo. Enfiou a mão no bolso e lhe deu uns trocados. O olhar do mendigo foi de profunda indiferença. As moedas não representaram muito, ele as pegou mecanicamente, como se soubesse que elas não mudariam em nada a sua vida e que a sua condição miserável continuaria sendo a mesma.

No dia seguinte, ele acordou bem cedo, como sempre fazia para ir trabalhar. A rosa sorriu ao vê-lo sair:

- Está elegante hoje ...
- Obrigado, é que no escritório todos devem ir bem vestidos. Volto logo,

Disse com ansiedade porque queria continuar o diálogo com a flor e saiu para o ponto de ônibus. Parecia que ele estava fazendo isso pela primeira vez . O sentido das coisas havia mudado. Nada era como antes.

As pessoas, elas tinham algo a mais. Não eram simplesmente pessoas, eram seres mais próximos dele do que já haviam sido antes. Parecia que todos eram de uma mesma família, com afinidades comuns, medos comuns, anseios comuns. Ele podia olhar nos olhos delas e ler um pouco de seus sonhos e angústias. Era como se ele estivesse ligado dentro da mente, do coração dos seres humanos. Sentiu-se invadido por uma imensa força, e pela primeira vez sentiu-se capaz de cumprir aquela missão que a rosa lhe havia dito.

No escritório, o chefe começou falando alto. Ele apenas olhava fixo nos olhos do chefe, podia compreender o porquê de tudo aquilo. O chefe era fraco, quase impotente, sua força vinha exatamente do autoritarismo que ele sempre impunha aos seus

subordinados. Aos poucos ele foi abaixando a voz, abaixando, abaixando, e no final pediu desculpas por ter que despedi-lo.

Alberto sequer se importou com aquilo. Pegou o dinheiro que lhe era devido, enfiou no bolso, despediu-se de alguns amigos. Uns choraram, outros ficaram indiferentes e em alguns minutos estava novamente entre a multidão nas ruas alucinantes daquela megalópole.

Cada pessoa com a qual cruzava tinha uma história estampada nos olhos. Era possível ler aqueles rostos, aqueles olhares, sentir pena, raiva, desprezo ou até orgulho em algumas daquelas vidas. A história das pessoas é um emaranhado de situações que dificilmente podemos entender, quanto mais julgar.

Perto do ponto do ônibus havia um mendigo. Ele sempre estivera ali, pedindo uma moeda a todos que tomavam o coletivo. Enfiou a mão no bolso e lhe deu uns trocados. O olhar do mendigo foi de profunda indiferença. As moedas não representaram muito, ele as pegou mecanicamente, como se soubesse que elas não mudariam em nada a sua vida e que a sua condição miserável continuaria sendo a mesma.

Tentou ler nos olhos um pouco da sua história de vida. Não conseguiu. Havia naquele olhar indecifrável uma ausência de vida, uma absoluta falta de esperança frente ao amanhã. Era como ele estivesse morto. Dava apenas para sentir uma dor profunda, impregnada em todas as suas células. Uma dor sem definição, sem motivo, apenas a dor em si mesma, substantiva, capaz de aniquilar uma existência.

Como ele poderia ainda estar vivendo? O que ele estaria aprendendo com aquele sofrimento? Qual a consciência adquirida daquilo tudo? Algumas pessoas passavam rapidamente e quase chutavam mão estendida daquele ser jogado na sujeira do chão.

Alberto sentiu uma angústia imensa invadir sua alma. Sua impotência frente a isso era tal que nada restava a fazer a não ser chorar e rezar. Mas rezar o quê? Que palavras poderiam ser tão fortes... E como que buscando consolo, talvez mais para si do que para o mendigo, fechou os olhos:

“ Senhor, eis me aqui no meio de tantos e tantos de vossos filhos. Eles clamam pela vossa presença, pelo vosso amparo, pela vossa mão generosa. Há dor nestes corpos, há amargor nestas almas humanas que criastes e somente vós podereis aplacá-las com vossa bondade. Por isso, emite vossos raios benfazejos e

consola vossa família de viventes . Daí esperança para estes corações carentes; daí força para os braços destas pessoas para que possam ganhar o pão de cada dia; conspire para o bem de modo a que cada um possa achar emprego digno, melhores oportunidades de vida. Cura a dor dos enfermos, aplaca a sede e a fome dos miseráveis. Guia com vossa luz os fracos para que não pereçam em meio à caminhada e se entreguem à violência, ao vício, ao caminho fácil. Fazei outra vez desta terra o jardim paradisíaco do início dos tempos . Dai a todos apenas uma chance , para que cada um possa ser mais, de modo que, em sendo, possa ter o mínimo de dignidade, alegria e felicidade neste viver. Ou então, por fim, aos desvalidos e terminais , acata-os em vosso seio e embale-os, mesmo se eles fizeram pouco na complementação do mundo, obra que criastes para a felicidade de toda a espécie humana, porque apesar de tudo estes também são vossos filhos e todo bom pai, ao final sabe perdoar”.

Após estas palavras, Alberto calou-se e quando abriu os olhos se deu conta que suas palavras havia sido proferidas em voz alta. O mendigo, antes indiferente, olhou Alberto nos olhos e disse com a voz fraca :

- Obrigado...

O semblante dele estava mais calmo, seu olhar não era mais tão indecifrável assim. Alberto pôde ler apenas alguns poucos “ flashes “ de tempo de uma história triste de risos, família, emprego, desamor, abandono, drogas...

Estendeu a mão até a cabeça do mendigo e do fundo de sua alma, disse :

- Deus te proteja...

O mendigo acenou com a cabeça e estendeu a mão para outro passante pedindo nova esmola.

Alberto saiu dali e em vez de pegar o ônibus começou a andar de volta para casa. Sua mente era um turbilhão. Por que, meu Deus ? Uns com tanto e outros com tão pouco ? Não somos todos filhos de um mesmo Pai , não temos dele o mesmo amor ? Deus, então, faz escolhas, privilegia uns filhos em detrimento de outros ?

Eram tantas as perguntas sem resposta. A flor, sim , a rosa, ela saberia lhe dizer o porquê disto tudo.

- Oi, como foi no escritório ? Perguntou a rosa quando ele chegou em casa já durante a noite.

- No escritório, fui bem , mas estou triste, muito triste.

- Posso ajudar ?

- Não hoje, meu cansaço é muito. Por favor, amanhã conversaremos.

- Não demore , Alberto, não demore. Olhe no chão.

Alberto olhou e viu algumas pétalas caídas. A rosa desfolhava, o fim começava a acontecer. Um nó na garganta embotou a sua voz . O que temia começava a acontecer. Quanto tempo ela ainda teria de vida ? O que seria depois que ela se fosse, mas ela havia dito que nunca o abandonaria, como seria possível ?

No meio destas dúvidas , caminhou lentamente para o quarto e um nó na garganta se formou , por causa disso, demorou para dormir. Por fim o cansaço o venceu .

Capítulo VIII

“ - A riqueza é só uma capa, uma máscara que esconde o eu e fortalece o ego das pessoas. Há quem seja rico, seja abastado no mundo do ter e abastado no mundo do ser. Estes são raros, difíceis de se encontrar. Mas a maioria das pessoas se perde entre ter e ser. Os que vencem são aqueles que conseguem ser mais, mesmo tendo um pouco menos.”

- Oi, como foi durante a noite ?
- Dormi muito pouco, e você, olhou para a lua o tempo todo?

A rosa riu concordando. Disse que não havia nada mais belo do que isso em noite de lua cheia.

- Noite de lua cheia é noite de lobisomem ... ironizou Alberto
- Ah,ah,ah, riu a rosa. Falando nisso, comentou, um lobisomem é um lobo que vira homem ou um homem que vira lobo ?
- Não sei, qual a diferença ?
- Muita. Na verdade muitos homens viram lobo e se tornam predadores dos seus semelhantes sem pelo, ou dentes a mais. O que você acha ?
- Sei lá...
- Jesus foi o cordeiro do mundo, não foi ? E eram tantos lobos a julgá-lo. .
- Mas não era isso que eu queria saber de você. É outra coisa.
- Se eu souber explicar...
- Ontem muita coisa nova aconteceu comigo. Eu pude olhar para as pessoas e entender um pouco delas apenas através do olhar, por quê ?
- Porque você começou a ficar em sintonia. Nada é separado, tudo é um só e você começa a perceber isso. É um grande passo, Alberto.
- Meu chefe, que eu sempre temi, acabou falando baixo comigo, até

pediu-me desculpas. Cheguei a ficar com pena dele.

- Como todos os seres humanos , ele também tem sua dor, sua fraqueza.

Geralmente, os chefes usam mais do autoritarismo do que da autoridade.

- Qual a diferença ?

- Autoritarismo é algo que vem de cima para baixo. O cargo proporciona isso. O autoritário diz “ faça porque eu quero”, impõe sua vontade porque pode mandar você embora.

- E a autoridade ?

- Autoridade é quando você reconhece que seu chefe merece respeito e você cumpre as ordens espontaneamente porque percebe que ele sabe o que faz, tem capacidade. Quem tem autoridade não impõe medo, impõe respeito. O autoritarismo é próprio dos fascistas, a autoridade é própria dos líderes.

Alberto se calou, pensando.

- Era isso o que lhe preocupava ?

- Não só isso. Sabe, eu fiquei pensando. Eu sempre quis uma vida melhor – não que eu tenha pouco – mas sempre quis outro emprego, quis ter mais dinheiro, sonhei em ser rico. Depois você me fez ver que isso não era tudo e hoje eu não penso mais assim. Só que se eu fosse rico eu poderia ajudar mais as pessoas, distribuir o que eu teria para os outros...

- Todos dizem isso, principalmente quando sonham em ganhar na loteria e aí, ficam esperando pelo prêmio. Se ele vier, quem sabe ajudam ao próximo, se não vier não fazem nada, porque não ganharam . Sabe, aquela bobagem de que Deus não quis que eu fosse rico e outras coisas.

- Mas se eu tivesse mais , eu poderia dar mais.

- Dinheiro ? Talvez, mas é só isso que se pode dar aos outros ?. É só isso que conta? Há pouco você me falava sobre o lobo e o homem. Se em cada homem nascer um lobo faminto pelo poder, a vida será uma caça constante aos da mesma espécie.

- É verdade, mas muitas vezes é preciso caçar para não ser caçado...

- Eu sei – concordou a flor, mas por que você precisa escolher uma opção entre duas opções igualmente más ?

- Como assim ?

- Por que caçar ou ser caçado ?
- Mas é o que existe, não é ?
- Não ! Nem caçar e nem ser caçado, pode haver uma terceira via que você deveria considerar. Veja, há um ditado que diz que ninguém pode vencer um sábio simplesmente porque um sábio não luta. Se não há luta não há vitorioso e nem derrotado, não há caça e nem caçador.

- Mas aí, como crescer, como vencer na vida, quem caça e consegue, fica rico , não fica ?

- Mas a gente somente vence quando fica rico ? A riqueza não é você. Quando você tira o relógio do pulso o tempo pára ? Você é o sentir, o amar, o saber, enfim, você é. Aquilo que lhe pertence está num outro mundo, o mundo do ter. Ser e ter, um binômio que conduz a nossa vida. Nem sempre porque temos mais, somos mais. Contudo quando você é mais, você tem mais. Esta felicidade interior não vem daquilo que você tem e sim daquilo que você é.

- Mas ter mais ajuda a gente a ser feliz.
- Só se você colocar sua felicidade nisso, no ter e não no ser
- Mas a pobreza é triste, doída. Eu sei o que é isso, eu vi os que passavam nas ruas da cidade , eu vejo sempre pela televisão as coisas que eu nunca pude e nem posso ter e isso me faz menor.

- Menor para quem ?
- Para mim mesmo. Quem gosta de fracassar ?
- Mas o fracasso está em tentar e não conseguir, e às vezes nem isso.

Você tentou ser alguma vez e de fato fracassou ?

- Não sei...
- O mendigo foi uma prova disso, não foi ?
- Como você sabe ? Perguntou espantado Alberto.
- Alberto, estamos ligados, lembra-se ? Confesso que chorei quando ouvi sua prece. Eu não teria feito melhor.

- Mas, então por que Deus não dá àquele mendigo o que ele precisa ?
- Deus deu através de você, afinal você deu ao mendigo alguma coisa, ou não ?

- Sim , mas palavras, apenas palavras...

- E ele o que fez ? Foi mais grato a você pelas moedas ou pelas palavras ?

- Pelas palavras.

- Quanto elas custaram ?

- Nada.

- Você ficou mais pobre ao dá-las a ele ?

- Não, acho que fiquei até mais rico, mais feliz...

- Veja, esta é a diferença entre o ter e o ser. Quando se dá, aquele que tem, fica com menos, e aquele que é fica maior ainda. Você está sendo agora, nestas conversas que temos, por exemplo. O que eu lhe dei? Algum objeto, algum adorno que você colocou no braço, vestiu? O que eu lhe dei foi um pouco de mim, não do que tenho, mas do que sou e com isso você passou a ser também. Você ficou mais rico por dentro, mais capaz, mais feliz sem ter nada, apenas sendo mais do que era. Ou não ?

- Sim.

- A riqueza é só uma capa, uma máscara que esconde o eu e fortalece o ego das pessoas. Há quem seja rico, seja abastado no mundo do ter e abastado no mundo do ser. Estes são raros, difíceis de se encontrar. Mas a maioria das pessoas se perde entre ter e ser. Os que vencem são aqueles que conseguem ser mais, mesmo tendo um pouco menos.

- Não sei ...

- A lei é igual. Quanto mais se é, mais se quer ser. Isto é evoluir. Da mesma forma, quanto mais se tem mais se quer ter, isto não é evoluir, é enriquecer. Quando se morre, o que se tem fica aqui, nada se leva, nada se aproveita. A riqueza faz bem ao corpo, a sabedoria faz bem à alma.

- Preciso pensar sobre isso.

- Então pense, disse a rosa e se calou.

Ele sabia que ela estava certa. Na verdade as coisas que temos são passageiras, mas as experiências que vivemos, aquilo que aprendemos são coisas que retemos para sempre dentro de nossa mente e de nosso coração.

Por isso a vida no orfanato tinha sido feliz apesar de tudo. Tinha-se pouco, mas todos eram uma só família. A alegria de um contagiava o resto e a competição deixava

de existir porque se sabia que nada daquilo lhes pertencia e não lhes pertenceria nunca.

Este mundo do ter é o responsável pela miséria que anda por aí. Uns têm tanto e outros com tão pouco. Sempre pensara nisto como uma injustiça que Deus fazia contra os seres humanos. Por que dar em demasia para alguns e privar tantos? Por que alguns países eram ricos e outros pobres? Perguntou para a rosa:

- Mas se é importante ser, porque então Deus não dá tudo igualmente a todos? Por que alguns sofrem pela miséria?

- Deus deu tudo a todos. O paraíso que ele criou foi para todos os seres humanos. Estes é que se desviaram do caminho e passaram a acumular em vez de repartir.

- Mas por que ele não intervém?

- Quem disse que ele não está intervindo? Nós estamos no meio da estrada, se lembra? Temos que continuar esta viagem só que fazendo o bem. No começo, o ser humano estava no paraíso, mas a cobiça fez com que ele saísse de lá. Mais tarde a inveja fez com que irmão matasse irmão e de lá para cá os descaminhos foram se sucedendo. E tem mais; muitas vezes quando se ganha é que se perde. Quantas pessoas perderam sua dignidade quando ganharam a riqueza indevidamente. Deus sabe isso, e às vezes não tendo é quando temos mais.

- Mas isto não é consolo para ninguém, como eu vou saber se estou tendo mérito perante Deus quando passo fome, dor, miséria. A vida não é sofrimento, você disse isso!

- Por isso que você pode mudar seu destino. Deus não quer que você se conforme, ele quer que você fique indignado aja, mas não do mesmo modo que os outros estão agindo. É preciso agir diferente.

- Mas todos são iguais...

- Não, a diferença está no detalhe. Todas as vidas são lugar comum.

Nascemos, crescemos, nos multiplicamos e morremos. Mas o que faz alguém ser mais? Os detalhes da sua vida, as coisas com as quais se importou, as pequenas coisas que ajudou a construir, os pequenos benefícios que trouxe para os seus semelhantes. Há até quem consiga fazer a “grande diferença” sendo apenas um pouco diferente, isto é, sendo mais para os outros do que para si mesmo. Estes são poucos, mas as portas

do paraíso estão abertas a todos os que fizeram a diferença, que não passaram pela vida em branco “ sendo igual a todo mundo” ...

Ambos se calaram.

- E tem mais, Alberto. Uma palavra de consolo, uma palavra que oferece um caminho alternativo, vale mais do que “ alguns trocados” . Você viu isso hoje na cidade .

Alberto sentiu que era verdade. Seu coração foi invadido por uma alegria imensa, e até mesmo uma ponta de vaidade. Todos deram ao mendigo uma esmola, ele dera uma prece e isto fez a diferença. E a rosa continuou :

- Mesmo porque para ser igual aos que aí estão não era preciso que uma rosa falasse com um ser humano, por exemplo. Nós temos uma missão e ela precisa ser concluída. Nós precisamos concluir a obra de Deus, fazer este mundo ser como Deus o imaginou . Esta é a vontade do criador, ele quer que você seja feliz, você assim como todos os demais seres humanos, portanto contribua para que haja felicidade em vez da dor. É simples.

A rosa disse isso e se calou.

Era verdade. Se todos pensassem mais em ser do que em ter, se houvesse mais a repartição do pão do que o acúmulo dos bens, se todos se vissem como irmãos, este mundo poderia voltar ao estado de paraíso como já fora no princípio de tudo.

Era preciso fazer alguma coisa.

- Vou pensar sobre isso, repetiu para a rosa.
- Pense, Alberto, pense... minhas pétalas estão caindo...
- Mas aí o que vai acontecer ? Eu vou perder você ?
- Perder ? Às vezes quando se perde é que se ganha ...

Capítulo IX

“Dor ! Uma chicotada, outra, mais outra. Um negro apanhava no tronco, e ele sentia na pele aquela dor, mas não era ele quem apanhava, ao contrário, batia. Viu-se como feitor no pelourinho, teve vergonha de si mesmo. Depois uma cavalgada, uma emboscada, negros atiraram nele na curva da estrada, no mato. Escuro novamente, o mesmo túnel.”

Na manhã seguinte não havia sol. Nuvens mais densas cobriam o céu e talvez chovesse. Alberto levantou-se ainda pensativo sobre todas as coisas que haviam acontecido no dia anterior. Foram coisas inimagináveis. A sua vida, com certeza, jamais seria a mesma, havia tanto para se saber, tanto para se fazer...

Ainda dentro de casa viu a flor e no gramado, mais uma pétala havia caído. Quando ele tentou recolhê-la no dia anterior a rosa pediu que deixasse ali justificando: “ Servem de adubo para a terra”, comentou a flor. “ Você já pensou que do estrume da terra é que vem o perfume da flor , Alberto?”

Ele nunca havia pensado nisso. Até da maior podridão vem a vida. Tudo se recicla, se transforma, evolui...

- Bom dia !

A flor não respondeu. Ele insistiu:

- Bom dia !

Ele tremeu , pensando o pior.

- Flor, por favor, responda, responda...

Ela, parecendo acordar de um sono profundo, respondeu lentamente:

- Ah, você já está aí ?

- O que aconteceu , ele perguntou aflito, você não está bem ?
- Eu ? Estou melhor do que nunca ...
- Mas como você não me respondeu , eu pensei que você ... , bem você sabe..

- Que eu tinha ido embora ?
- É, morrido...
- Morrer, mas que palavra feia, Alberto. Nós já discutimos isso. Mas não foi isso que aconteceu, não . Falta ainda um tempo ...

- Que bom !
- Eu estava noutro lugar , ou melhor dizendo, eu estava meditando.
- Já ouvi falar sobre isso. A gente fica quieta, e aos poucos vai sentindo coisas e num belo momento relaxamos até repousar, não é ?

- Não !
- Ué, meditação não é relaxamento ?
- É e não é. Meditar é ir além, entrar em sintonia, compartilhar com o Todo a sensação única de plenitude que todos buscam e sobre o qual os gurus tanto falam.

- Mas isso é difícil !
- É verdade. Há pessoas que pensam que meditam, mas apenas se calam. Nada dizem, nada ouvem, nada sentem.
- Dá para aprender ?
- Tudo dá para aprender, desde que se queira...
- Eu gostaria de aprender...

A rosa sabia que a tarefa seria árdua e avisou Alberto.

- Temos pouco tempo, Alberto, por isso é importante o máximo possível de atenção no que vou lhe dizer.

A rosa começou a lhe ensinar os primeiros passos. Sentar-se e confortavelmente, deixar a mente vazia, não pensar em nada. Passo a passo, Alberto ia sentindo o que a rosa lhe falava. Aos poucos podia perceber seu corpo, viajar nele, ir das mãos ao tórax, sentir o sangue correndo pelas veias. A força mental da rosa ajudava-o como se ela fosse criando dentro dele algo diferente, dando-lhe o poder de ser mais.

Súbito, um barulho na rua desviou a sua atenção.

- Desculpe, falou Alberto.
- É difícil, mas é preciso concentrar-se mais. Esqueça o mundo aí fora, volte-se para dentro de você. Vou tentar entrar em sintonia com você , Alberto, não se assuste. Nossas mentes podem se fundir quando você estiver totalmente entregue à meditação. Haverá uma união nossa com o Todo, e aí você poderá entender muitas coisas que não podem ser ditas porque as palavras nada significam frente à grandeza daquilo que se sente.

Eles recomeçaram. Uma hora, duas, muitas vezes tentaram juntos. Passaram assim uma manhã inteira, até que , aos poucos, Alberto começou a entrar num transe jamais imaginado. Era como se ele saísse dele mesmo para um espaço diferente. Olhou para baixo, viu ele e a rosa no jardim. À sua frente, entretanto estava a mesma rosa como se tudo o que ele visse e fosse havia se tornado um duplo. De repente, um túnel em espiral surgiu e Alberto entrou nele como num turbilhão.

Num passe de mágica, estava novamente no orfanato. Parecia estar vivendo coisas já vividas. Podia sentir o cheiro do refeitório, o vento batendo no rosto quando das brincadeiras no pátio. Viu o berço em que dormira a primeira vez. Aos poucos foi voltando no tempo. Tristeza, sentiu novamente a sensação de abandono quando foi deixado com as freiras, surgiu a imagem de uma mulher chorando ao entrar num carro com um homem que ele não conhecia e sair para nunca mais voltar Num rápido “ flash” , viu um rosto de mulher olhando para ele com ternura . Depois, afogou-se num escuro molhado, mas protegido, farto de alimento, de paz. Escuro, mais escuro o túnel novamente ...

Nisso , bombas estouravam ao seu redor, gritos de soldados mutilados, correria, gemidos... Ele podia ver suas mãos trabalhando em ataduras cheias de sangue , costurando corpos, podia ouvir sua voz consolando os feridos. De repente, um estouro e uma dor no peito forte fez com que caísse ao chão . Escuro, o túnel outra vez...

Dor ! Uma chicotada, outra, mais outra. Um negro apanhava no tronco, e ele sentia na pele aquela dor, mas não era ele quem apanhava, ao contrário, batia. Viu-se como feitor no pelourinho, teve vergonha de si mesmo. Depois uma cavalgada, uma emboscada, negros atiraram nele na curva da estrada, no mato. Escuro novamente, o mesmo túnel.

Um clarão ! Fome, doenças. Os castelos à sua volta estavam cheios de pessoas morrendo de uma peste jamais vista. Os senhores encastelados impediam que o povo entrasse. Cavaleiros com armadura investiam contra as pessoas enfraquecidas. Abraçou uma mulher e uma criança enquanto corriam para o campo. Estavam salvos. Não adiantou, veio a dor, o calor pelo rosto, ardume na boca, febre, sede. Escuro, túnel outra vez...

Os gritos agora vinham de uma praça. Todos berravam pedindo que um homem fosse condenado. O olhar dele era sereno . Não havia culpa, medo, só dor. A multidão ensandecida queria sangue. Havia muito ódio naquelas pessoas. Espremido pelo povo , foi atravessando a praça e ficou perto de outra pessoa, cheio de ornamentos, que balançando a cabeça, lavou as mãos. Como que empurrado pela turba, seguiu com ela. Colocaram aquele homem sereno numa cruz. Os pregos vazaram o seu pulso.

No monte, em meio ao dia, as cruzes estavam postas lado a lado. Aquele homem sereno disse algumas palavras com a sua voz enfraquecida. Depois disso, um soldado varou-lhe o corpo com a lança. O céu ficou escuro em pleno dia. Terror, o povo corrida pelas ruas, temendo pelo fim do mundo.

Algumas mulheres choravam o morto. Uma em especial tinha um olhar meigo como ele jamais vira. Foi a primeira a pegar o corpo inerte do homem quando foi baixado da cruz. A piedade dela era tanta que ele podia sentir também aquela dor. Mecanicamente olhou para os lados e viu uma flor. Num impulso, colheu-a e entregou-a para mulher, tentando consolá-la. Ela olhou para ele com gratidão, beijou a flor e colocou-a sobre o corpo do filho, antes que o túmulo fosse fechado e ...

A flor !!! Era ela, a flor !!!

A imagem da rosa surgiu magnífica na sua mente. Alberto podia sentir o perfume dela como nunca sentira antes. Pareceu-lhe que estava dentro dela, que eram um e outro num só corpo, numa só mente. Correu pela seiva da planta, escutou o que os animais vinham lhe dizer durante a noite, viu o nascer das manhãs , sentiu o prazer do sol e do sereno nas pétalas macias. E , súbito, sentiu a dor e o medo da primeira pétala caída, depois outra, e mais outra...

- Não !!! Gritou , saindo do transe, ofegante.
- O que foi , Alberto ?
- Meu Deus, quanta coisa num só momento, quantas mortes, quantas

dores...

- Não, não é isso, disse apressada a flor interrompendo aquele raciocínio.

Veja as alegrias, quantos filhos, quantas pessoas boas encontradas pelo caminho, quanto bem feito aos semelhantes, quantas feridas curadas naquela guerra insana, quantos amigos no orfanato. Enfim, veja quanta vida para se lembrar, por que se fixar apenas das mortes ?

- Era você no túmulo ?
- Sim, nos conhecemos há longo tempo, não Alberto ?
- Por que só agora ?

- Quem disse que foi só agora ? Na linha do tempo, encantei teus jardins por anos, estive na mão de tuas esposas, enfeitei quartos de hospitais onde trabalhastes, embelezei os campos por onde passastes, eu sempre estive contigo.'

- Mas por que falar comigo só agora ?
- Porque só agora você estava pronto para ouvir. O ciclo, se lembra ?

Agora você está mais perto do fim.

- Que fim ?
- Do ciclo. Você é uma alma velha, Alberto. Traz consigo uma grande

consciência já vivida. Só falta um pouco mais...

- Pra quê ?
- Para o fim do ciclo. Há muitas moradas na casa de Deus, nesta em que

está , você já viveu em todos os cômodos...

Alberto não conseguia ainda respirar com regularidade.

- Vou me lembrar sempre disso ?
- Não desse jeito. Esta experiência foi um momento raro e especial que

vivemos juntos, aos poucos a sua mente vai esquecer o que se passou. Doravante isto pode reaparecer como se fosse sonho, nada mais. São só mais alguns instantes. Esta regressão não vai mais acontecer. Apenas medite, medite sempre, entre em sintonia com o Todo para poder sentir tudo o que cerca você.

Ambos se calaram como que querendo reter aquele momento.

- Agora , você vai dormir. Você reviveu séculos numa fração de segundos, o seu organismo sente isso e precisa descansar.

Aos poucos as pálpebras de Alberto foram se fechando e ele dormiu um sono profundo de alguns minutos.

- Puxa, adormeci ?
- Não, você meditou, Alberto. O que você se lembra ?
- Lembro-me de que estava num túnel, vi imagens de pessoas que não conheci, ou pelo menos acho. Mas sinto-me muito bem. Parece que me identifiquei com as coisas que me cercam, foi isso ?
- Sim , a meditação permite esta identidade.
- Todos sentem isso quando meditam ?
- Alguns vão até mais além... Por isso que São Francisco chamava as coisas de “amigo sol, amiga lua, amigo pássaro” dava bom dia aos animais. A identidade que ele conseguia é a plena comunhão com o Todo, é a verdadeira comunhão com Deus...
- Você sente esta comunhão ?
- Eu ? Eu sou apenas uma flor, respondeu a rosa com um sorriso na voz...

Capítulo X

“ - E tem mais, Alberto. O amanhã é projetado no hoje. Em vez de sermos, nos já somos o amanhã . Eu fui a rosa quando voe me reparou a muda no orfanato, eu já estava lá, se lembra

disso. Por esta razão , o futuro está sendo escrito agora, não é algo que vem depois. Não perca tempo pensando apenas no amanhã como se retardasse todos os dias as coisas que tem que fazer. Faça-as no agora, com o que você já sabe, planeje, estude , pense, projete”

A noite para Alberto foi de sonhos nunca sonhados. Imagens esquecidas de sua infância voltaram e se misturaram com cenas da experiência que ele tivera no dia anterior.

- Bom dia, disse ao ver a rosa.
- Como foi a noite ?
- Estranha, mas maravilhosa. Fui herói de batalhas que não lutei, médico em guerras, salvando vidas de pessoas que nunca vi. Fui amante, marido, pai, nunca tive tantas vidas como neste sonho de ontem. Parece que eu era muitas pessoas, estava vivendo em tempos passados . Foi incrível, se eu tivesse sido isso tudo...

- Nunca se sabe, Alberto, nunca se sabe. Os sonhos que temos às vezes voltam e com certeza você vai sonhar com isso novamente. Aproveite estes sonhos para acreditar que tudo foi verdade, a vida vai ficar mais emocionante, você não acha ?

Alberto concordou com a cabeça. Olhou para a flor curioso e perguntou ;

- Você sonha ?
- Eu me lembro .
- Do quê, de seu passado ?
- Sim
- Flor tem passado ?
- Claro que sim .
- Conte-me
- Ah, nada de especial
- Conte-me
- Bem, desde quando me lembro, eu fui colhida da terra uma vez por um rapaz que quis consolar a mais santa das mulheres. Tive a sorte de ver o renascimento da vida acontecer dentro de um túmulo milenar. Depois, pelas mãos de um homem santo, fui recolhida como relíquia, replantada milhares de vezes. Por isso, corri o mundo, em inúmeros jardins, buquês de noivas. Quis o destino que eu sempre tenha

sido ligada à cruz, até me unirem a ela e me tornar uma rosa com uma cruz, uma rosa-cruz, com o tempo acabei no seu orfanato e pelas suas mãos estou aqui.

- Você teve uma vida longa , então ?

- Mais longa que a sua. Aliás mais longa do que a vida dos homens, eu vi o homem nascer pelas mãos de Deus.

- Ah, duvido...

- Vi sim, eu, como todas as plantas, fui criada no terceiro dia da criação e vocês, humanos, no sexto...

- Então você vem vivendo desde o terceiro dia?

- Sim , e você desde o sexto. Todos os homens e mulheres vivem a vida de sua espécie desde a criação. É claro que com transformações, evoluindo sempre, mas a sua espécie perdura.

- E sempre fomos assim? E você também , sempre foi do jeito que é ?

- Claro que não. Eu me modifiquei e os homens também. Os “dias” da bíblia não podem ser entendidos como os dias de hoje , de 24 horas. Foram ciclos, etapas milenares, sujeitas a muitas evoluções. Aliás hoje os homens são mais bonitos do que os homens das cavernas de antes , disse a rosa e riu gostosamente. Vocês eram muito feios, concluiu.

Riram. Ele olhou para o chão e havia mais pétalas caídas, apanhou uma com as mãos. Seus olhos marejaram de lágrimas, ela percebeu e se calou.

- Falta pouco, não falta? Perguntou Alberto

- Sim, pouco.

- Mas há tanta coisa para saber...

- Você pode saber tudo o que falta vivendo e não apenas ouvindo.

- Mas... e a sua companhia ?

- Eu nunca estive longe e nunca estarei. Sua mente está presa à minha.

Basta lembrar-se de mim que eu estarei presente.

- Você vai aparecer de novo ? Alberto perguntou ansioso.

- Quem sabe ? Mas eu vou estar na sua mente. Veja, Alberto, o presente é uma coisa fugaz, se esvai num segundo, é impossível retê-lo conosco. O futuro é algo intangível, não o sabemos e nem podemos vivê-lo porque ele não está aqui. Só teremos o futuro quando ele se tornar presente . Mas aí , por ser presente, ele se vai. O

que nos sobra, então ? O passado, Alberto, as nossas lembranças. E o passado tem a vantagem de se tornar presente a qualquer tempo, desde que nos lembremos dele. Por isso, lembre-se de mim e eu estarei viva. As coisas, as pessoas, e até as flores, só desaparecem quando são esquecidas.

- Nunca vou me esquecer de você, balbuciou Alberto em meio a um soluço

- Eu sei. Mas nunca se esqueça também daquilo que conversamos. Sua força sempre virá daí, da sua certeza, da sabedoria adquirida e por isso é preciso começar a viver o que você aprendeu aqui. Você sonha ?

- Sonho .

- Acha que pode aprender coisas nos sonhos ?

- Sim.

- Então, quem sabe eu não apareço nos seus sonhos para falar umas coisas ou outras. E tem mais, Alberto. O amanhã é projetado no hoje. Em vez de sermos, nos já somos o amanhã . Eu fui a rosa quando voe me reparou a muda no orfanato, eu já estava lá, se lembra disso. Por esta razão , o futuro está sendo escrito agora, não é algo que vem depois. Não perca tempo pensando apenas no amanhã como se retardasse todos os dias as coisas que tem que fazer. Faça-as no agora, com o que você já sabe, planeje, estude , pense, projete

- Será que sou inteligente e saberei fazer o que você espera de mim ?

- Ser inteligente não basta, Alberto. Normalmente as pessoas costumam entender como sendo uma coisa só a inteligência, a cultura e a sabedoria.

- O que têm de diferente ?

- Veja, a inteligência é um dom, um dom divino. Deus deu a todos os seres humanos. Uns a desenvolvem mais , outros menos, uma série de circunstâncias fazem as pessoas serem mais ou menos inteligentes. A cultura é tudo aquilo que vem de fora para dentro. Estudamos, e com isso ficamos cultos. Mas a sabedoria, ah, a sabedoria, Alberto, é algo que vem de dentro para fora. É a nossa essência, as vidas já vividas, a cultura sendo fecundada pela inteligência, gerando dentro de você um saber. É algo que temos conosco, ganhamos sabedoria vivendo os minutos de cada dia, acumulamos somando nossas experiências, nossos risos e nossas lágrimas. Sabedoria é vida, não dá para se passar, ensinar, transportar para outrem. Por isso, o que você

sabe hoje porque eu lhe contei tem que ser vivenciado para se tornar seu, para se tornar uma coisa que só você entende.

- Mas foi você quem me ensinou...
- Um professor de piano pode ensinar a seu aluno a arte que possui ?

Não. Pode lhe dar pistas, caminhos, mas o estudante só aprender a tocar, tocando. Vivenciar seu conhecimento é ganhar sabedoria. Eu lhe disse a minha maneira de ver as coisas e o mundo. O que lhe ensinei vai ganhar o formato de sua mente, você vai vivenciar isso à sua maneira, mesmo que nosso saber seja o mesmo.

Calaram-se. No fundo ambos sabiam que o inevitável estava por vir. Era o fim do ciclo para a flor e ela precisava completá-lo como aliás já havia completado tantos anteriormente.

Capítulo XI

Somos uma fagulha de Deus que , ao longo do tempo, vimos evoluindo, evoluindo, e isto demandou tempo para seguirmos, afinal, o plano do criador.

Manter-se vivo, portanto, é a função daqueles que querem seguir a missão que o criador nos

O dia surgiu lentamente como se não quisesse acordar. Era uma daquelas manhãs entre o sol e a chuva, o frio e o calor. Alberto saiu da casa e logo foi se chegando mais à flor.

- Que dia, não sabemos o que vai ser , quente ou frio...
- Vamos aguardar , disse a flor
- As coisas podiam sempre ser uma só, você não acha ?
- Não, respondeu ela.
- Ué, por que ?
- Porque tudo é duplo. Veja o dia e a noite, o frio e o calor, e frente a isso

os seres podem escolher seus caminhos que podem ser um dos dois ou algo que não seja nem um nem outro.

- Confuso, disse Alberto com ar de quem não havia entendida nada.
- Veja, a vida sempre nos oferece caminhos para trilar. Fazemos o bem

ou nos dedicamos ao mal. Assim amor / ódio, sofrimento/alegria , felicidade/ infelicidade são pares que caminham sempre juntos e , na maioria das vezes , somos incitados a escolher aquilo que queremos ser ou fazer.

- Mas nem sempre podemos ser sempre bons, por exemplo.

É verdade, e nisso está a beleza da vida. As oportunidades aparecem e nós procuramos os caminhos que queremos seguir. Enquanto o mal nos puxa, o bem nos convida, enquanto a beleza nos encanta a feiúra nos espanta , enfim, entre isto e aquilo, muitas vezes optamos nem por isso, nem por aquilo, e cada vez que achamos um caminho do tipo nem lá, nem cá , estamos fazendo algo de novo na existência. Nem sempre conseguimos ser bons, ou alegres, ou felizes.

- Você já foi má ?

Sim , muitas vezes, mas procurei reparar meus erros sempre numa nova oportunidade. O ruim não é errar é persistir no erro. Por isso a mudança é sempre boa. Nosso destino no mundo é sermos melhores a cada dia, é uma obrigação que temos que cumprir porque esta é nossa missão. O mundo está inacabado, Alberto, e preciso completar a obra do Criador e isto somente com nosso esforço e perfeição poderemos fazer.

- Mas nós não somos perfeitos
- Sei, mas queremos ser, buscamos ser, por isso nos aprimoramos a cada geração, a cada vida, a cada ação que praticamos. Quem faz no hoje algo pior do que fez no ontem não está contribuindo para que nada aconteça. O destino do mundo e de todos nós é o aprimoramento.
- Mas muitos não fazem isso porque não sabem, não aprenderam , não foram na escola .
- E é preciso escola para ser bom , ou melhor ?
- E não precisa ? Como saber as coisas?
- Sabendo, disse a flor e sorriu
- Sabendo, sabendo... como ?
- Eu fui na escola Alberto ? Mostre-me a escola das flores. Onde ela fica, no norte, no sul, aqui lá, acolá ?
- Não sei... eu apenas ...
- Veja bem Alberto, o conhecimento não vem com os livros apenas.
- Mas quem estuda sabe mais .
- Hum ... Tem mais informação, só que o saber é coisa diferente, já a informação todos que vão a um curso podem ter; conhecimento, contudo é mais. É a informação fecundada pela personalidade, pela vivência, pelo caráter, já vimos isso.
- Então o saber depende da pessoa , de cada um
- Sim. Existe o conhecimento racional que a razão nos mostra, com provas, gráficos, fórmulas, etc. Existe o conhecimento emocional, quando sabemos porque sentimos que sabemos e esta verdade ninguém nos tira. E existe o saber por identidade, quando nos tornamos a coisa que queremos saber.
- Como isso é possível ?
- Para entender o sol, tenho que me imaginar o sol. Quando quero ser o vento, tenho que me identificar com ele. É assim que as almas evoluídas fizeram e fazem para saber sobre Deus, ou o amor, ou o sofrimento, enfim, identificaram-se. Por isso que existem santos, como vocês chamam, que tinham as chagas de Jesus.
- Para entender você tenho que me tornar você ?
- Para me entender realmente, sim. Identifique-se comigo, seja uma flor como eu e você saberá o que eu estou dizendo.

- Como faço isso ?

- Medite, imagine, pense como eu sou. Pense como devo estar me relacionamento com esta terra que sustenta, com este vento que bate nas minhas pétalas, com este sol que me aquece. Saber fazer isso , é poder sentir a mesma dor que você sentiu com o mendigo na rua, saber como sofrem aqueles não afortunados, os carentes, os humildes, os excluídos de toda sorte. Somente assim , com identidade podemos entender a alegria e a tristeza do mundo. O mundo parece ser algo fora de nós só até o instante em que nos identifiquemos com ele. Estar no mundo é ser solidário, é pura identidade. Aí sim , o mundo e você serão um só, terão um sentido só , e somente assim , quando as coisas fizerem parte de você, é que você poderá entendê-las de verdade.

Alberto calou-se. Havia muito a aprender com a flor, realmente. Saber estas coisas era dar uma dimensão maior à sua vida. Toda vida pode ser grande, não são os diplomados os únicos capazes de entender o mundo e terem o saber real de todas as coisas. A simplicidade também é um caminho seguro para o conhecimento.

Depois de algum tempo de silencio, Alberto falou:

- E pensar que teve gente que já morreu pelo conhecimento quando era tão simples tê-lo.

- É verdade, concordou a flor. Só que nenhum conhecimento vale uma vida. A vida é mais preciosa do que o saber, porque estar vivo é conhecer a existência. Nada é mais importante do que a vida humana, por isso é preciso dar a ela a plenitude que ela merece. Somos uma fagulha de Deus que , ao longo do tempo, vimos evoluindo, evoluindo, e isto demandou tempo para seguirmos, afinal, o plano do criador. Manter-se vivo, portanto, é a função daqueles que querem seguir a missão que o criador nos deu na complementação da sua obra.

- Que obra?

- Esta, Alberto, disse e olhou para os lados. Tudo isso, você , eu, enfim toda esta harmonia cósmica que nos circunda. Cada qual cumprindo a sua parte, trabalhando para a o todo ser harmônico, frutífero, generoso, belo. A terra tem vida, pensa, segue seu destino, como as pessoas e os povos. As civilizações começam e terminam, cumprem sua função no plano da eternidade, assim como você e eu. A terra segue, generosa, farta, eternamente pronta a reproduzir a vida, para alimentar os seres

viventes, enfim, por isso a grande dádiva que o Criador nos deu foi esta terra. Cuidar dela e identificar-se com seu propósito de servir à vida... Pense nisso, Alberto, no fundo é mais simples do que parece.

Capítulo XII

A flor segurava ainda umas poucas pétalas presas ao caule. Mas, lentamente, uma após outra elas foram caindo, caindo e aquelas as quais Alberto deixou escapar, a ventania da tempestade levou para longe dali.

*Ele não podia fazer mais nada. Suspirou profundamente e balbuciou apenas um “
Obrigado, amiga. Ainda nos veremos, eu sei, eu sinto”.*

Depois daquele dia, os encontros aconteciam quase que mecanicamente . Ele sequer pensava em outra coisa e alimentava-se pouco . Sua vida se resumia em acordar, sentar- ao lado da flor , ouvir , falar um pouco, rir quando dava , mas aquele peso no peito pela perda inevitável da amiga já não era tão grande. Ele começava a entender que a vida era isso mesmo , um renascer perene, um eterno retorno ao mesmo ponto de partida, só que diferente. Todos os seres voltavam ao ponto de partida, é verdade, mas de outra forma, com um outro saber, embora a finalidade do retorno e da vida fosse sempre a mesma.

- Veja , Alberto, a vida é uma grande colcha de retalhos de seres diferentes capazes de conviver na busca desta harmonia ao qual damos o nome de mundo. Veja a multiplicidade da vida, como é grande. No entanto o princípio é o mesmo. Tudo saiu do mesmo ponto e a ele há de voltar.

- Mas cada um é cada um, não é ?

- Aqui, Alberto, neste mundo onde existe a divisão, onde todos somos matéria , onde as formas ganham individualidade para existir. Noutros mundos, os seres coabitam o mesmo espaço, o que é impossível aqui, afinal dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço na Terra.

- Mas onde pode ?

- Lá, disse a flor e olhou para o infinito. Aqui, repetiu ela e fechou os olhos como se olhasse para dentro de si mesma.

- Lá ou aqui ? Indagou aflito Alberto

- Tanto faz. Cada um é cada um , mas todos somos um ao mesmo tempo.

Os contrários não existem, são apenas maneiras de ver uma mesma coisa. Já conversamos em parte sobre isso.

- E Deus é isso tudo ? Perguntou Alberto.

- Sim , e mais que isso ainda. Só que a obra de Deus se aprimora através de nós, daí sermos importantes para a continuidade da vida, a continuidade de Deus. Por isso nossa escolha de vida deve ser sempre pelo bem, o único caminho que devemos ter. Esta força que habita em cada coisa, não está aí por mero acaso. Deus sabe tudo sobre nós porque Deus é em nós. Lembra-se de quando falávamos que o conhecimento está dentro de nós, identidade, Alberto, identidade.

Ele não disse mais nada, apenas sentiu. Havia de fato uma força maior dentro de seu coração que animava sua vontade e lhe dava coragem para simplesmente ser o Alberto e nada mais. Era o fim de tantos medos, como aquele da solidão que sentira no orfanato tantas e tantas vezes. Hoje ele sabia que nunca estivera só e que a flor estivera com ele antes, todo o tempo. Mesmo quando não era flor. Da mesma forma que ela estaria sempre presente mesmo não estando fisicamente a seu lado.

- Esta plenitude que estou sentido é o espírito de Deus? Indagou Alberto.

- É. A isso vocês chamam de Espírito Santo. Sinta como tudo está impregnado dele, por isso Deus não é um velhinho de barbas brancas, nem mesmo alguém em especial a quem podemos enxergar através de uma imagem num templo. Deus é esta plenitude e segue o seu curso. Você foi ensinado a orar pedindo coisas as quais ele já nos deu, afinal somos feitos à sua imagem e semelhança, o que poderíamos mais querer.

- Por isso ele está em toda parte.

- Ele é toda parte, Alberto, nunca se esqueça. Por esta razão é que as ações que praticamos têm um sentido maior, sempre, mesmo quando não estamos rezando ou pedindo alguma coisa. Muitos buscam Deus nos templos como se a casa dele fosse assim tão pequena. Muitos ajudam instituições de caridade porque acham que Deus está com eles nesta hora do auxílio. Que equívoco! Ele está conosco em toda parte, por isso nossas ações sempre devem ter o mesmo sentido: a criação de um mundo melhor.

- Até quando trabalhamos no emprego material que possuímos?

- Principalmente aí. Afinal estamos fazendo o mundo com nosso trabalho.

Não basta sermos melhores em casa e piores no trabalho. Não é possível ser um pai honesto e um trabalhador desonesto; ou ser calmo com os “fregueses” e ríspido com os filhos; não basta ser fiel a um produto que se gosta e ser infiel com a própria esposa. Cada um deve ser sempre o mesmo em todas as ações, e deve ser bom porque nossa índole é a da bondade, do auxílio, da ajuda. Fomos feitos assim por Deus para que cumpríssemos a missão de terminar este mundo que ele criou.

- É, ... o trabalho dignifica o homem ... comentou entre dentes Alberto.

- Não, o homem dignifica o trabalho. Há um sentido espiritual no trabalho

que somente a grandeza humana pode dar. Os animais trabalham para si, ou no máximo para o grupo. Os animais trabalham para uma existência apenas. O homem trabalha para todos e para a perenidade porque aquilo que ele constrói as gerações seguintes vão utilizar e aprimorar. O homem cria a vida que é uma coisa mais longa do que a existência. Edifica o seu mundo e é isso que se chama cultura. Por isso, a preservação do que se fez e faz, o culto ao passado, o respeito àqueles que se foram, a manutenção do que existe, não à poluição, afinal de que valeria a vida hoje se não houvesse mais o amanhã. E mais: que sentido teria o amanhã se não nos lembrássemos mais do hoje, ou do ontem.

- Por isso a vida de todos os seres estão entrelaçadas e caminham numa mesma direção.

- Exatamente isso. A vida de cada um é de cada um neste mundo, mas a missão é coletiva. Cada qual executando a sua tarefa para que todos possam caminhar em busca da plenitude. A tarefa é individual, mas a missão, a obra, é coletiva

- Este é o nosso destino, então ?

- Com certeza, mas falar em destino, Alberto, é algo por demais grandioso para apenas duas mentes separadas como as nossas.

- Como assim ?

- Alberto, você percebe que o sol sempre nasce ?

- Sim

- A lua aparece, existe a chuva, os seres humanos se reproduzem igualmente, cada qual em sua espécie. Você percebe que existe sempre uma norma que determina as coisas, que faz as coisas serem como são ?

- Sim.

- Pois bem, estas coisas acontecem porque existem as leis que regem este mundo de Deus. Ninguém pode quebrar estas leis porque se isso acontecesse o Universo deixaria de existir. Talvez a mais difícil dentre todas as leis que regem o universo seja esta que você chamou de destino. Trata-se do carma, falamos disso um dia, lembra-se ?

- Lembro, mas que leis ?

- A lei do ritmo, a do masculino e feminino, da vibração, da polaridade,

enfim , muitas leis. O carma é a lei da causa e efeito. Toda causa tem um efeito e todo efeito tem sua causa. Não existe nada no mundo que venha do nada, tudo tem uma razão de ser. Por isso tudo se interliga e nada está isolado dentro do universo. Todos dependemos mutuamente de todos, embora sejamos cada qual apenas um .

- Eu já ouvi sobre isso, disse Alberto.
- O que você ouviu ?
- Carma é tudo aquilo que, quando fazemos, volta para a gente não é ?
- O que volta ?
- Aquilo que você faz aos outros .
- Coisas como o mal e o bem ?
- Sim, disse Alberto.
- Pode ser, concordou a flor. E continuou : se você quer dizer que tudo

aquilo que fazemos tem uma reação de igual intensidade na direção oposta, eu concordo. Assim, se praticamos o bem, recebemos o bem de volta; se apenas fazemos o mal, só nos resta receber mais maldade.

- Sim , confirmou Alberto
- Isto é verdade, mas é apenas um lado do que devemos entender como

carma. Há mais, muito mais...

A flor parou um pouco de falar como se pensasse. Alberto olhou-a querendo descobrir algo sobre aquele silêncio repentino. O dia estava chegando ao seu final. Nuvens carregadas se formavam no céu como se uma tempestade pudesse cair logo mais ao anoitecer. Alberto tinha medo destes dias , as lembranças do orfanato eram tristes. Muitas vezes chorou de medo das trovoadas quando dormia sozinho em sua cama. Não chorara só, muitos meninos também choravam. Até Zé Grandão chorava em dia de chuva.

Dentre os amigos de Alberto, Zé Grandão era o mais chegado. Embora fosse enorme a ponto de dar medo em quem o olhava , Zé tinha um coração de passarinho. Jamais perdoava a injustiça que muitas vezes acontecia quando os inspetores de disciplina queriam pegar algum dos órfãos para “ pagar o pato”. Chegou, inclusive, a ficar isolado de todos como castigo por ter defendido Tidinha uma vez. Ela sim, era difícil, revoltada, tinha uma beleza incrível, mas todos sabiam que sua vida seria complicada, sempre querendo mais, buscando a aventura sem medo e de peito aberto.

Não foi à toa que um dia ela fugiu do orfanato , levando Zé Grande com ela. Depois disso, Alberto nunca mais ouviu falar deles. Curioso que pensasse neles justamente agora.

Foi quando a flor interrompeu o seu silêncio:

- Sabe , Alberto, o carma me lembra uma história que eu ouvi, contada por um mestre oriental, num jardim há muito tempo. Diz a lenda que um velho mestre ensinou a seu discípulo mais amado o lugar secreto da biblioteca que continha os livros de todas as vidas na terra. Isto é, cada vida tinha sua história, e cada história estava num volume. Acontece que o velho mestre, um dia, estava por morrer e o amor de seu discípulo fez com que este fosse até a biblioteca. Era proibido mexer nos livros, mas na esperança de ajudar o mestre, o discípulo achou o volume da vida do ancião e justamente no ponto em que a doença o acometera, o discípulo reescreveu a página. Qual não foi a sua felicidade, pois ao voltar , viu que sua reescrita havia dado certo e o mestre estava curado. Entretanto, esta mudança realizada na vida do mestre acabou fazendo com que ele se sentisse forte e jovem novamente , tanto que concordou que mais discípulos viessem para seu lado, causando ciúmes naquele discípulo primeiro. Então, este novamente foi aos livros e reescreveu a história dos novos discípulos , afastando todos do ashram. Isto deixou o velho mestre infeliz e a doença voltou a acometê-lo. Novamente, o discípulo foi até a biblioteca para novas reescrituras e assim sucessivamente até que um dia, de tanto mudar os livros da vida, a história de todos ao seu redor havia mudado completamente.

- Foi uma confusão, riu Alberto.

- Foi um desequilíbrio, disse a flor. Carma é equilíbrio, harmonia de todas as causas e efeitos, agindo livremente para dar seqüência à vida. Não é apenas um mal que volta quando você pratica o mal, ou um bem que lhe é devido porque você agiu bem. Carma é o equilíbrio da vida e por isso não é simples interferir nele . Carma é a missão que temos, por isso se relaciona inclusive com as vidas que já vivemos. É o carma que nos individualiza, que nos dá identidade como seres humanos, mostra nossa fragilidade e nossa grandeza, determina nossa ação no fluxo eterno do tempo. Somos essencialmente o carma que temos a cumprir no plano divino e por isso nossa vida é como é.

- Então não posso ajudar ninguém , pois se o carma dele é sofrer o que

está sofrendo como posso interferir ?

- Todo carma pode ser resgatado. Esta é a beleza do livre-arbítrio, esta é a grandeza que possuímos, somos livres para mudar sempre para melhor, lembra-se da estrada ? Por isso, é preferível que erremos por ter feito o bem a quem não devia recebê-lo do que deixar que um ser padeça indevidamente sem merecer, pois quem sabe nos dizer se, quando fazemos o bem por alguém, não era exatamente esse o nosso destino: ajudá-lo ? É preferível errar sempre pelo excesso da prática do bem do que pela falta dele, ou pela omissão. Por isso, na dúvida, ajude, Alberto, ajude sempre. Isto é o que quero que você guarde consigo... Não se omita, pratique sempre o maior bem que puder, pois no fundo é isto que vale.

Agora, Alerto pouco falava, ela o impedia para continuar falando como se estivesse correndo contra o relógio. Ainda assim , a flor falava. Não queria que a interrompesse.

- Cale, Alberto, escute e procure se lembrar.

E com isso ela pôde dizer sobre virtudes, sobre a tolerância “ A maior das virtudes, porque quem tolera, perdoa, ensina novamente, refaz caminhos, não julga ninguém , compreende o seu semelhante”. Falou sobre a bondade.

Eram falas curtas, frases simples “ o Tempo é o senhor da vida”, “ não dá para mudar o mundo, só a você mesmo”. Recomendou “lei-a, reflita sobre as coisas que os grandes pensadores deixaram para os seres humanos, eles foram inspirados, mas não siga cegamente a nenhum. Procure achar seu próprio caminho, consulte seu coração, a centelha viva de Deus habita o seu interior

E por fim “ O quanto puder, por um bom tempo , eu estarei nos seus sonhos. Depois ...”

Daquele dia em diante, as coisas corriam rápidas.O tempo havia mudado e chuvas constantes caíam todas as tardes. Alberto tinha medo de que o vento e os pingos acabassem por derrubar as pétalas quem restavam. A flor lhe falava sem dialogar. Alberto ouviu sobre as virtudes – “ a tolerância é a maior das virtudes, Alberto, Nela estão quase todas as demais “ Ouviu sobre a bondade , o caráter , sobre a importância do trabalho, a partilha das coisas comuns, materiais, e sempre a flor terminava dizendo “ leia, leia muito, pense no que estou lhe falando, pratique o bem, procure o melhor sempre”.

Num dia , ao sair de casa, a flor estava praticamente caída, sem forças.

- Flor !?

- Olá, Alberto, fique aqui comigo .

- O que há ?

- Nada, apenas fique aqui comigo e em seguida calou-se. A chuva começava a cair impiedosa. Ele temeu que as gotas pesadas pudessem bater nas últimas pétalas e precipitar o fim da amiga. Correu para casa, pegou um guarda-chuva, cobriu a flor. Nada mais havia a ser feito. Enquanto pôde, ele ficou ali, protegendo a flor, como se assim ele pudesse mantê-la viva. Ou ainda, querendo ver algo que nunca vira antes, um rosto brotando das pétalas, algo que sempre ele imaginou como seria .

Mas , em vão. O tempo passava e a chuva não diminuía. Como se fosse um eco da sua lembrança , ele ouviu tudo aquilo sobre o qual conversara com a flor durante todo aquele tempo. Acenava vez ou outra com a cabeça. As pétalas caídas, Alberto as enterrava junto ao caule da planta. “ Morte gerando vida”. balbuciou .

A flor segurava ainda umas poucas pétalas presas ao caule. Mas, lentamente, uma após outra elas foram caindo, caindo e aquelas as quais Alberto deixou escapar, a ventania da tempestade levou para longe dali.

Ele não podia fazer mais nada. Suspirou profundamente e balbuciou apenas um “ Obrigado, amiga. Ainda nos veremos, eu sei, eu sinto”. Fechou o guarda-chuva, entrou na casa, sentou-se no sofá da sala e não soube dizer por quanto tempo permaneceu assim , calado, inerte, sem forças para falar, pensar, agir.

PARTE 2

Sem a flor neste mundo louco

Capítulo XIII

“Veio a sua mente as palavras da flor “ Por isso, na dúvida, ajude, Alberto, ajude sempre. Isto é o que quero que você guarde consigo... Não se omita, pratique sempre o maior bem que puder, pois no fundo é isto que vale”.

“Prefiro tentar a me omitir” concluiu Alberto e decidiu que faria isso”

Viver sem a flor era um fardo. A todo instante olhava a roseira no jardim para ver se um novo botão surgia. Nada. Parecia que toda a vida, toda a força que aquela roseira tivera no passado se exaurira naquela flor especial. Será que as próximas flores também fariam ?

Um dia, um botão surgiu. Ele cuidou daquela flor em botão como cuidara da outra e tão logo as pétalas começaram a aparecer, ele sentou-se do lado dela para ouvir alguma palavra. Mas de nada adiantou. A flor surgiu, desabrochou magnífica e morreu ... em silêncio

Neste dia, ele teve a sensação de que jamais o milagre do diálogo se repetiria. Depois desta, outras flores surgiram com uma beleza incrível. Todas as rosas eram lindíssimas, mas nenhuma delas disse uma palavra, e com o tempo ele foi se acostumando a ser só novamente. Mesmo assim continuou cuidando com carinho daquele jardim ao mesmo tempo em que lia e estudava sobre as plantas.

Um belo dia, olhou suas economias: haviam minguado e logo iria ficar sem dinheiro. Com os conhecimentos de pedreiro que havia recebido no orfanato, começou a fazer pequenos serviços. Remendos aqui e acolá, muros de terrenos baldios e assim o dinheiro ia entrando pouco a pouco, mas nunca faltou de verdade. Mas o que ele mais gostava era fazer serviços de jardinagem. Parece que de uma hora para outra havia se tornado um especialista em plantas e flores.

Como sempre, a imagem da flor não lhe saía da cabeça. Vez ou outra indagava a si mesmo por que ele, justamente ele, havia sido o escolhido para saber tantas e tantas coisas. E mais: o que fazer com aquilo que sabia se nada mais era do que um simples pedreiro num lugar tão simples como aquele onde morava? Mas sempre sonhava com a flor. Durante os sonhos sempre havia diálogos e quando ele acordava, parece que sabia algo novo que o tornava melhor, e até mais sábio.

A vida no bairro não havia mudado. As mesmas pessoas passavam apressadas em direção ao ponto de ônibus, as crianças iam brincar com suas mães na praça, os carros corriam todas as noites no "rachão" atemorizando os moradores, um ou outro pedinte surgia tocando a campainha, enfim, a vida era a mesma. A mesma não, ele é que havia mudado. Estava menos crítico, mais sereno. Transparecia tudo isso em seu jeito simples de ser, de falar, de pensar. E não era só isso: as pessoas o tratavam de forma diferente.

"Deve ser minha aura", pensou. Certa vez a flor havia lhe falado sobre isso. Quando estamos bem conosco mesmos, quando estamos em paz, nossa aura brilha e resplandece e por mais que as pessoas à nossa volta não saibam destas coisas, a sensação de bem-estar que a aura passa para os outros é muito grande.

“ Existem pessoas que ninguém quer por perto. Trazem mau agouro, criam inimizades; outros são justamente o contrário” , ensinou-lhe um dia a flor.

Alberto julgou que era isso, sim , com certeza era isso. E desta forma começou a retribuir a todos com a mesma atenção, carinho e amizade. Logo o bairro inteiro falava daquele rapaz, um pedreiro humilde, mas que era gentil, tinha sempre uma palavra amiga, sabia dar bons conselhos...

E assim o tempo foi passando. Até que um dia, Zé Renato, coordenador de um centro comunitário do bairro veio até sua porta.

- Bom dia , Alberto.
- Bom dia , Zé Renato, como vai Dona Iolanda, melhorou da perna ?
- Tá do mesmo jeito. Mas como diz o ditado, o que não tem remédio, remediado está...
- Pra tudo tem jeito, Zé Renato, pra tudo.
- Então, eu não achei ainda o remédio pra curar aquela ferida.
- Nem sempre o remédio está nas prateleiras das farmácias. Às vezes tudo não passa de uma questão de fé e de vontade. Sabe, a mente é poderosa...
- Mas quem pode fazer isso por mim e por ela que sofre há anos e não tem mais fé no coração.

Alberto teve um instante de silêncio. Como sem saber de onde, uma força e uma vontade encheu seu peito, dando-lhe uma certeza : D. Iolanda podia ser curada. No início teve medo de dizer qualquer coisa, mas atreveu-se:

- Olha, sem prometer nada, eu posso falar com ela ?
- Zé Renato concordou e para espanto de Alberto disse:
- Sabe, Alberto, não sei como explicar, mas eu vim até aqui justamente para lhe pedir isso. Sei que você não é médico, nem farmacêutico, mas todos falam bem de você e quando a gente está à sua volta há uma paz muito grande que eu pensei em lhe pedir ajuda ...

Alberto sentiu uma imensa alegria interior. Disse que na mesma tarde iria até a casa de Zé Renato falar com sua esposa e que ninguém precisava saber disso.

Zé Renato concordou e foi embora. Alberto sentiu pela primeira vez que poderia passar a outra pessoa aquilo que havia aprendido. Mas como fazer isso ? Como dizer que sabia coisas ditadas por uma flor e que a vida não é essa dor que as pessoas

sentem. Há prazer neste viver, porque a vida é boa , é dádiva de Deus, enfim , como ajudar ?

Veio a sua mente as palavras da flor “ Por isso, na dúvida, ajude, Alberto, ajude sempre. Isto é o que quero que você guarde consigo... Não se omita, pratique sempre o maior bem que puder, pois no fundo é isto que vale”.

“Prefiro tentar a me omitir” concluiu Alberto e decidiu que faria isso. Se a ferida da perna não pudesse ser curada, pelo menos um pouco de paz e alegria valeria a pena. Por via das dúvidas , passou na farmácia, explicou ao farmacêutico que era para uma ferida, comprou uma pomada , colocou num pote que tinha em casa, pôs o nome Yolanda e foi até a casa de Zé Renato.

Eles moravam na rua de baixo. A casa era própria, mas simples, embora não faltasse as coisas básicas. Aposentado, Zé Renato tinha com o que viver modestamente. Ao longo da vida, como funcionário público conseguira juntar alguma coisa para construir a casa num bairro de periferia. Mais que isso, tinha um carrinho velho, fruto ainda dos tempos de trabalho. O casal não passava necessidades.

A casa estava escura. As janelas fechadas davam um ar lúgubre na pequena sala. Havia um ar pesado no ambiente. Dava para se perceber que a dor e a tristeza eram moradoras permanentes da casa junto daquele casal, cuja vida havia sido de muito trabalho e pouca diversão.

D. Yolanda era uma mulher bonita, apesar da idade. Podia ser sua mãe. Ao vê-la, ele sentiu dentro de si uma imensa piedade. Ela esboçou um sorriso quando disse a ele que agradecia a presença , mas de nada valeria. Os médicos, mais de dez, lhe haviam dado falsas esperanças, muito remédios e até agora nada havia acontecido. Ao contrário, a ferida só fazia por aumentar e doía tanto que muitas vezes ela chegou a pensar que se não tivesse a perna seria melhor.

Alberto nada disse, apenas ouviu atentamente. Quando ela parou de lamentar-se ,ele sorriu e perguntou:

- Gosta de bolo de fubá ?

D. Yolanda olhou espantada para o marido.

Alberto insistiu:

- Gosta ?
- Gosto, mas não como bolo há muito tempo.

- Eu tenho uma receita sensacional que me ensinaram no orfanato.
- Orfanato ?
- A senhora não sabia ? Eu fui criado num orfanato porque não sei quem são meus pais. A vida foi difícil, mas ela só melhorou quando eu aceitei isso e parei de lamentar a minha sorte. A senhora tem filhos, netos ?
- Tenho dois filhos e uma neta...
- É aquela menininha que vez ou outra eu vejo o Sr. Zé Renato levar no jardim da pracinha ?
- É .
- Linda, muito linda
- Ela se parece com meu filho.
- Então ele é um moço muito bonito
- É...

Enquanto falava, Alberto ia fazendo o bolo com perícia de confeitoiro. D.lolanda olhava para ele com espanto e admiração. Onde estava o rapaz que ia curar a perna ?

Alberto não parava um só momento. Contava casos, ria de suas amarguras da infância, falava de seus sonhos para o futuro, dos planos que possuía. Aos poucos, D.lolanda foi entrando na conversa, dando opinião, rindo junto vez ou outra, até falar que gostaria de voltar a Poços de Caldas.

- Poços de Caldas ? Antigamente todos faziam lua de mel lá, disse Alberto

- É ... a nossa foi lá, não foi Zé ? Como estará aquilo hoje, gostaria de ver Zé Renato acenou que sim com a cabeça ,dizendo:

- Você nunca me falou sobre voltar lá..
- Eu sei, mas nunca conversamos sobre este assunto. A gente só fala dos filhos, da correria da minha ferida na perda ...
- Pronto, aqui está o bolo, bradou Alberto
- Tá cheirando bem...

Alberto cortou o bolo de fubá ainda quente e foi fazendo os pratinhos para os três. Um olhar mútuo de aprovação confirmou a receita de Alberto após a primeira garfada.

- Quero a receita, disse lolanda, aprovando o sabor com a cabeça.

- Só dou se a senhora fizer o próximo.
- Com essa perna, como posso ?
- Aí é que está, se a senhora não fizer um pouco de esforço não vai mais comer o bolo, respondeu rindo. E não é só isso. Tenho aqui comigo uma pomada. A receita dela foi abençoada por uma amiga especial que sempre está comigo.

- Uma namorada ?
- Hum ... Um encanto, uma flor, respondeu Alberto
- Tá apaixonado, hein... disse Zé Renato .

Alberto apenas sorriu. Tirou o curativo da perna de Iolanda. Era de fato uma ferida muito grande. Limpou tudo e passou a pomada que trouxera.

- Sabe, D. Iolanda, esta é uma pomada que possui grandes poderes curativos. Mas a gente precisa ajudar. Tudo nesta vida depende de nossa fé...

- Fé ? Eu já perdi isso, meu filho
- Mas eu não. Aliás eu tenho fé que a senhora poderá andar brevemente sem dor. E mais : vou lhe dar uma passagem para Poços de Caldas
- Que é isso ? Eu compro, disse Zé Renato
- Nada disso, responde Alberto. Eu vou comprar porque tenho fé na pomada. A senhora reza, D. Iolanda ?

- Rezo
- Como ?
- Falo o Pai Nosso
- Pois bem, fale como o nosso Pai daqui pra frente.
- Como é ?
- Em vez de repetir as orações apenas, fale com Deus. Diga a Ele o que deseja. Mas faça isso com fé. Ele está ouvindo e pode lhe dar mais do que o pão nosso de cada dia. Ele pode lhe dar alegria, felicidade, e até a mesmo a cura da ferida. Existem almas boas em volta de todos nós que querem o seu restabelecimento, lutam pra isso, desde que a senhora acredite que possa ser curada. Olha, essa pomada é poderosa. Se a ferida não sarar, vai ser o primeiro caso em que ela não deu certo, porque ela sempre funcionou.

- Será, meu filho ?
- Pode escrever. Sabe, D. Yolanda, as forças do universo caminham a

nosso favor. Deus quer que sejamos felizes, somos seus filhos e quando nós procuramos nos ajudar, Ele nos ajuda também.

Depois de muito papo gostoso, bolo e um curativo, Alberto foi embora dizendo que voltaria em dois dias. D. Iolanda e Zé Renato agradeceram.

Durante a noite, Alberto pensou várias e várias vezes em D. Iolanda. Rezou, mentalizou a cura da perna e, sobretudo, pediu para a rosa que o ajudasse nesta missão. Podia compreender o sofrimento de D. Iolanda, será que estava “em sintonia” como disse uma vez a flor quando ele encontrou o mendigo nas ruas do centro da cidade.

“A vida vai machucando as pessoas”, pensou. De fato, dava para ver que D. Iolanda tivera uma vida difícil. Nunca havia trabalhado fora, embora durante muito tempo fizera serviços caseiros para ajudar no orçamento familiar. Os dois filhos haviam estudado com dificuldade. Hoje, um deles tentava entrar na universidade. A vida de D. Iolanda tinha sido os filhos e com isso praticamente deixara de viver. “As mães vivem os sonhos dos filhos. Só que isto está errado, todos têm direito à felicidade, à vida... D. Iolanda precisa voltar a viver. Sua ferida é uma ferida espiritual...”

Dois dias depois, à mesma hora, Alberto foi até a casa do casal conforme o combinado. Ficou surpreso quando, ao tocar a campainha, foi recebido por D. Iolanda.

- Entra, meu filho
- O que é isso, minha pomadinha tem mesmo poder...
- E como! A dor passou um pouco e eu tive vontade de fazer um bolo com receita minha para você. É tão saboroso quanto o seu
- O que é isso, um concurso de bolo?
- Táí, disse Zé Renato, o centro comunitário podia fazer um concurso de bolo aqui no bairro.
- Grande idéia, seu Zé, confirmou Alberto

Zé Renato foi para a mesa da sala fazer uma lista de providências para realizar o concurso. D. Iolanda, tirou do forno um bolo de cenoura “receita da família”, disse para Alberto.

Ele sentiu um orgulho interior imenso. D. Iolanda estava mudada. Talvez a somatória de tudo o que havia ocorrido no dia anterior fosse a responsável pela melhora. A

pomada, o papo alegre, o bolo, e sobretudo a fé, o pensamento positivo, e por que não, o auxílio da rosa. Quem sabe ...

- Então, que tal ?

- Delicioso, respondeu Alberto. Está passando a pomada e refazendo os curativos ?

- Direitinho como você falou. Mas o que mais me animou foi a viagem .

- Tá prometido. Assim que a perna der uma melhorada, as passagens vão estar nas suas mãos.

- Tô contando com isso

- Pronto, gente, interrompeu Zé Renato, fiz a lista de providências e hoje mesmo vou propor o concurso pra diretoria do centro comunitário.

- Posso dar uma idéia, disse Alberto.

- Claro

- Põe aí que para entrar é preciso doar alimentos para os pobres. Aliás, os bolos feitos no concurso, depois de analisados pelos jurados, poderiam ser distribuídos para a população.

- Boa idéia

Alberto fez mais um curativo em D. Iolanda. A ferida estava menos inflamada, mas a melhora havia sido pouca. Ela, Iolanda, era quem estava melhor.

- A ferida teve melhora, mas ainda é preciso cuidar bem disso.

- Eu sei, mas minhas forças parecem que estão voltando, e há uma vontade nova dentro de mim. Até meu filho mais velho, que veio aqui pela manhã, achou isso . Afinal , uma feridinha dessa não pode me abater, concluiu sorrindo.

Alberto acenou que sim com a cabeça. A casa estava mais alegre, mais clara, as janelas abertas deixavam uma brisa suave entrar e passar pelos cômodos como um sopro divino dando mais felicidade a seus moradores.

A vida começa na mente das pessoas. Somos aquilo que pensamos. Depois, a vida vem para o nosso coração e passamos a ser o que sentimos , só então é que agimos na vida diária, construímos a nossa estrada com as próprias mãos, obedecendo ora a mente , ora o coração. Isto quer dizer que sem a mente e o coração as ações que praticamos são mecânicas, sem significado. Muitas pessoas vivem como robôs porque não pensam e não sentem. O raciocínio e a paixão são motores que impulsionam os

seres humanos, e sem ambos, vivemos por pura inércia, seguindo a correnteza sem leme, sem vontades. Quando isso acontece, nossa vida perde o sentido, o desprazer e o inferno começam a devorar a nossa alma.

Alberto sentiu que D. Iolanda vivia este inferno . A ferida era apenas uma desculpa a mais e ele pôde, pela primeira vez, sentir que dádiva era a vida. Como o prazer das coisas simples são importantes, como sonhar vale a pena.

Rapidamente, D.Iolanda mudava de assunto, ora falando de si mesma, ora dos filhos,ora relembrando passagens da sua vida com Zé Renato. Todos riam e ... comiam bolo. A visita foi demorada e à saída , quando Zé Renato acompanhou Alberto,disse

- Parece um milagre , o que um remédio acertado pode fazer por uma pessoa
- Que remédio ?
- A pomada, Alberto. Aliás onde se compra, onde está aquela moça que você falou
- Quando acabar o pote, eu te mostro. Por ora, basta que D. Iolanda continue fazendo bolo, pensando em Poços de Caldas, rindo. Aos domingos , seus filhos vêm até sua casa para uma visita ?
- É difícil, todos têm seus próprios problemas. Quando um vem o outro não pode vir porque trabalha e assim fica difícil juntar todos
- Chame-os, faça um belo almoço, diga que a ferida de D.Iolanda está melhorando e ela quer todos juntos
- Vou fazer isso, mas não se esqueça de falar para moça que eu quero mais pomada.
- Vou falar, disse Alberto em meio a um sorriso. Tchau !

Capítulo XIV

O mais curioso foi o seu guarda-roupa. Havia tanta calça e camisa, tantos ternos que ele nunca mais usara e que ficavam lá, pendurados à toa.. Isto dava uma sensação de passado, como se a vida fosse apenas olhar para trás. Ele parecia um guardião do ontem, sem perspectiva, sem futuro.

D. Iolanda estava cada dia melhor. As visitas agora não eram mais para se fazer curativo. Ao contrário, ninguém falava mais em doença. Um dia, quando Alberto chegou. D. Iolanda estava com visitas. Eram dois casais do bairro, amigos de longa

data que haviam deixado de freqüentar a casa de Zé Renato porque Iolanda estava sempre doente, ou então vivia de mau humor .

- Alberto, eu falei que você faz um bolo de fubá incrível e eles vieram para experimentar

- Ora, por que não ? Vou fazer um bem grande, afinal tem gente pra chuchu hoje aqui . Riram

Um senhor chamado Roberto aproveitou a descontração e falou :

- O Zé Renato disse que você tem ajudado na ferida de Iolanda.

- É verdade, um pouco de pomada , bolo de fubá, muita conversa e nós descobrimos que D.Iolanda ainda tem muita vida pela frente.

- Eu sofro de artrose nos dois ombros há anos , tem pomada para isso ?

- Não sei, respondeu Alberto, posso pesquisar, mas antes você tem que me dizer se gosta de bolo de fubá.

Os presentes riram. Alberto foi falando e – como sempre – fazendo sua receita de bolo. As pessoas gostavam das histórias que ele contava. Havia leveza nas suas palavras. Naquele dia começou falando de um cliente que ele possuía.

- Alguém aqui conhece o seu Nicanor?

- Não, respondeu Zé Renato olhando para todos como que querendo indagar se alguém sabia quem era

- Ele mora do final do ônibus 2615, é um pouco longe. Eu construí para ele uma edícula no fundo do quintal. Havia muito móvel na casa ele precisava guardar tanta coisa que somente com uma edícula seria possível. Como eu trabalhava sozinho, a obra demorou para ficar pronta e enquanto eu ia fazendo o serviço, percebi que ele trazia cada vez mais coisas para casa . “ Com a edícula, vai caber certinho” ele me dizia.

Ao final da obra, quando ele começou a colocar as coisas velhas na edícula o espaço já era pequeno demais. Então , eu disse pra ele para quê tantas coisas, e ele não soube me explicar. Junto dele começamos a fazer uma análise do que servia ou não servia mais.

O resultado foi surpreendente. Coisas velhas, móveis sem serventia, livros já lidos, objetos, enfim juntamos e doamos tanta coisa, tanta coisa que , ao final, a edícula não seria mais necessária.

- Que azar! Disse Zé Renato
- Ou sorte, corrigiu Alberto. Na verdade, a partir daquele dia, seu Nicanor entendeu que não dá para a gente segurar o passado guardando os objetos que serviram no ontem. O passado vive na nossa lembrança. Ele era viúvo e muitas coisas tinham sido da esposa. Ao final, quando ele quis se desfazer daquele entulho enorme, muitas famílias pobres ganharam coisas que para elas era importante. O mais curioso foi o seu guarda-roupa. Havia tanta calça e camisa, tantos ternos que ele nunca mais usara e que ficavam lá, pendurados à toa.. Isto dava uma sensação de passado, como se a vida fosse apenas olhar para trás. Ele parecia um guardião do ontem, sem perspectiva, sem futuro.

- Interessante, disseram alguns, eu também tenho muita coisa velha em casa

- É, concordaram alguns
- E tem mais , completou Alberto. Com o espaço disponível, ele pôde convidar o filho para vir morar com ele na edícula. Bastaram alguns ajustes, um banheiro maior e o filho com a esposa e o neto se alojaram muito bem. Com isso , a vida , que antes era olhar para o passado, apegar-se ao passado, passou a ser totalmente diferente. Hoje ele fala do futuro tem planos naquela idade porque enquanto há vida , há sonhos , vontades, enfim, viver é uma dádiva de Deus, nada é mais importante do que estar vivo e procurar ser feliz. Mais ainda , ele encontrou no neto a companhia que precisava para voltar a ser criança, isto é, ser feliz. São inseparáveis. Hoje o filho e a nora trabalham fora e ele cuida da criança. Estão progredindo em família, não é maravilhoso ?

Alberto disse isso e foi olhar o forno . As pessoas ficaram caladas como se cada um deles pensasse na sua própria vida.

- Tenho na minha casa um monte de roupas que não uso mais e vou dar tudo para os outros, disse D. Maria Tereza

- Não é só isso, completou Alberto. Não basta dar as roupas e continuar apegado ao passado. De que vale para nós as lembranças ruins ? Guardar más recordações e ficar comentando-as todos os dias, lamentando o que passou, pra quê ? É preferível lembrar das coisas boas que se foram, guardar as lições de vida que realmente significam alguma coisa, isso é jogar o “entulho” fora e abrir espaço novo

para a vida. Sorrir, ter prazer de vivenciar as pequenas coisas, sentir-se feliz com o pouco que tem em vez de lastimar o que falta. Quantas pessoas reclamam do que não têm e ficam presas a isso deixando de curtir as coisas que a vida lhes deu. Há quem tenha tesouros imensos e lastimam a falta de pequenas coisas... Pronto, aqui está , disse sorrindo com o bolo nas mãos.

Todos se acomodaram melhor na mesa para comer. Alberto ia cortando o bolo e pondo os pedaços nos pratinhos.

- Hum, uma delícia
- Realmente, que gostoso
- Dá a receita pra mim ?

D. Iolanda havia se esquecido totalmente da dor na perna E participava da partilha, indo de um lugar para outro como uma verdadeira anfitriã

- Você não vai concorrer no concurso de bolo, é proibido se inscrever
- Não vou, não. Mas vou estar lá provando cada receita, afinal dá pra ver que eu gosto de bolo, não dá ? Vou ser do corpo de jurados se você deixar .
- Conto com você lá, Alberto.

Capítulo XV

“ - Então, vamos lá pessoal, gritou para os comparsas que estavam lá fora.

Retiraram os celulares de todos e fecharam as pessoas num salão imenso de baile que havia no centro comunitário. A polícia começa a chamar os bandidos para diálogo, querendo que eles se entregassem”

O centro comunitário era o pulmão do bairro, a vida respirava nele. Havia de tudo; esportes para adultos e crianças, cursos dos mais variados, festas . Até casamentos e

batizados eram feitos ali. O cuidado com que os moradores tinham com aquele espaço era imenso, um orgulho para a comunidade. As crianças tinham onde brincar , os pais onde fazer novas amizades e fortalecer as antigas.

No dia do concurso, o centro comunitário estava em festa. Grande parte dos moradores do bairro estava a postos , cada qual com sua receita na mão.

Muitos fogões tinham sido levados para lá ao longo do dia. E após o sinal de Zé Renato, organizador do concurso, todos começaram a fazer suas receitas animadamente.

Foi aí que um fato aconteceu e que mudaria para sempre a vida de Alberto. Não haviam se passado nem vinte minutos do início do concurso, quando uma gritaria se ouviu. Logo depois, tiros, barulho de carros , sirenes da polícia, e sem que nada pudesse ser feito, um bando de encapuzadas marginais invadiu o centro comunitário.

- Quietos, todo mundo quieto, ninguém se move senão já sabe, disse um dos marginais , e após isso disparou dois tiros para o ar.

O pânico foi geral. As crianças choravam, pais e filhos se espremiavam abraçados como que buscando proteção.

- A gente só precisa se organizar aqui, depois vamos embora, disse um dos elementos do bando. Ele parecia ser o chefe. Era imenso, forte. Uma criança sozinha, agachada, chorava num canto do salão

- De quem é aquele menino ?

- É meu, respondeu a mãe.

- Vai buscar e fala pra ficar calmo porque a gente não quer machucar ninguém.

- Chefia , lá fora tem um carro só da polícia, vamos cair fora.

- Não dá, eles podem seguir e aí a coisa fica preta

- Quem sabe a gente avançando contra eles acerta os milicos de uma vez, disse outro

- Mais mortes ? Não chega a besteira que fizeram no banco, atirando pra todo lado. A gente tinha combinado que ninguém ia atirar em ninguém . Agora tá aí, tamo ferrado de vez, retrucou o chefe.

- Como vai ser ? Indagou um dos comparsas

O chefe andava de um lado para o outro nervosamente. Até que disse:

- Já sei, nós vamos levar alguns com a gente

- E virar seqüestro?

- É a única garantia de vida que podemos ter. A gente se divide em três grupos. Põe capuz em dois daqui para dar pinta de que eles somos nós. Eles levam mais gente para dar idéia de que estão fazendo seqüestro. Quando a polícia seguir o grupo de lá, a gente sai com os carros por outro lado.

- Mas eles sabem que somos nós, disse um dos bandidos.

- Como, eles não viram a nossa cara. Cada grupo põe a máscara e os outros dois eles podem pensar que são os moradores do local. Mesmo assim, a gente pega alguns para refém, caso não dê certo.

Eles se olharam e acenaram que sim com a cabeça. Um dos moradores do bairro esboçou uma reação e levou uma pancada na cabeça.

- Se a gente tiver sorte, a gente escapa e larga os reféns aqui por perto.

- E se não tiverem sorte ? perguntou Alberto, levantando-se do canto onde estava

- Aí o azar vai ser geral, respondeu um dos bandidos

Neste momento, o marginal que comandava o bando, olhou para Alberto com certa curiosidade, levantou-se, chegou mais perto e disse:

- Eu levo esse aqui comigo. Pega na mão daquela menina. Quem é o pai da menina ?

Um senhor levantou a mão.

- Tem carro ?

- Tenho

- Dê a chave para a menina e cala a boca.

O morador obedeceu. O bandido grandalhão falou entre os dentes com o pai da criança::

- Se não fizer o que eu mandar, nunca mais vai ver sua filha !

- Juro que faço, disse trêmulo o pai da menina

- Então, preste atenção. Você vai sair de capuz dando pinta que é a Gente, com dois reféns. Vai pegar aquele Tempra azul, e acelerar em direção à avenida. Eu vou pegar seu carro, qual é ?

- Aquele Corsinha branco, disse o morador apontando para a garagem

- Legal, assim que a polícia começar a perseguir o carro eu vou sair com o seu. Se você parar eu juro que estouro a cabeça dela. Se alguém disser alguma coisa eu estouro a cabeça dela. Se me derem tempo que eu preciso, eu largo a menina na pracinha do final da rua e sigo com o garotão aqui, e sacudiu Alberto pelo pescoço. Combinado ?

- Farei o que o senhor mandar, mas , pelo amor de Deus, não maltrate minha filha...

- Se alguém abrir o bico...

- E pra onde eu vou? Perguntou o morador

- Sei lá, corra pela avenida e daqui a alguns minutos pode parar. A polícia não vai atirar com medo de acertar os reféns.

- Então, vamos lá pessoal, gritou para os comparsas que estavam lá fora.

Retiraram os celulares de todos e fecharam as pessoas num salão imenso de baile que havia no centro comunitário. A polícia começa a chamar os bandidos para diálogo, querendo que eles se entregassem

Os dois bandos se postaram ao lado de dois carros dos moradores. Em seguida, com o revólver apontado para a cabeça dos falsos reféns , o bando mascarado saiu para pegar o seu carro.

- Tamo saindo com reféns, se atirar a gente acaba com eles, gritou o chefe do bando.

A polícia ficou com medo de atirar e acertar os moradores. O pai da criança fez exatamente o combinado. Pegou o Tempra e saiu com os moradores pela avenida.

À esta altura, já havia chegado mais uma viatura e logo depois outra . Todas saíram em perseguição ao carro dos reféns.

Alberto, a menina , o maior dos bandidos e um comparsa saíram da garagem do centro comunitário no Corsa do morador. Outros bandidos pegaram outro carro. Antes de sair na rua, porém, o marginal que estava com a menina tirou o capuz e quando Alberto viu aquele rosto o quase desmaiou:

- Zé Grandão ! , exclamou

- Tô ficando conhecido, disse o bandido. Agora cale a boca, babaca, e deu uma coronhada no rosto de Alberto.

Dirigiu o carro lentamente como se passeasse pelas ruas do bairro. Como

havia prometido, Zé Grandão deixou a menina na pracinha pedindo que ela ligasse logo para os familiares. Ao se despedir, avisou :

- Diga ao pessoal que o rapaz aqui talvez não tenha a mesma sorte. Riu , acelerou o carro e falou ao comparsa que tinham apenas uns dez minutos. Vamos em direção oposto ao QG , largamos o carro, pegamos um táxi e descemos, depois outro, depois outro e assim por diante.

Olhou para Alberto e disse :

- Eu sei que é você , Beto. Fica calado que não vou te fazer mal
- O que é, Zé , conhece o cara ? exclamou o outro bandido
- É como se fosse meu irmão de sangue. Pode confiar e abaixar a arma,
Bodega.

E em meio a uma São Paulo chuvosa, os três, em silêncio , deixaram o Corsa, subiram e desceram em táxis várias vezes, até que chegaram ao Jabaquara, numa rua movimentada, com sobrados de classe média.

- Chegamos, Beto. Você vai se surpreender. Disse isso e bateu na porta usando um código nas batidas .

Alberto que nada havia dito antes , continuou calado. A emoção era demais. O que poderia vir além disso ?

Capítulo XVI

“ Alberto começou a cantar, uma ,duas, inúmeras vezes até perceber que Zé Grandão não respirava mais. Sentiu um imenso vazio, uma dor funda no coração. Ficou ali ainda um tempo, procurou por alguma roupa nas malas para trocar a sua cheia de sangue e depois fez o que Zé Grandão mandou . Acelerou o carro em direção ao lago. Junto foi o dinheiro do roubo,

dinheiro maldito porque motivou a morte dos dois . Em poucos instantes, o imenso furgão afundou na represa. Era o fim.”

- Pô, Zé, o rádio e a TV não dizem outra coisa, só falam do assalto...

Quem é esse cara, não vai me dizer que você fez a merda de trazer refém pra casa ?

Perguntou apontando para Alberto.

- Olhe direito, Tidinha

Ela olhou com mais atenção e aos poucos seus olhos foram brilhando e se expandindo de alegria .

- Beto ?
- Pois é, como vai Tidinha ? perguntou Alberto, com os olhos cheios de

água

Ela não disse nada, apenas abraçou-o carinhosamente.

- Cara, há quanto tempo ! Como foi isso, Zé ?
- Ele estava no meio do caminho, desabafou Zé Grandão. Mas não é o que você está pensando, ele veio como refém.

Em seguida, Zé Grandão contou toda a história, os lances do assalto, o encontro com Alberto no centro comunitário.

- O resto do pessoal, tem alguma informação aí na TV ?
- Todos foram pegos, respondeu Tidinha.
- Então precisamos mudar daqui o mais rápido possível, porque alguém vai caguetar.

- Certo, vamos preparar tudo. E o Beto ?

Zé Grandão olhou para Alberto e balançando a cabeça:

- Vem junto , é muito risco deixar o cara pra trás
- Mas esta não é a minha vida, Zé , rebateu Alberto
- Não tem jeito, mano. Mesmo porque o meu pessoal não ia deixar você

por aí. Eu posso até ter confiança em você , mas eles...

- Nem eu tenho, emendou Tidinha, com um olhar bem diferente daquele da chegada. Ninguém vai ficar aqui pra contar a história...

- Pra onde a gente vai ?
- Pro interior, no norte. Lá tem espaço e dá pra gente se safar, caso haja mais problema.
- E a grana, deu pra pegar ? Perguntou Tidinha
- Tem o bastante, respondeu Zé Grandão. Vamos fazer uma divisão mais ou menos e depois cada um segue seu caminho. Concordam?

Todos concordaram. Pegaram uma parte do dinheiro e foram subindo nos carros. Alberto olhou e viu que tinha muitos automóveis. Todos de luxo, possantes, com vidros escurecidos. A meiga Tidinha da chegada, agora dava ordens precisas, orientando o resto do grupo: ao todo mais seis pessoas, quatro homens e duas mulheres. Parecia que ela comandava tudo. Ela havia se tornado uma verdadeira líder. Nada mais possuía daquela menina frágil e dependente do orfanato. Beto olhou para todos eles, parecia uma família. Alguns com suas esposas, chegaram até a fazer referência a crianças que estariam com os avós, ou parentes e que precisavam pegar após saírem dali. O que os irmanava não era um laço de sangue, um parentesco, era o crime, de certa forma os interesses pareciam os mesmos, mas no fundo cada um sabia que era por si.

Tidinha checou o local, preocupando-se com todos e com tudo. Os vestígios mais graves foram apagados. Alguns se deram as mãos, como se fosse um “até breve”. As mulheres se abraçaram. Tidinha alertou a todos sobre os perigos da fuga e a saída deveria ser lenta, como se passeassem, sem correria para não despertar suspeita

- Espantado com ela, Beto? Ela é a melhor cabeça do grupo. Nunca vai nos assaltos porque a gente precisa dela aqui fora, caso dê rolo e formos em cana. A turma tem medo de mim, mas quem manda é ela, disse isso e riu gostosamente como costumava fazer.

Os carros foram saindo e pegando rotas diferentes. Alberto foi junto de Zé Grandão e Tidinha. Ninguém falava nada, apenas comentários sobre a melhor rua a pegar. Aos poucos, Alberto viu que eles não iam para onde Zé Grandão havia dito e perguntou:

- Não estamos indo na direção errada?

Tidinha e Zé riram:

- Você acha que os outros estão indo para o interior? Ninguém segue

rota estipulada, cada um pegou o caminho da sua segurança. Um lugar que os outros não sabem onde é. Ninguém conta sobre seu reduto pra ninguém. Tidinha e eu temos o nosso, por isso, mais pra frente eu vou te largar.

- O que eu digo pra polícia ?
 - Diz que eu te estuproi , não gostei e te joguei fora, respondeu às gargalhadas Zé Grandão.
 - Homem só fala besteira, remendou Tidinha.
 - Mas a gente vai se despedir assim , depois de tanto tempo...
 - O que você ta querendo, cafuné ? Disse Zé Grandão, dando risada.
 - É melhor, Beto, disse Tidinha. Você sempre foi um puro de alma e de coração. A gente vivia se perguntando onde você estava,. não é , Zé ?
 - É, e emendou , Beto, nós viramos outro tipo de gente. Fizemos esta escolha e agora num dá mais pra voltar. A gente acaba gostando disto, não é uma questão de imposição só, é uma escolha que a gente fez. Você deve ter feito a sua, ou não ?
 - Fiz, mas vocês sempre estiveram na minha lembrança...
 - Lembrança de ontem. Não é a gente agora , disse Tidinha, era o que nós fomos, lá no orfanato. Aqueles dois que você conheceu no orfanato não existem mais.
- Nisso, Zé Grandão, olhando assustado para a pista exclamou:
- Tem barreira aí na frente !
 - Calma, ponderou Tidinha. A gente tá com tudo em cima, a documentação em ordem... Disse isso instintivamente e parou de falar olhando assustada para Zé Grandão:
 - Você trocou as placas ?
 - Não, disse Zé espantado , o Bodega tinha que fazer isso.
 - Não fez, pra polícia é ainda o carro roubado. Dá pra desviar ?
 - Não. Nem ir pra trás, tem gente.
 - Então, vamos ter que pisar fundo, Zé, que a gente tá ferrado..
- Zé Grandão, parou o Cherokee .
- Abaixa a cabeça, Beto, porque vem chumbo aí - e foi tirando uma arma

da lateral da porta, e esperou a reação da polícia . Deu para perceber que os guardas identificaram o carro roubado e se posicionaram para agir. Zé Grandão acelerou o carro como numa partida de fórmula 1 , pôs o braço com a arma para fora , disparou, e mandou o carro em direção à barreira . A polícia revidou imediatamente , o barulho das balas ia passando pelas janelas , furando a lataria do carro. Nisso, um tiro estourou o pára-brisa. Logo em seguida, outra bala acertou Tíndia em cheio. Ela sequer gemeu, caiu para o lado sem vida na hora.

- Nããããããã, meu Deus, gritou Zé Grandão, acelerando ainda mais o carro em direção ao bloqueio da polícia. Cambada de desgraçados , aqui vai , aaahhhh...

O Cherokee trombou em cheio com os carros da polícia e abriu uma passagem a mais de 120 por hora. Daí para frente foram trombadas e atropelamentos sucessivos pelas ruas da cidade. Zé Grandão gritava o nome de Tíndia o tempo todo. Alberto havia puxado o corpo dela para o banco de trás e tentava animá-la em vão.

- Meu Deus, Zé, precisamos ir para um hospital
 - Cala boca, Beto, ela tá morta, e eu também levei mais de um tiro. Sabe dirigir ?
 - Mais ou menos
 - Pega aqui, disse, abaixando a velocidade. Alberto pulou para o banco da frente e Zé grandão foi para o banco de trás para abraçar Tíndia . Zé Grandão gritava como criança em lágrimas.

Alberto foi dirigindo como pôde. Pensando nas ruas e com a cabeça mais fria do que Zé Grandão, procurou um trajeto diferente até que foi dar na represa.

Era noite, apagou a luz e lá ficou num descampado, ouvindo o choro e os gemidos de dor de Zé Grandão.

- Beto, Zé falava já com dificuldade. A coisa... é ... a seguinte. Foi muito sangue e eu... sei que vou durar pouco tempo.

Alberto tentou argumentar. Mas Zé Grandão insistiu:

- Cale a boca, seu besta ... e lembra da D. Matilde, a cozinheira ?
- Lembro.
- Ela está viva e mora na nossa casa da serra. Lá também está meu filho

e de Tídhna, ele tem nove meses. Na casa tem dinheiro, a escritura está no nome da Matilde. Ela sabe da nossa vida. O dinheiro que tá lá é bastante e não é sujo, guardamos antes de entrar nesta vida maldita... Só você pode ajudar agora... Cuide do Marcelo e da Matilde. Fique com a casa, com tudo que é meu... Tem também dinheiro no carro, ali na maleta...

- Zé, pelo amor de Deus, vamos para um hospital.

- Sem chance, Beto, a polícia ia chegar em menos de 10 minutos e aí como ia ficar o Marcelinho? O endereço é este, - escreveu com a mão suja de sangue num papel. Chegue devagar pra não assustar a Matilde... e se ela perguntar quem tá aí no portão da frente fale apenas, Orfanato Santo Antônio, esse é o código. O Valério ... se lembra dele ?

- Lembro

- Ele trabalha num cartório que a Matilde sabe. O que precisar para legalizar as terras e a vida do Marcelinho, fale com ele que me deve favores...

Sua voz saía com dificuldade e Beto percebeu que Zé Grandão estava prestes a morrer

- Fique com tudo o que é meu, irmão, mas cuide deles, Jogue o carro ... no lago assim que tudo acabar...

- Zé, Alberto começou a chorar ...

- Tu sempre foi molão mesmo, riu com dificuldade. Deus botou você no meu caminho hoje e finalmente me deu uma bênção por te encontrar. Preciso que você cuide de meu filho e da velha, não me negue isso, Beto... Se lembra daquela canção que a gente cantava no quarto antes de dormir ?

- Lembro.

- Cante pra mim, Alberto, porque esta... esta vai ser a última noite, a mais triste, a noite da passagem... Disse isso e abraçou o corpo de Tídhna em silêncio.

Alberto começou a cantar, uma, duas, inúmeras vezes até perceber que Zé Grandão não respirava mais. Sentiu um imenso vazio, uma dor funda no coração. Ficou ali ainda um tempo, procurou por alguma roupa nas malas para trocar a sua camisa cheia de sangue e depois fez o que Zé Grandão mandou. Acelerou o carro em direção ao lago. Junto foi

o dinheiro do roubo, dinheiro maldito porque motivou a morte dos dois . Em poucos instantes, o imenso furgão afundou na represa. Era o fim.

Capítulo XVII

“Seguiu o caminho tortuoso e a menos de 100 metros avistou a casa. Logo um cão veio latindo, e com ele mais dois. Eram cães de raça que guardavam a residência. Ele parou no portão em frente ao alambrado que cercava o terreno. Bateu palmas – várias vezes. Uma porta se abriu na varanda e uma senhora, com voz meio rouca, perguntou quem era.

- Orfanato Santo Antônio! Gritou Alberto”.

Alberto tinha uma só coisa em mente : chegar à casa da serra o mais rápido possível. D.Matilde devia estar aflita com os acontecimentos, esperando notícias

A viagem de ônibus foi demorada. Pelo caminho, o verde das montanhas era de uma paz imensa. A neblina envolvia pedaços da estrada e por conta disso o motorista ia devagar.

Alberto olhava tudo , mas sua cabeça estava em tudo o que havia acontecido. Quantas coisas ele havia vivido em um só dia. E não era só isso : ao longo de sua vida, após o orfanato, ele sempre se lembrava de Zé Grandão. No fundo , tinha esperança de encontrá-lo um dia, mas não desse jeito.

Nos seus pensamentos, a flor surgia a todo instante.O que teria ela para me dizer nesta hora ? Será que estou fazendo o certo, ou deveria ir à polícia e contar tudo o que aconteceu ? Quem iria acreditar em mim ? Morte, vida, tudo acontecendo num mesmo instante.Encontros desencontrados, sorriso e lágrimas. As dicotomias da vida. O carma...

O ônibus ia mais lentamente agora que chegara num trecho apertado da serra. Alberto ficou atento. Numa curva forte à direita, depois de uma capela de estrada ele deveria descer. Viu a capela e pediu ao motorista que parasse.

Estava emocionado e com medo. Encontrar D. Matilde, ir para a casa de Zé Grandão e Tidinha, ver o filho deles, ser obrigado a iniciar uma nova vida, calar-se sobre todo este passado...

Seguiu o caminho tortuoso e a menos de 100 metros avistou a casa. Logo um cão veio latindo, e com ele mais dois. Eram cães de raça que guardavam a residência. Ele parou no portão em frente ao alambrado que cercava o terreno. Bateu palmas – várias vezes. Uma porta se abriu na varanda e uma senhora, com voz meio rouca, perguntou quem era.

- Orfanato Santo Antônio! Gritou Alberto.

A senhora chamou os cães, foi para dentro da casa e um barulho destravou o portão. Alberto caminhou com o coração batendo forte em direção à casa. Conforme ia chegando mais perto, a imagem de D. Matilde ia ficando mais nítida, até ficarem frente a frente:

- D. Matilde, se lembra de mim ? Perguntou Alberto. Ela olhou mais atentamente para ele, e aos poucos foi reconhecendo Alberto até exclamar:

- Beto, é você , meu menino ?

Ele correu pra ela num gesto que sempre fazia no orfanato e a abraçou com carinho.

- Beto, Beto, Beto ... , repetia sem parar. Vi pela TV coisas terríveis, e se você está aqui falando Orfanato Santo Antônio é porque tem tristeza chegando. Me conte, meu filho, o que aconteceu ?

Alberto contou toda a história. O assalto, a forma como foi feito refém, o reconhecimento de Zé Grandão, os tiros, a morte de Tíndia, a morte de Zé Grandão, a represa e a promessa em cuidar do Marcelinho . D. Matilde começou um choro sentido, vindo do fundo da alma. Deixou Alberto na sala e foi até o quarto ver Marcelinho que dormia. Sentou-se ao lado da cama e num lamento desabafou :

- Eu tinha comigo que um dia isso ia acontecer. Eles disseram que seria a última vez e que iriam mudar daqui para Minas Gerais . Devo minha vida a eles, Alberto, porque quando eu fiquei doente lá no orfanato, Seu Tico, o administrador , me colocou na rua. Eu estava jogada numa cama num cortiço de São Paulo, lá no centro, quando eles souberam e vieram me pegar. O Zé Grandão foi até o orfanato e deu uma surra no Seu Tico, e a polícia pôs ele na cadeia. Foi por minha causa que ele foi preso a primeira vez. Depois, quando fugiu, ficou marcado para sempre. O resultado foi esse, foi culpa minha

- Deixa disso, D. Matilde, ninguém teve culpa. Foi a vida, esta vida besta

de pobre que sonha com o que não tem . Ninguém tem culpa, ninguém. Agora é cuidar do Marcelinho. Se a gente não teve família e ficou jogado por aí, o que podemos fazer é dar a ele uma vida mais digna.

Abraçados, D. Matilde e Alberto ficaram longo tempo em silêncio, curtindo aquela dor . Nisso, um choro de criança:

- É ele, vem ver que criança linda, disse D. Matilde

Realmente, Marcelinho era um menino forte e bonito.

- A força do pai e a beleza da mãe, disse Matilde

Ela pegou o menino no colo e logo que Alberto foi brincar com ele pela primeira vez, Marcelinho abriu um sorriso imenso.

Alberto não se conteve, pegou o menino no colo e abraçou com força. Entre eles nascia uma imensa afeição. Parece que sempre haviam vividos juntos. Ao longo de todo o dia, Alberto não largou Marcelinho. Brincaram , deu mamadeira ao garoto e à noite quando a criança foi dormir, Alberto abraçou D. Matilde e , conformado, mas sobretudo convicto , disse :

- Esta vai ser a minha vida, a nossa vida D.Matilde. Eu sempre quis uma família e meu melhor amigo no orfanato me deu vocês. Uma vez alguém me disse que a vida não acaba, se modifica. Morte gerando vida , fim gerando começo, é o ciclo, sussurrou para si Alberto.

D.Matilde encostou a cabeça no ombro dele como que querendo um abraço. Alberto a envolveu com carinho, beijou-lhe a testa .

- Vamos superar isso , meu menino, disse D.Matilde com esperança na voz.

- Vamos, D.Matilde, a felicidade é um direito do ser humano e quem está vivo , se puder, tem o direito de ser feliz. Nós vamos conquistar a felicidade...

Capítulo XVIII

“Quase sempre sonhava com a flor e imensos diálogos eram feitos. Quando ela acordava, não se lembrava direito do que haviam falado, mas com o passar dos dias acabava descobrindo que sabia uma coisa nova que antes nunca havia pensado . “ será que ela me ensina ainda, nos sonhos ? “ vivia matutando consigo mesmo.”

No bairro, não se falava outra coisa. Depois que os bandidos foram embora, D. Iolanda entrou em pânico. Havia se apegado a Alberto de tal forma e ao vê-lo levado pelos bandidos , entrou numa crise ainda maior.

A menina que tinha sido feita refém repetiu exatamente o que ouvira dos bandidos “ Diga ao pessoal que o rapaz aqui talvez não tenha a mesma sorte...” e como Alberto não voltava para casa, todos pensaram que ele havia sido assassinado.

Com os passar dos dias esta suspeita foi se transformando em certeza e , quando noticiaram que haviam achado um carro na represa com os corpos de Zé Grandão e Tidinha, imaginaram que Alberto havia de fato morrido e que as águas haviam levado seu corpo embora. Por mais buscas que os mergulhadores fizessem, não conseguiam encontrar nada. Até que a polícia deu o caso como encerrado e Alberto morto.

Dois domingos depois. rezaram uma missa para ele, mas não puderam fazer mais nada , afinal nem o sobrenome de Alberto eles sabiam. Na casa, ninguém encontrou documento algum.

Com o passar do tempo, Alberto foi sendo esquecido. Vez ou outra o fato era lembrado e aí sim se falava dele. A receita de seu bolo correu o bairro todo, e até mesmo gente de outras freguesias vinham até a casa de D. Iolanda para saber como se fazia o tal bolo. Mas de resto, todos estavam aliviados por não terem perdido a vida no episódio.

A casa de Alberto, como era num avanço de terra, ficou abandonada e muita gente tinha medo do local porque, vez ou outra, aparecia algum engraçadinho que dizia ter

ouvido barulho e vozes lá dentro. Um belo dia, ladrões entraram e lavaram tudo o que havia lá dentro.

Enquanto isso, a vida de Alberto prosperava. A pequena chácara começava a ganhar beleza com suas mãos de jardineiro. Antes o lugar era um refúgio, sem muitos cuidados, mas agora não, era um lar de fato e com suas habilidades, Alberto ia dando personalidade ao local. Aos poucos, flores e plantas exóticas nasciam e cresciam, dando ao ambiente uma beleza incrível.

De sua parte, D. Matilde ensinava a Alberto tudo que sabia principalmente o valor medicinal das plantas. D. Matilde era descendente de índios no sertão do Brasil e sabia o segredo milenar das ervas que curam. Ela mesma carregava consigo mudas especiais que poucas pessoas conheciam. Algumas nem nome ainda possuíam.

- Veja, Alberto, falava Matilde, pegando um punhado de terra com as mãos. A terra está sempre fértil, sempre esperando pela fecundação. Nós plantamos a semente e cuidamos da planta, mas quem faz germinar é a terra. Esta é a dádiva divina, a missão da terra. Impedir isso é pecado. “A terra é mulher preta”, dizia, “bota uma semente nela que a cria vem”. “A terra é mulher, onde a gente se alimenta, como no peito da mãe”, dizia e sorria porque tinha a certeza de que falava a verdade.

Havia uma sabedoria imensa nessas palavras. A função da terra é realmente prover alimento aos seres humanos. Usar a terra como especulação, como ganho, tornando-a não produtiva é realmente fugir à finalidade que ela possui, “uma missão que foi dada por Deus”, dizia Matilde.

Alberto estudava cada planta. Comprou livros, aprendeu a destilar, fazer pomadas, enfim, a cada dia sabia mais e mais sobre as plantas. Marcelinho crescia com saúde e alegria. Aprendia rapidamente as coisas e, um dia, chamou Alberto de pai. E assim em felicidade, foi-se um ano.

Alberto, apesar de feliz, tinha dentro de si um vazio imenso: sentia falta da flor. Como ela mesma havia dito, ele foi compreendendo mais sobre a vida e os seres humanos. Era como se o conhecimento que ele tinha recebido dela fosse fecundando a si mesmo na busca de novos conhecimentos e novas fecundações numa espiral interminável e prazerosa. Ele não sabia ao certo, mas era assim que os sábios se tornavam autodidatas, capazes de aprender por si sós. Diariamente, Alberto

meditava. Mais ainda : a cada flor que nascia, Alberto lhe dirigia a palavra na espera de uma resposta. Mas isto nunca mais aconteceu.

Quase sempre sonhava com a flor e imensos diálogos eram feitos. Quando ela acordava, não se lembrava direito do que haviam falado, mas com o passar dos dias acabava descobrindo que sabia uma coisa nova que antes nunca havia pensado . “ será que ela me ensina ainda, nos sonhos ? “ vivia matutando consigo mesmo.

Numa manhã de sol , descendo da montanha, depois das caminhadas que vez ou outra fazia, Alberto viu uma pessoa sentada na estrada. Ao chegar perto, percebeu que ela gemia com dores estomacais. Alberto apiedou-se dela, voltou rapidamente para casa, pegou uma erva que possuía, diluiu em água e deu à pessoa. Em poucos minutos, a dor começava a passar. Lentamente, aquele desconhecido mudava seu semblante sofrido, até que a dor sumiu totalmente.

- Que remédio é esse , amigo ?
- Não tem nome, respondeu Alberto, é um chazinho que aprendi a fazer com a minha velha.
- Ela é sua mãe ?
- É
- Você tem outro irmão que aparece aí de vez em quando, não tem ?
- Tenho, mas ele pegou um serviço no exterior e foi pra lá, vai demorar pra vir outra vez, então eu vim morar com a velha. A chácara é nossa.
- Desculpe as perguntas , mas o pessoal aqui é como uma família, todo mundo se conhece
- Não faz mal.
- Muito obrigado pelo chá, meu nome é Sebastião, moro na comunidade e sou presidente da Associação dos Moradores.
- Me chamo Alberto, muito prazer.
- Tem gente que tem medo da chácara, dizem que é coisa de bandidagem , falou Tião olhando para ver se achava alguma coisa.
- Então eu devo ser bandido; minha mãe, a minha comparsa e meu filho pequeno o nosso companheiro de ladroagem, disse rindo Alberto.
- Só moram vocês três aí ?
- Sim, mais um montão de cachorros que atacam pra valer.

- Calma, eu não tô querendo saber pra nada de mal. Nós moramos aqui na serra desde quando a estrada foi construída e temos uma comunidade muito boa de gente honesta e trabalhadora. Por que você não aparece algum dia ?

- Não sei onde é.

- Ali, depois da curva, tem uma entradinha e em seguida nosso salão social. A gente faz um forrozinho de quando em vez, fazemos nossas reuniões, temos um time de futebol, enfim, é lá que a gente esquece a dureza da vida.

- Já sei , é onde fica a venda . A gente compra alguma coisa lá às vezes.

Qualquer dia apareço

- Isso mesmo . Só mais uma coisa , perguntou Tião , tem mais desse chá aí, porque a dor pode voltar.

- Vai voltar se você não disciplinar a comida e a bebida.. Mas eu vou buscar mais pra você, quer entrar ?

Tião, olhando os cachorros disse que naquele dia não, mas ia voltar para uma visita qualquer hora. Alberto foi até a casa e trouxe uma mistura de ervas na mão, deu para Tião, que agradeceu e partiu.

Alberto ficou pensando sobre o salão social ali da serra. Estava sozinho há muito tempo, sem falar com ninguém além de Matilde e Marcelinho que , com dois anos , já falava alguma coisinha.

Dois anos , como o tempo passava rápido ! De quando em vez vinha na lembrança aquele dia com Zé Grandão. Muitas vezes sonhou com eles e acordava com o coração batendo forte. Que pena ! A vida nos prega surpresas as quais nunca mais esquecemos.

Contudo, era sobre os outros sonhos que ele mais ficava intrigado. Será que a flor fala comigo quando durmo, indagava a si mesmo ? Quantas coisas novas eu aprendo nos meus sonhos, pensou Alberto. Várias vezes ele parecia conhecer coisas sobre as quais nunca havia lido ou se informado. Era como se um saber fosse sendo plantado na sua cabeça . Seria a rosa ?

Capítulo XIX

“Após isso, o sonho acabou e desde então, vez ou outra, Alberto começou a sonhar com esta nova flor muda que desabrochava . E sempre que sonhava com isso, uma voz vinda do ar, como se fosse um eco, dizia “ volte”, “ volte ..”

Uma noite Alberto teve um sonho estranho. Viu-se novamente na sua antiga casa e no jardim havia mais uma flor além da sua. Ambas conversavam animadamente e quando Alberto chegou perto, a flor lhe disse:

- Esta é uma nova amiga que nasceu perto de mim. Veja como é linda.

De fato, Alberto viu que a nova flor era lindíssima, diferente, com uma cor indizível, parece que tinha em si mesma todas as cores das rosas. Era jovem , em botão ainda, mas deixava antever que , ao desabrochar, seria uma linda flor.

- Como ela surgiu ? perguntou Alberto

- Ela estava destinada a aparecer perto de você, disse a flor

- Ora , destinada, destinada, justo você me dizendo isso. Você que sabe das coisas. Ela fala?

- Não com você , mas comigo sim. Falamos a linguagem das flores. Para falar como você, é preciso que ela seja ensinada. Quer fazer isso ?

- Como ?

- Comece gostando dela como gosta de mim. Depois, dê-lhe carinho, cuide dela. Aos poucos ela irá aprendendo e um dia falará a você como eu.

- Ora, eu tenho falado com todas as flores desde que você se foi e nenhuma falou comigo ainda.

- Você tem falado com as flores da chácara, não com as flores do seu quintal antigo. Lembra-se? Eu fui uma muda que você trouxe do orfanato . Talvez tenham ficado algumas sementes por lá ...

Após isso, o sonho acabou e desde então, vez ou outra, Alberto começou a sonhar com esta nova flor muda que desabrochava . E sempre que sonhava com isso, uma voz vinda do ar, como se fosse um eco, dizia “ volte”, “ volte “...

Enquanto isso, sua fama correu pela serra. Ele passou a ser o homem dos chás. Para cada dor, para cada momento de aflição, Alberto tinha um chazinho diferente, uma palavra amiga para os que estavam sofrendo. Fez amizade com o pessoal do lugar, passou a ser conhecido e estimado por todos, acabou sendo um grande amigo de quem precisava dele. Com o tempo, deixou crescer a barba e o cabelo, parecendo um hippie dos anos 60.

Muitas vezes olhava no espelho e ria da sua nova aparência. Quem diria, eu hein ? Parecendo um hippie... pensava com certa vaidade. Como gostava do branco , passou a se vestir assim , com branco e amarelo, e sem perceber foi ganhando uma certa personalidade própria, diferente, , uma aparência angelical, serena. Raramente se descontrolava, sua voz era calma, nunca gritava. Até Matilde , que estranhou no começo, gostava agora.:

- Meu menino, está parecendo um profeta, dizia ela e ria

- Qual nada , Mainha, sou eu mesmo. Aos poucos Alberto passou a lhe chamar de Mainha. Ajudava a mostrar para os outros que ela era sua mãe. Mas era mais que isso. Um dia , Alberto lhe falou:

- Matilde, nunca soube quem foi minha mãe e antes isso me importava.

Os filhos não escolhem as mães e às vezes mães não merecem os filhos que têm , assim como, há ocasiões, em que filhos também não são dignos de suas mães. Mas comigo foi diferente, como nunca soube dela e , durante muito tempo, a imaginei erradamente, quero me penitenciar agora. Sabe, não posso imaginar outra mãe para mim que não seja você. Quando fecho os olhos à noite e imagino um rosto, vejo o seu, por isso, daqui pra frente você não será mais Matilde, será Mainha. Posso te chamar assim ?

Matilde chorou de alegria. Naquele momento uma família de fato nasceu, unida pelo sofrimento, pela alegria, pelo suor do trabalho, pelo respeito e sobretudo pelo amor.

Ajudado por Mainha, Alberto começou a plantar mudas de flores e árvores raras e construiu uma estufa. A mão do jardineiro e o amor pelas plantas logo fez fama. Começou, inicialmente a vender mudas na estrada, depois foi participar de concursos, muitos dos quais venceu, fazendo com suas plantas ganhassem notoriedade. Com elas , apurou dinheiro, principalmente com os chás que produzia e embalava em saquinhos,

com receitas para curar pequenas enfermidades e males da “ alma” como ele mesmo dizia.

Pensou num nome para sua nova empresa e não achou nenhum outro além de Flor, assim , sem mais nada. Seus chás passaram a se chamar Chá da Flor. A chácara se chamou Chácara da Flor e as mudas que produzia eram todas Mudas da Flor.

Para não falar uma coisa e fazer outra, a chácara virou um imenso jardim. Alunos vinham das escolas perto para receberem aulas sobre plantio, e todos levavam para casa uma muda de flor..

De quando em vez, alguém vinha com desespero no coração falar com Alberto. Eram doenças , dores de amor, fracassos, e ele agia sempre do mesmo modo.

- Gosta de bolo de fubá ? Tenho uma receita maravilhosa que cai bem com um chazinho aqui que eu fiz... Mas me conta , o que há com você ?

E por aí iam falando de coisas, da vida, e muitas vezes a pessoa passava o dia com ele na chácara, ajudando a plantar, colher, arrumar vasos e quando o dia terminava, muito daquela primeira aflição, daquela dor inicial havia passado.

Muitas vezes, Alberto meditava e quando isso acontecia , parecia sair dele uma certa luminosidade, uma aura brilhante e colorida que espantava os que viam isso acontecer. Mainha foi a primeira. Quando viu, caiu de joelhos. Alberto dizia que isso era bobagem das pessoas, pura imaginação. Mas cada vez mais essa aura aumentava, ficava forte e conforme isso ia acontecendo, a força de Alberto também crescia. Não a força muscular, mas a das palavras, do saber. Muitas vezes ele parecia conhecer coisas que nunca estudara antes, nunca havia ou ouvido falar sobre aquilo. Até mesmo ele estranhava. Mas, sempre que isso acontecia, ele pensava na flor. “É ela que me ensina nos sonhos” , afirmava para si mesmo .

Marcelinho, agora com 4 anos , era um grande companheiro, apesar da idade. Queria sempre estar onde Alberto estava. Devagar , foi plantando um plantinha aqui e outra lá e com um regadorzinho de plástico dava água para os vasinhos que fazia junto com Alberto. Diariamente , Alberto gastava um tempo com o menino. Era uma coisa sagrada que nada podia substituir. Ora contava histórias ora ensinava as letras e os números, a verdade era que Marcelinho acabou sendo uma criança diferente, esperta, com olhos vivos, energia pra dar e vender.

Capítulo XX

“A felicidade é simples, não é fácil, mas é simples, por isso ser feliz é um direito do ser humano. Mais que isso: distribuir a felicidade sempre que se pode é missão de quem quer completar a obra divina”.

Mais anos se passaram. A chácara prosperava, Alberto fez amizade com todos ali na serra e era respeitado pelo seu saber e bondade. Aos poucos, seu comércio com as plantas e chás prosperava.

Mas ocorreu que, certa vez, Tião apareceu no portão com um senhor idoso do lado, chamando por Alberto. Quando chegaram mais perto, Alberto viu que o velho trazia uma criança no colo – um bebê.

- O que manda? Perguntou Alberto para Tião
- Amigo, a gente precisa de você, começou dizendo Tião.

Alberto ouviu tudo. A história era o mesmo lugar-comum de tantas e tantas histórias que assolam os pobres, incultos e necessitados do nosso país. Sr. Pedro tinha uma filha só, que havia vivido com um rapaz, o qual, ao saber que ela estava grávida, deu no pé e nunca mais ninguém soube. Como eram apenas os dois, ela trabalhava e o Seu Tico fazia pequenos serviços na lavoura da serra, ambos uniram forças e se prepararam para o nascimento da criança. Mas, no parto, ela morreu. Sr. Pedro, apesar dos esforços não teria agora como cuidar da criança sozinho, já que não possuía mais ninguém no mundo. E ao final, Tião, olhou para Alberto e disse:

- Você precisa nos ajudar com isso, Alberto, só você pode nos ajudar porque Seu Tico não quer doar o bebê para algum desconhecido, é a única coisa que resta da filha que morreu.

Alberto olhou para o bebê embrulhado no colo do velho. Mainha, nem precisou de mais nada, :

- Me dá cá esse nenê, que eu tenho ainda as mamadeiras do Marcelinho. Vou buscar leite na venda.
- Não precisa, disse Tião, tem aqui, abrindo uma sacola velha com uma lata de leite infantil dentro, algumas fraldas, uma chupeta, mamadeira ...

- Tá todo cagadinho, coitado, disse Mainha , tirando a fralda do nenê no sofá da casa. Ninguém viu isso, não ?

Os homens ali não disseram nada. Marcelinho veio de mansinho e como prestara a atenção da conversa, olhou para Alberto e falou:

- Papai do Céu mandou um irmãozinho pra mim , pai ?

Alberto esboçou um sorriso de ternura e apreensão. Coçou a cabeça e encontrou o olhar angustiado do Seu Pedro e Tião. Suspirou fundo, olhando para Mainha. Após um tempinho, falou

- Uma criança a mais aqui na chácara não é sacrifício é um prazer, uma graça pra mim , começou Alberto para alívio de todos. Mas não é assim , vapt-vupt como se ninguém quisesse tomar conta do menino e jogasse ele aqui pra eu carregar o fardo. Fico com o menino, cuido dele mas só se eu puder adotar como meu. Já registraram a criança ?

- Não, respondeu Seu Tico

- Como era o nome do pai ?

- A gente chamava ele de Tonhão. Acho que era Antonio da Silva

- Errado, meu velho, o nome do pai é Alberto Gomes e é assim que será o registro – Antônio Gomes. A gente vai chamá-lo de Toninho. Mainha, você sabe como entrar em contato com o Valério do cartório.

- Sim, respondeu ela

- Vamos fazer o registro. Mas tem outra coisa, Seu Tico, o senhor quer ficar perto dele e o Tião disse que o senhor cuida de uma rocinha aqui , outra acolá e assim vai vivendo. A casa onde mora é sua ?

- Não é, não

- Então, vamos fazer um trato. O senhor vem morar aqui na casinha do caseiro que está vazia. Trabalha pra mim , ganha um salário que a gente combina, me ajuda com a chácara, tem dignamente o seu sustento e fica vendo seu neto crescer. Ninguém pode tirar o direito de um homem ser chamado de avô. Aliás, acho que um bom nome pra ele seria Sebastião

Sr. Tico caiu de joelhos agradecendo.

- Deixa de bobagem, interrompeu Alberto, levantando o velho. Amanhã

você traz suas coisas, vem pra cá. Enquanto isso nós vamos tirar o berço do Marcelinho lá do porão porque tem criança nova na casa, gente, disse levantando a voz.

Marcelinho gritou de contente e saiu correndo para o porão. Mainha deu um beijo na testa de Alberto

- - Beto, Beto, meu filho...

Alberto fez naquela hora o que sempre fazia.

- Gosta de bolo de fubá, seu Tico ? Conheço uma receita sensacional que me deram . Junto com um chazinho de ervas que eu tenho aqui para ocasiões especiais, vai ser uma boa maneira de comemorar o aumento da família. Disse isso e foi para a cozinha

Tião sorriu e abraçou o velho Tico. Do porão, Marcelinho gritava para Mainha vir pegar o berço. A água fervida foi para a mamadeira com a medida de leite. Nesta confusão toda de gritos e alegria, o bebê acordou e chorou: o som de uma nova vida encheu a sala da chácara.

Alberto olhou pela janela. Ali estava o canteiro com todas as rosas que ele plantava diariamente na esperança de encontrar a sua velha amiga. A vida é um eterno recomeço. Ajudar sempre, era o que ela havia lhe dito quase no fim . Não era outra coisa que ele vinha fazendo na vida. Viver era uma dádiva divina, era complementar a obra do Criador. Neste mundo, Deus vivia nas ações praticadas pelos seus filhos. “ Nós fazemos a obra divina”, pensou Alberto “ e na obra divina prevalece a vida sobre a morte, o bem sobre o mal, a alegria sobre o sofrimento”. Era isso que ele via na sala. Mainha dando de mamar, Marcelinho feliz com o bebê, os dois homens comendo bolo e tomando chá. A felicidade é simples, não é fácil, mas é simples, por isso ser feliz é um direito do ser humano. Mais que isso: distribuir a felicidade sempre que se pode é missão de quem quer completar a obra divina.

Quando a notícia bateu na comunidade foi um alvoroço só. O respeito por Alberto aumentou ainda mais. Para muitos, os remédios, os chás, o papo amigo dele e agora a adoção do bebê era coisa de santo. Vez ou outra, aparecia gente no portão da chácara só para ver se conseguia olhar Alberto ou, falar com ele. Nestas ocasiões, a cena era a mesma : um bolo de fubá, um chazinho de ervas e conversa, muita conversa.

Com o tempo, as tardes começaram a ser na chácara e quem podia ia lá para passar o resto do dia. Todos ajudavam como podia na plantação das mudas. Aos poucos, Alberto foi separando um pedaço de terra, antes sem cultivo, e começou, junto com a comunidade, a fazer um imenso canteiro novo de mudas. Todos que iam trabalhar lá na chácara, ele tomava nota do nome.

Um belo dia já eram mais de trinta pessoas que iam lá regularmente. Naquela tarde em especial, Alberto não levou ninguém para o canteiro, ficaram na sala de casa. E Alberto começou :

- Sabem o que é uma cooperativa ?

Uns arriscaram responder, outros não, e mais ou menos todos tinham noção do que seria uma. Mas Alberto explicou melhor:

- E uma empresa onde quem trabalha também é dono. Assim não se trabalha para os outros, mas para si próprio. O resultado é dividido conforme o trabalho que cada um realizou na empresa. Se uma pessoa veio mais dias do que outras aqui na chácara e plantou mais mudas, se a gente fosse vender a produção, quem veio mais dias ganharia mais que os outros que vieram menos, mas todos ganhariam, ninguém seria prejudicado.

- Quer dizer que um estaria colaborando com outro, perguntou um dos presentes.

- Mais que isso, estaria cooperando com outro e cooperar é mais do que colaborar. Cooperar e trabalhar junto não é fazer favor. É suar pelo mesmo objetivo, é ter metas comuns, e lucrar conforme seu esforço.

Alberto parou um pouco para sentir a reação e continuou.

- Vocês perceberam que eu separei este novo canteiro dos demais ?

- Sim, responderam .

- Neste canteiro todos trabalhamos juntos e nos outros seu Tico e eu ficamos sozinhos, não foi.

- Sim

- Naqueles canteiros antigos tudo vai ficar como sempre ficou, mas neste canteiro novo, eu quero criar uma cooperativa e dar a vocês que vieram aqui o direito de continuarem trabalhando na terra, só que com direito de terem o lucro quando vendermos as mudas. Ninguém vai me pagar nada, quero fazer isso pela comunidade.

Alberto mandou entrar na sala um homem que ninguém conhecia ainda e continuou falando : O Sr. Antenor pertence a uma associação estadual que congrega as cooperativas do estado. Ele veio aqui a meu pedido. Vocês ficarão o resto da semana vindo aqui todas as tardes para saberem direitinho o que cooperativismo. Depois disso, vamos registrar nossa cooperativa no cartório e todos passarão a ter direito sobre esta parte terra e a produção, desde que trabalhem nela.

- A terra, perguntou uma senhora, você está dando a terra para nós?

- Para vocês não, para a cooperativa de vocês. Tem muita terra aqui na chácara e como eu planto mudas, sobra espaço demais. Se a cooperativa for bem, vocês podem comprar mais terras de mim. Separei o que eu quero, o resto vai depender do trabalho de vocês. A primeira coisa é construir um galpão para termos um escritório , uma estufa, enfim , o Sr. Antenor vai explicar tudo.

O pessoal ficou animado. Iriam trabalhar num negócio seu pela primeira vez na vida.

- Vou sair do emprego, disse um dos moradores.

- Ainda é cedo, interrompeu Alberto. E se você não se adaptar ? Faça o seguinte: entre na cooperativa, ponha sua esposa para trabalhar, a cota de vocês é única e todos ganharão por produção.

Os presentes concordaram e Alberto concluiu:

- Gostaria de tomar parte na primeira diretoria, sinto que posso ajudar, mas depois vocês deverão caminhar com as próprias pernas . Vou abrir outra entrada nas terras, quero que fique claro que vocês estarão tendo uma vida independente e nova daqui pra frente. Só faço questão de uma coisa, do nome. A cooperativa vai se chamar Cooperativa Flor da Serra.

Parte III

Maria Rosa

Capítulo XXI

“Rosa gostou de ouvir isso. Olhou pra ele com certo carinho enquanto tirava o cachorro da coleira. Alberto olhou pra ela. De fato era estranha. Vestia-se de modo curioso. Calças jeans, larga, uma botinha feminina que parecia um coturno de soldado, blusa grande, cabelo preso, brincos compridos e um chapéu na cabeça que lembrava Che Guevara”.

Daquele dia em diante, a flor nunca mais deixou de aparecer em sonhos para Alberto. Ela parecia feliz, muitas vezes ele pensou ter visto um rosto entre as pétalas como no passado buscara isso sem cessar. Mas a flor era simplesmente a flor.

Entretanto o saber de Alberto aumentava. Sua serenidade crescia e raramente as pessoas que falavam com ele deixavam de lhe admirar. Estudou mais e mais as plantas, fez mistura de ervas , aumentou seus conhecimentos sobre doenças, enfim , aos poucos entre as flores e a fitoterapia sua vida foi se tornando mais intensa.

Começou a freqüentar simpósios, fez cursos e em muitos casos apresentou suas experiências, até que passou a ser respeitado no meio só não sabia quanto porque sua forma humilde de ser e tratar as pessoas nunca mudou.

Passaram-se três anos do dia em que o novo bebê havia chegado. Tiozinho, como era chamado também havia crescido forte . Amigo inseparável de Marcelinho. “ Foi como se um anjo o tivesse trazido para mim”, pensou Alberto.

Seu Tico tinha orgulho do neto que o chamava de vovô. Sempre estavam juntos. Marcelinho, agora com 8 anos era mais ativo e esperto. Superava em muito uma criança na sua idade.

A vida para Alberto parecia perfeita, mas havia um vazio. Era algo que ele não sabia explicar. Não era infelicidade, nem tristeza, nem desânimo, era simplesmente um vazio. Algo como se ele deveria fazer algo que não fizera, ou que deixara para trás.

De quando em vez, o mesmo sonho” Volte”, “ Volte”. Mas para onde? O orfanato não existia mais, sua casa na periferia havia sido desmanchada e hoje havia um sobradinho no local. No centro comunitário, não dava nem para imaginar, as pessoas do bairro

pensavam que ele havia morrido e voltar agora, bem de vida, poderia dar a todos a impressão de que ficara com o dinheiro do assalto feito por Zé Grandão.

“ Volte”, “ Volte”, esta mensagem não lhe deixava em paz. Tanto foi, que um dia resolveu voltar para o bairro onde havia morado, onde a rosa havia sido plantada.

Lá estava agora um sobradinho. Indagou por ali quem morava no sobrado e descobriu que na parte de cima morava o dono atual, um senhor com uma família completa, esposa, dois filhos, cachorro. Embaixo morava sozinha uma moça. Depois de vários dias, indo e vindo, olhando a casa, fazendo perguntas, ele ganhou coragem para uma aproximação.

- Olá, disse puxando prosa com o morador de cima que aparecera no terracinho. Morei no bairro há muito tempo e aqui morava o Beto. Nunca mais falei com ele, fui pra Minas Gerais a trabalho e me fixei por lá. Agora voltei. Sabe o que é feito dele ?

- Ele morreu num assalto aqui no centro comunitário, disse o senhor. Aos poucos foi contando a história toda. Falou do assalto, dos bolos de fubá, da fuga , sobre como o lugar onde estavam naquele momento ficou assombrado, enfim, com o tempo , a prefeitura começou a dar lotes para os moradores e ele veio morar ali. Acabou ganhando a escritura , fez o sobrado, morava em cima e alugava embaixo para uma moça que trabalhava como treinadora de animais.

- Ela é meio estranha, se veste de um jeito gozado, mas treina cachorros e vende bugigangas para animais.

- Como ela se chama, perguntou Alberto

- Rosa, disse o morador, Maria Rosa Antunes. Sei pouco do passado dela, mas ela é estudada , parece que não tem pai e mãe, ou se tem moram longe. De quando em vez vem gente na casa, mas eu não admito bagunça e nem putaria no lugar, sabe como é, minha família mora aqui em cima. Mas ela não é dessas que andam por aí sozinha. Afinal , pra que o senhor quer saber ?

- Eu? Eu queria saber sobre o Beto, o senhor é que me contou tudo isso. Agradeço. Toma chá ?

- Às vezes, só quando estou com dor de estômago, tenho úlceras.

Alberto foi até o carro , pegou alguns saquinhos de ervas embaladas com o nome da chácara deu ao homem.

- Tome estes, o senhor vai melhorar, mas faça regime, seu médico já deve ter lhe dito...

Nisso, uma moça virou a rua de cima com um cachorro Labrador na coleira. O morador viu e disse:

- Lá vem ela, como eu disse, cuidando de cachorros.

Rosa veio andando normalmente. Chegou na porta da casa, cumprimentou o morador que logo foi dizendo:

- Este senhor queria saber do Beto

- Por quê ? perguntou ela

- Foi meu amigo quando morei aqui, disse Alberto. Depois fui para Minas e agora voltei. O seu senhorio me contou a história toda.

- Bom, disse o senhorio, vou entrando, até mais e obrigado pelo chá., e subiu para o sobrado

- Chá ? Perguntou Rosa

- Planto ervas, mexo com flores e fitoterapia. Foi acidental vir aqui, e curiosamente preciso de quem treine meu cachorro mais novinho, disse Alberto como instintivamente

- Tem cachorro em casa ?

- Na chácara, um montão.

- Você mora numa chácara ?

- Moro.

- Sabe , meu sonho é morar no campo.

- Não era o meu, mas hoje não saio de lá por nada.

- Que raça é seu cachorro ?

- Rotweiler

- Bom cão de guarda e amigo também. Numa chácara ele é o ideal.

Todos são Rotweiller ?

- Não, tem de tudo, nunca nego abrigo a um cão faminto que aparece por lá. Os que se acostumam ficam , os que não se adaptam , ou o grupo não aceita, vão embora.

Rosa gostou de ouvir isso. Olhou pra ele com certo carinho enquanto tirava

o cachorro da coleira. Alberto olhou pra ela. De fato era estranha. Vestia-se de modo curioso. Calças jeans, larga, uma botinha feminina que parecia um coturno de soldado, blusa grande, cabelo preso, brincos compridos e um chapéu na cabeça que lembrava Che Guevara.

“ Deve ser estranha mesmo ”, pensou Alberto. Tentou olhar além da roupa, mas não conseguiu perceber nada sobre o corpo dela. Embora de mulher ele soubesse muito pouco. Quando morava no bairro, tivera uma certa vez uma namoradina, , mas não prosperou . Mainha sempre dizia:

- Beto, precisa arrumar uma mulher. Homem sozinho não dá bom resultado não. E mais, eu não vou durar pra sempre.
- Tem tempo, dizia Alberto, mais como quem tivesse um pouco de medo do que quem sabia o que estava dizendo. E você ainda é jovem, Mainha.
- Seu Tico me disse isso, falou que eu tenho um corpo forte e vigoroso
- Que velho sem-vergonha, espantou-se Alberto
- Não é sem vergonha, Beto, é homem. Agora quem não vê essas coisas só toma chá... Disse rindo em tom de provocação e saiu

E repentinamente, Alberto estava ali na frente de uma menina estranha, na casa que tinha sido sua, e cujo nome era Rosa. Olhou para o canteiro e viu umas plantinhas amareladas.

- Não gosta de flores e plantas ?
- Adoro
- Mas , esse jardim amarelado...
- Já fiz de tudo, nada vai aqui. Só grama mesmo e parasitas.
- Qual nada, quando visitei Beto no passado, tinha flores aqui
- Se tinha , não tem mais, respondeu Rosa , sem dar importância ao fato.
- O velho aí em cima me disse que seu nome é Rosa, o meu é Alberto, xará do antigo dono.
- Foi um prazer , Alberto, mas agora preciso entrar e cuidar dos outros cachorros no quintal.
- Desculpe eu não queria atrapalhar...
- Não é por nada, é que eles são muitos .
- Legal, mas deixe-me fazer uma proposta. Quero que você treine meu

cão

- Ora, será um prazer.
- Como eu faço
- Traga ele aqui e aí a gente vê
- Posso trazer algumas plantas ? Disse Alberto, olhando para o jardim
- É de graça ?
- É
- Então pode, disse sorrindo Rosa, mas não vai adiantar nada
- Eu também acho que meu cachorro não consegue aprender nada,

emendou Alberto sorrindo, mas vamos ver o que se pode fazer. Posso mexer na terra ?

- Claro

Alberto entrou e colocou a mão na terra, revirou, mexeu, cavoucou fundo, mais fundo e sentiu nas mãos a velha terra daqueles tempos. “ Estou de volta”, disse baixinho para si mesmo

- Disse alguma coisa ?
- Só pensei alto, vou plantar rosas aqui, em sua homenagem e elas vão

nascer. Disse Alberto e saiu para fora do portão

- Traga seu cão. Eu praticamente nunca saio de casa, mas vale a pena ficar com o meu cartão. Tirou do bolso da blusa um cartão e deu a Alberto. ? Ele retribuiu com um cartão da chácara.

- A chácara é esta ?

- É. Tem de tudo lá, só faltava um cachorro treinado. Acho que não vai ter jeito, seu trabalho será árduo, brincou Alberto.

- Vamos ver, Rosa estendeu a mão e arrematou : até logo , e entrou

Capítulo XXII

“Mainha abriu uma enorme gargalhada.

- *Fica aqui preso que nem passarinho e na primeira revoada que dá já vem com o coração perdido. Quem é ela ?*
 - *Não é ninguém*
 - *Quem é ela ?? Insistiu Mainha*
 - *Chama-se Maria Rosa e mora na casa onde morei.*
- Mainha arregalou os olhos.”*

Depois que Rosa entrou em casa e Alberto ainda ficou alguns instantes ali parado, olhando a rua. Praticamente nada havia mudado. Subiu no carro, deu umas voltas pelo bairro. Na casa de Zé Renato e D.Iolanda, viu pessoas novas. Indagou sobre eles. Haviam se mudado para viver junto a um filho e alugaram a casa. Como que fizesse as coisa mecanicamente, andou pela ruas do bairro, depois foi dando voltas até a represa onde o Cherokee havia afundado. “ Preciso sair mais do meu mundo”, pensou consigo mesmo vendo as luzes da cidade se acenderem.

Quando chegou em casa já era noite. Mainha estava aflita:

- Que houve, meu menino ?
- Andei por aí, Mainha Faz tempo que não saio da chácara e às vezes dá vontade de voar, sabe como é , passarinho de gaiola se encanta quando ganha o espaço.
- Passarinho de gaiola é o mais bobo, disse Mainha. Quando sai por aí logo é comido por algum gavião.
- Se esqueceu que antes da gente vir pra cá eu tinha uma vida sozinho ?
- É verdade, mas , Beto, você não é mais o mesmo. Acredita em todo mundo, ficou bom demais pra esse mundo aí fora.
- E isso é ruim ? Ser bom é ruim ?
- Se for bom a ponto de ser bobo, é. As pessoas confundem os bons,

acham que são idiotas e praticam mal contra eles.

- Sei me virar, Mainha
- Claro que sabe , mas o coração é mau conselheiro e você faz tudo com

o coração.

- Talvez, mas cada um é cada um.
- Por isso mesmo que é preciso cuidado, você pode sofrer se colocar o

coração na frente de tudo.

- Sofrer por quê ? O amor não é isso ?
- E não se sofre por amor ?
- Mas também se tem alegrias, prazer. Você já amou, Mainha ?
- Quem não amou , Beto ?
- Não me respondeu ...
- Já, lá na minha terra. Vim pra cá por causa dele e a primeira coisa que

ele fez foi me abandonar. Viu, o coração me aconselhou mal.

Alberto se calou . Sem saber por que , Maria Rosa veio à sua mente. Como seria ela ? Seria insensível ao amor, teria medo de amar, seria ingrata como o amor de Mainha ? Seus pensamentos voaram até que :

- Escutou o que eu disse ?
- Desculpe, Mainha estava pensando... Hoje conheci uma pessoa...
- Será que o meu Beto acordou pra vida? Perguntou Mainha toda

sorridente

- Não é nada disso, eu fui atrás de uma treinadora de cachorro pro

Sultão.

- Ué, cachorro treinado ? Nenhum foi...
- Mas o Sultão é diferente, é arisco e se a gente não treinar ele pode

causar problema.

- Todos causaram problema e minha vassoura corrigiu um por um,

arrematou Mainha.

- Mas quero que o Sultão seja treinado, é melhor , a moça é competente, e... atrapalhou-se com as palavras.

Mainha abriu uma enorme gargalhada.

- Fica aqui preso que nem passarinho e na primeira revoada que dá já

vem com o coração perdido. Quem é ela ?

- Não é ninguém
- Quem é ela ?? Insistiu Mainha
- Chama-se Maria Rosa e mora na casa onde morei.

Mainha arregalou os olhos. Beto contou tudo o que havia acontecido. Aumentou detalhes , e disse ao final que estava curioso em saber mais sobre ela.

Mainha foi fazer um café. Alberto sentou na cozinha enquanto as crianças brincavam em frente a TV. Já por várias vezes tinha tido vontade de falar a Mainha sobre a flor, mas nunca teve coragem. Talvez agora fosse o momento e começou:

- Sabe Mainha, faz tempo que eu quero lhe contar uma coisa. Você pode pensar que eu sou louco, mas hoje quando vi Maria Rosa na casa, e o jardim sem nenhuma planta, achei que precisava saber mais sobre essa menina.

- Planta ?
- Antes de encontrar Zé Grandão, ocorreu uma coisa comigo. Eu tinha levado do orfanato uma muda de rosa comigo.
- Lembro, fui eu que preparei
- É , essa mesmo. Depois de certo tempo e várias flores, um dia uma delas falou comigo, disse Alberto e calou-se, esperando uma resposta de Mainha. Ela apenas olhou para ele sem dizer palavra. Ele continuou:

- E nas conversas com essa planta , eu comecei a aprender coisas que vieram mudando minha cabeça e me fizeram ser o que sou hoje.

Alberto, então relatou para Mainha muito das conversas, falou de como a rosa morreu, as coisas que ele continuava aprendendo em sonhos com a planta, enfim, falou tudo que queria e ao final :

- Sou louco, você acredita em mim ?
- Eu acredito no que você acredita, Beto. Se você acredita que ela falou com você , ela falou e pronto. Às vezes sinto que as plantas falam comigo também . Não desse jeito, mas de outra forma. Sinto quando uma muda quer água, ou mais esterco e isso é uma forma de comunicação. Mas é a minha forma. Você teve a sua e isso foi uma bênção de Deus, pode ter sido Ele quem tivesse falado com você , quem pode saber ?
- Não sei, mas ela falou comigo e me ensinou a ser o que sou. Por isso,

quando vi o jardim sem planta alguma, e a moça que mora lá se chamando Maria Rosa, achei que aquele meu sonho pedindo para voltar não fosse uma coisa à toa. Vou nisso até o fim . Quem sabe pode ser um recomeço, quem sabe pode ser o amor, ou quem sabe pode ser uma grande dor, uma desilusão, mas quem não sentiu as dores do amor, não pode dizer que viveu nesta vida, não é isso dizem as canções e os poemas ?

- Dizem , mas não sofrer é melhor.
- Eu sei, mas é que o vazio, mesmo tendo vocês todos, dói.

Capítulo XXIII

“Pertença a uma ONG que defende a ecologia, busca a harmonia espiritual, lá também se lê textos de filosofia e religião e gostamos de cachorros, ou gatos, ou macacos, e até de jardineiros , disse ela olhando as plantas que ele ia plantando”.

Maria Rosa estava voltando de mais um passeio de adestramento com um cão quando viu o carro de Alberto parado na frente da casa. Mesmo não querendo demonstrar, sentiu uma satisfação interior. “ Então, ele voltou”. Já haviam se passados vários dias sem notícia e ela pensava que ele não voltaria para treinar o seu cachorro.

Alberto, como já conhecia o senhorio, não teve dificuldades para entrar e começar a mexer no jardim. Deixou uma caixa de chás para o senhorio e foi metendo a mão na massa.

Revirou a terra, tirou entulhos que estavam ali desde a construção do sobrado, trouxe mais terra adubada , espalhou tudo no jardim. Fez marcações, e ficou imaginando como iria ser a decoração, isto é, que planta iria aqui ou lá, e assim por diante.

- Olá, vejo que trouxe o seu cão, disse Maria Rosa, olhando para sultão dentro do carro que não parava de latir para o cachorro que ela tinha na coleira.

- Exatamente. O motivo é esse aí, olha. Seu cachorro não está nem dando bola e Sultão está uma fera lá dentro.

- Sultão, é esse o nome ?

- É. Mas eu trouxe o que prometi para fazer seu jardim ficar lindo.

- Duvido que consiga , disse rindo Maria Rosa.

- Não me subestime, você pode se surpreender , disse Alberto.

- Vou prender Igor lá dentro e volto. Aceita um café ?
- Aceito de bom gosto. Aqui ou lá dentro ? perguntou Alberto. Ela olhou

pra ele e disse:

- Eu trago aqui, um bom jardineiro não abandona suas plantas.

Alberto sentiu que tinha perdido a oportunidade de conhecer a casa dela, ou ficar mais íntimo. Continuou a mexer na terra. Os restos da construção, pedaços de tijolos, cimento tinham judiado da terra do jardim . Mas ali , no fundo , a mesma terra boa cuidada por ele há anos estava ávida por uma semente nova. Ele sentiu isso. A cada movimento ele se lembrava de quando veio para aquela casa com a muda na mão feita no orfanato.

Ah, os sonhos da juventude, os medos da solidão. Sair do orfanato para uma vida nova, com uma carta de recomendação para um emprego, mas sozinho ??! Nunca tinha ficado só. A turma do orfanato era unida, todos , apesar das briguinhas, se ajudavam. Quando foi para o bairro estava por sua conta. No começo alguns que saíram com ele vieram lhe fazer visita, mas aos poucos foram sumindo, cada qual para o seu canto e ninguém mais apareceu.

Sua maior tristeza era com Zé Grandão por quem ele tinha uma amizade infinita e também Tidinha, sua primeira e única paixão. Nunca havia namorado com ela. No orfanato se dizia que ela era o amor de Zé Grandão e ninguém tinha coragem nem de olhar pra ela, caso contrário era surra na certa.

Rapidamente voltou ao presente, virou e revirou a terra com cuidado, fez um desenho mental , rabiscou num papel suas idéias , onde colocaria grama, flores, plantaria árvores mais altas.

- A tarefa vai ser grande, disse Alberto enquanto pegava o café que Maria Rosa lhe trazia. Tem quarto pra alugar por aqui, vou demorar alguns dias, disse rindo.

- Ué, você não trabalha ?
- Agora este é meu trabalho, ademais, faço várias coisas ao mesmo

tempo.

- O que, por exemplo, perguntou a moça
- Trabalho na minha empresa, pesquiso flores e ervas, ajudo pessoas,

cuido de uma cooperativa, e leio .

- Lê ? O quê ?

- Filosofia, religião, jornais, gosto da vida, das coisas que a vida oferece.

Gosto de pessoas , olhou firme para Maria Rosa, principalmente as bonitas.

Maria Rosa ficou levemente vermelha, mas não perdeu a firmeza:

- Lê filosofia e religião, hum ... Qual é a sua ?
- Minha o quê?
- Religião
- Sou um espiritualista. Acredito no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Acredito que as pessoas têm uma intimidade com Deus, o que as torna intimamente ligadas a Ele e que as religiões muitas vezes servem apenas para separar as pessoas porque vivem da disputa como se o Deus de uma fosse melhor do que o Deus da outra. Embora praticar uma religião, uma fé é melhor do que não praticar nenhuma. Mas , sobretudo, acredito que tudo vale a pena quando a alma não é pequena, conhece ?

- Fernando Pessoa ? Demais

Alberto se espantou. Uma treinadora de cachorros que lê Pessoa, se interessa por filosofia e religião. Olhou para ela um certo tempo com candura no olhar.

- O que foi, perguntou ela
- Nada, apenas estou surpreso
- Comigo ? Por quê ?
- Para uma tratadora de cães você tem uma cultura diferente. Não bate

com você

- Como pode dizer isso se não me conhece ? Nem sempre podemos fazer o que queremos da vida, mas isto não significa dizer que aquilo que somos e fazemos não tem consonância. No fundo sou o que sou, sou o que acredito, mesmo quando adestro cães, ou leio poemas, ou vou na comunidade.

- Comunidade ?
- Pertencço a uma ONG que defende a ecologia, busca a harmonia

espiritual, lá também se lê textos de filosofia e religião e gostamos de cachorros, ou gatos, ou macacos, e até de jardineiros , disse ela olhando as plantas que ele ia plantando.

- Interessante...
- Estou gostando do jardim.
- Então você está gostando de mim. Maria Rosa olhou espantada e

Alberto continuou: se você gosta do jardim , gosta de mim porque estou em tudo aquilo que faço. Metade de mim não sou eu, portanto estou todo aqui, disse isso apertando a terra, mostrando para ela o desenho que havia feito para o jardim.

- Você vai fazer tudo isso aqui ?
- Vou, não combinamos que você adestraria o Sultão ? Acho que ele vai dar trabalho, por isso vou fazer o melhor que posso aqui no seu jardim.
- Quanto tempo vai demorar ?
- Quem pode dizer ? Alguns dias , 5 ou 6 quem sabe...
- Só isso ? Vou demorar mais para adestrar o Sultão.
- Então, eu trago alguns vasos, ou tinta para pintar a casa, sei lá, riu, não quero que você tenha prejuízo, disse em tom de brincadeira.
- Não é preciso tudo isso, basta vir nos dias que eu marcar para passear com cão .
- E quando pode ser ?
- Já acabou o jardim por hoje ?
- Praticamente sim.
- Então continue amanhã que eu vejo o que posso fazer pelo Sultão.
- A gente se vê, eu levanto cedo, disse Alberto.
- Não venha muito cedo porque eu corro todas as manhãs.

Despediram-se e Alberto subiu no carro. Maria Rosa ficou olhando, esperou que ele saísse, deu tchau com a mão e entrou.

“ Meu Deus”, pensou Alberto “ será que eu vou me apaixonar. Nunca senti isso...”

De fato, Nos dias anteriores , Alberto só havia pensado nela e , para ele, este sentimento era novo.

No dia seguinte, a chácara estava em alvoroço. Logo cedo o pessoal da estufa de ervas bateu na porta de Alberto pra informar :

- Deu purgão na estufa 5 e o chá de camomila está ameaçado.
- Logo este, a gente tinha um pedido tão grande, desabafou Alberto.
- É, temos, mas a coisa parece que está feia.

Alberto deixou o café da manhã e subiu a colina para a estufa de chá. O pessoal estava assustado.

- Seu Alberto , nem deu pra ver direito, quando nós percebemos, já tinha tomado grande parte.

- Vamos lá. Alberto coletou algumas amostras, foi para o laboratório, mandou que aplicasse venenos como medida paliativa, disse algumas palavras de conforto para o pessoal e todos voltaram ao trabalho sob seu comando.

Nos últimos dias , Alberto tinha apenas pensado no jardim de Maria Rosa, e por isso, sentiu-se um pouco culpado.

Durante os cinco dias seguintes , Alberto não saiu da chácara, e aos poucos foi controlando a praga. Algumas plantas se perderam , mas ele conseguiu salvar a plantação. Cansado, quando tudo terminara, voltou para casa e Mainha lhe falou:

- Tem uma ligação para você da tratadora. Ela disse que Sultão está sentindo sua falta.

Só o Sultão ? pensou. Alberto pegou o número e fez a ligação

- Olá, é o Alberto

- Desistiu de seu cachorro ? perguntou Rosa

- Quase, mas não desisti do seu jardim, respondeu Alberto. Rosa riu gostosamente e prosseguiu:

- Você sumiu...

- Tive problemas aqui na chácara, um fungo atacou uma das estufas de chás e tive que ficar ligado nisso dia e noite. Cheguei a pensar em ligar, mas não achei seu telefone, não sei onde pus. Mas agora acabou tudo e creio que estou livre deste problema. Amanhã mesmo vou até aí terminar o jardim e sair com Sultão para ver se ele me obedece.

- Amanhã é sábado

- Treinadora de cachorros não trabalha de sábado ?

- Trabalha menos. É que é dia de ir na reunião da ONG e acho que não vai dar para sair com Sultão .

- ONG ?

- Aquela que lhe falei

- Ah, me lembro. A que horas você vai ?

- Para ser sincera, logo pela manhã. Passamos o dia lá, temos uma série

de atividades..

- Aceitam novos adeptos ?
- Tá brincando ?
- Não , na verdade não. Gosto disso e no fundo meu pessoal aqui na chácara é como se fosse uma ONG. E não é só isso: aprender é sempre bom. Há quanto tempo você frequenta a organização ?
- Há uns três anos. Cuido do grupo de crianças , tenho uma porção de projetos com eles.
- Então você sabe demais... Uma treinadora de cães, que lê poesia, filosofa e ensina , uma professora de animais e pessoas. Você é surpreendente, menina.
- Obrigada, saio normalmente às 9 e daqui até lá a gente demora uns 30 minutos.
- Estarei aí.

Capítulo XXIV

“E agora? Desistir, fugir, sair correndo, esquecer tudo aquilo ? Ou ir a reboque, aplaudindo os beijos, o carinho entre eles ? Como estas coisas de paixão são um imenso lugar comum ! Todos pensam que sua história de amor é única, a mais bela, a mais cheia de glamour, mas não, são todas iguais. Os triângulos amorosos são sempre os mesmos, o ciúmes incomoda a todos, o desespero bate o coração como um zabumba, e a adrenalina faz a gente perder o tirocínio, o eixo, a vontade das coisas...”

Alberto não conseguiu pregar os olhos direito. Ficou imaginando aquela menina de jeans, botina e chapéu a “la Che Guevara”, conversando filosofia, poesia no seu carro durante 30 minutos e depois o dia inteiro na tal ONG.

Se pudesse já entraria no grupo dela para levá-la a reuniões, trocar idéias ficar mais tempo perto. “ Estou apaixonado, definitivamente apaixonado”, concluiu

Na manhã seguinte, Alberto levantou cedo, foi pessoalmente na estufa, apanhou um vaso de flores; não gostou, apanhou outro, viu outro, e depois de longa escolha concluiu por uma orquídea lindíssima. Pegou a flor , colocou no carro . “ Quando ela entrar, vou dizer que é dela “ e voou para a casa de Rosa.

Mal encostou o carro, da porta da casa, saiu uma moça de minissaia , corpo perfeito, cabelos castanhos caindo sobre o ombro, uma pasta de alça, óculos escuros, uma blusa colando no corpo, ressaltando os seios, e com jovialidade disse:

- Quer ver seu cachorro ?

Alberto não conseguiu dizer uma palavra, o queixo caiu , apenas ficou

olhando para ela , balançando a cabeça negativamente , como que querendo ver aquela imagem, apenas ela e nada mais .

Ele saiu do carro e caminhou em direção ao jardim da casa quando um rapaz surgiu de dentro da porta e descontraidamente :

- Olá, então este é o mago do jardim ? Perguntou

Alberto arregalou os olhos num misto de surpresa e decepção.

- É , disse Rosa, e olhando para Alberto, continuou : este é Ricardo, meu namorado.

Alberto sentiu a perna dar uma balançada, estendeu a mão num gesto mecânico, cumprimentando Ricardo. Foram trocadas algumas palavras a esmo e ao final Rosa perguntou :

- Quer ir no carro do Ricardo ?

Alberto ponderou que preferia ir no seu, caso tivesse que sair mais cedo do evento por causa da praga na chácara, ela consentiu.

- Então, vamos , disse Ricardo, pegando na cintura de Rosa, conduzindo-a até o veículo.

Alberto esperou que eles saíssem e foi atrás. Parecia que o mundo lhe havia caído na cabeça. Um namorado ... um namorado, de onde surgiu aquilo? Todos os sonhos pareciam desmoronar. Pela primeira vez na vida estava apaixonado e logo por uma menina que tinha um namorado que saía às 9h da manhã da casa dela . Um pensamento agravou ainda mais aquele momento. Teria ele dormido com ela ? Eles dormem juntos? Fazem sexo ? Afinal qual o grau de envolvimento deles ? Estariam com casamento marcado, seria o fim para ele ?

Os carros seguiam pelas avenidas e ruas de São Paulo. Mecanicamente Alberto ia atrás , carregando um peso no coração que nunca havia carregado antes. Um namorado...

Também, o que ele queria ? Nem todo mundo ficou a vida inteira fechado para a própria vida como ele havia ficado. Lastimou ter gastado o seu tempo com a chácara , pensando em todos e menos em si próprio. Será que , só porque ele estava gostando de Maria Rosa, ela teria que gostar dele, ou teria que ter ficado esperando por ele como se nada mais ou ninguém houvesse no mundo.

E agora? Desistir, fugir, sair correndo, esquecer tudo aquilo ? Ou ir a

reboque, aplaudindo os beijos, o carinho entre eles ? Como estas coisas de paixão são um imenso lugar comum ! Todos pensam que sua história de amor é única, a mais bela, a mais cheia de glamour, mas não, são todas iguais. Os triângulos amorosos são sempre os mesmos, o ciúmes incomoda a todos, o desespero bate o coração como um zabumba, e a adrenalina faz a gente perder o tirocínio, o eixo, a vontade das coisas...

Depois de andar perto de meia hora, como ela havia dito, chegaram a uma chácara. Não como a dele, mas um terreno grande, com muita gente, música suave, pessoas se cumprimentando, gente alegre e feliz. De cara, Alberto gostou do astral que a ONG possuía. Assim que desceram dos carros , a criançada veio correndo encontrar Rosa. Um senhor de cabelos brancos caminhou até eles e com uma voz suave e muito carinho abraçou Rosa, disse-lhes algumas palavras e depois estendeu a mão para Ricardo.

Rosa, puxou aquele senhor para perto de Alberto e disse :

- Este é Alberto, um produtor de flores e ervas medicinais, um criador de paisagens com as flores, porque chamá-lo de jardineiro é muito pouco. Alberto, este é o Mestre, graças a ele é que tudo isto existe.

- Muito prazer, disse Alberto, estendendo o braço.

O Mestre, fazendo um gesto de pouca importância ao que Rosa havia dito, cumprimentou Alberto

- Ela é exagerada a meu respeito. Meu nome é Milton, disse o senhor, que ao invés de apertar a mão, abraçou Alberto, e completou : seja bem-vindo.

- Obrigado, respondeu Alberto, bonito lugar

- Fazemos o que é possível. Falta muita coisa, falta gente, faltam recursos. Veio para as palestras ?

- Vim porque a tratadora de meu cão disse que é bom estar aqui.

O Mestre olhou para Maria Rosa e sorriu. Ricardo já havia saído para jogar futebol com a turma de acompanhantes.

- Onde está Ricardo ? perguntou o Mestre .

- Jogando bola, como sempre, disse Maria Rosa, meio como que acanhada com o olhar de Alberto. Você não joga ? Perguntou.

- Jogo, mas não agora. Há outras coisas interessantes aqui. E se virando para o Mestre continuou ,o que vocês fazem aqui na ONG ?

- Um pouco de tudo, respondeu o Mestre, prosseguindo , ajudamos pessoas, fazemos atendimento terapêuticos, e gostamos muito de nos encontrarmos aos sábados para falar sobre as coisas da vida e as coisas de Deus . São coisas que lhe interessam ? Indagou

- Quem não gosta disso, Mestre ? Ajudar pessoas, minorar o sofrimento, enfim , fazer a vida coletiva ser mais fácil para todos, um sonho que muito perseguem.

- Você, por exemplo ?

- Eu ? sim.

- Quem lhe ensinou ?

- Uma flor, talvez o senhor não acredite, mas uma flor realmente.

- Então você aprendeu com uma das criaturas mais lindas da natureza, disse isso olhando para as flores do canteiro.

Alberto concordou e apontando para um lado do terreno, perguntou ao Mestre:

- É uma estufa ?

- Sim, plantamos chás.

- Quais ?

- Todos os que temos condição, mas geralmente os mais comuns.

- Posso ver ?

- Fique à vontade.

Alberto saiu e foi para dentro da estufa. Lá alguns membros da ONG trabalhavam as mudas. Alberto foi se achegando mais e logo estava com a mão na terra, ajudando, dando idéias, propondo o plantio de novos produtos.

Enquanto isso, Maria Rosa, cuidava das crianças. Geralmente ela preparava um teatrinho, ou alguma brincadeira educativa quando uma mensagem sempre era deixada e junto dela uma proposta de trabalho para a semana seguinte.

Foi nesta hora que ela viu o pessoal da estufa saindo apressado, colhendo mato, andando de um lado para o outro, enfim, uma agitação muito grande em torno da estufa que Alberto estava e não pôde deixar de sentir uma ponta de curiosidade. Seus pensamentos só foram desviados quando escutou “ goooool” vindo da quadra e viu Ricardo correndo e saltando no ar.

Passado algum tempo, o Mestre tocou a sirene: era o momento de reunir para a reflexão da manhã.

Aos poucos , as pessoas vieram e sentaram em volta do Mestre , perto de uma fonte de água, seu local predileto, para a reflexão. Alberto também veio. Procurou Maria Rosa com o olhar. Ela também o procurava. Sorriram. E o mestre começou:

- Alguns irmãos da ONG me falam apreensivos que os tempos estão difíceis e a vida por um fio. É verdade, mas tenham a certeza : os tempos são difíceis como sempre foram. Vivemos entre as inseguranças do hoje e as incertezas do amanhã. Mas esta é a vida. Infelizes daqueles que não têm nada a temer para o amanhã e pouco se importam com o hoje. Viver é sinônimo de estar presente neste aqui e agora . Não dá para ser diferente e por isso a vida é bela. Já pensaram nos inúteis, que querem e não podem , ou nos fúteis que podem e não querem , nos esquecidos, nos mal-amados que pouco têm a se preocupar, mas quem gostaria de viver assim ? É preciso coragem para viver. Contudo, existem aqueles que não conseguem enfrentar este momento e fogem, empreitam as mais variadas fugas desta realidade justamente porque se sentem fracos para o aqui e agora. Estas pessoas se esqueceram de que dentro de nós existe uma força infinita, que está além da vontade de a termos ou não. Isto é, todos a possuímos , basta acionarmos esta mola propulsora para darmos os saltos mais audaciosos, ou pularmos os maiores obstáculos. Que força é essa ?

- Deus, responderam quase que todos.
- Deus, apenas isso ? Continuou indagando o Mestre. Houve um silencio. E como que automaticamente , o Mestre virou o rosto e olhando para Alberto fixamente, perguntou outra vez. Deus, apenas isso, o que você acha ?
- O espírito divino do Criador, respondeu Alberto.
- E há diferença ?
- Sim , o espírito é a força criadora, é a energia que habita em nós e que se mantém em todas as coisas que existem.
- As pedras têm o espírito divino ?
- Têm , porque a existência é atributo de Deus e seu Espírito é que a

fez ser como é. Eu sou aquela pedra, aquela flor, aquelas árvores, aquele cão. Todos somos um, e esta unidade é só possível porque o Espírito de Deus a criou e mantém

Silêncio. As pessoas olharam para o Mestre que sorria concordando e continuou:

- Este é o sentido do Espírito Santo, o fogo criador, que habita em nós como disse Alberto. Como isso se deu ? Quer continuar , Alberto ?

- Não sei se isso que disse era o que o Mestre estava pensando.

- Era, continue.

- O Filho veio do Pai, e o Espírito veio do Filho. Assim , no Espírito, Pai e Filho, também estão presentes, é a trindade na unidade. Embora a igreja diga que todos sejam coetâneos, isto é, existiram sempre desde o primeiro instante, os místicos orientais afirmam que o UM criou o DOIS, o DOIS criou o TRÊS e este criou todas as coisas. O Três, que é o Espírito Santo, portanto, está em nós, queiramos ou não. Assim como está em tudo, queiramos ou não. Uns chamam de Espírito Santo, outros de Oxalá, ou força cósmica ou o Tao, mas no fim é sempre a mesma coisa, a presença divina em nós, em tudo o que existe. Por isso, a terra germina, o sol aquece, a chuva molha e nós vivemos por causa da terra , do sol, da água. O equilíbrio disto tudo faz a vida ser como Deus quer porque seu espírito está agindo. No fundo, Deus não foi nem será, Deus é. Mais que isso, Deus está sendo através de nós. Machucar o semelhante, portanto , é machucar a Deus, da mesma forma que descuidar da terra, da água, dos animais, é descuidar de Deus. E esta força está em nós, queiramos ou não , é nossa essência.

E como ainda houvesse quem manifestasse não entender , Alberto concluiu:

- Veja, é como um jogo de espelhos. Todos se refletem mutuamente, um espelho contém todos os outros e todos podem estar dentro de um só. Esta unidade que temos é nossa maior força, mais ainda, é a prova inquestionável que viemos do mesmo Pai, de um mesmo ponto, e através das vidas sucessivas que tivemos, nos aprimoramos para voltar a esse ponto no final dos tempos.

Houve um silêncio profundo como se as pessoas estivessem pensando naquelas palavras. O Mestre achou que deveria encerrar, pediu que refletissem sobre o tema, deu alguns recado sobre a vida da ONG, e sem mais nada pediu que trouxessem o pão. Vieram os pães, as frutas, o alimento, enfim. Algumas pessoas bateram nas costas

de Alberto e acenaram com a cabeça, sorrindo e aprovando suas palavras. Alberto sorria levemente para todos de forma cordial. Como cada qual se aproximava dos seus parentes e amigos e Alberto estava ali sozinho, se afastou um pouco. Foi então que uma criança chegou perto de Alberto e pediu que contasse uma história.

- Uma história ?
- É, tio, qualquer uma
- E se você já souber?
- Não faz mal.
- Bem, Alberto ia começar a contar uma história dos contos de fadas

quando viu um pássaro cantando na árvore a seu lado e lembrou-se de um fato que sempre ocorria com ele no Orfanato. Perguntou ao garoto:

- Sabe por que aquele pássaro está cantando ?
- Não.
- Quando eu era pequeno, morava num orfanato. Nunca soube quem

foram meus pais. A vida no orfanato era boa no fundo, afinal para quem não tinha nada como eu , o que pudessem me dar, valia. Nós trabalhávamos muito, estudávamos e brincávamos todos os dias. Nos finais de semana , os portões se abriam, e vinham pessoas olhar pra gente. Queriam nos adotar. Neste dia, a gente tomava banho direitinho, penteava o cabelo, vestia a roupa mais nova e ficava em fila esperando as pessoas passarem. A gente não se dava conta, mas era como fruta na feira.

- Fruta ? perguntou o menino sorrindo

- Fruta! As pessoas na feira vão passando e escolhem as frutas, os legumes , as verduras. Pegam , olham , e , se gostam , compram, se não gostam, deixam lá. Muitas destas frutas, depois de alguns dias, apodrecem e são atiradas na sarjeta , é o fim de feira , como se diz. No orfanato, depois de algum tempo, a gente percebia que cresceu e que seríamos deixados de lado , e nos sentíamos justamente como fim de feira. E quando aqueles casais iam embora e a gente ficava, batia uma tristeza muito grande. Então , quando eu me sentia triste, eu sentava embaixo de uma árvore como estamos agora, e um passarinho vinha cantar. Eu sempre achei que ele cantava para mim e me alegrava. Com o tempo, quando eu estava triste ou feliz, não importava, eu sentava embaixo da árvore, e um passarinho cantava para mim. Até hoje, quando me sinto assim e um passarinho canta, eu acho que é pra mim.

- Você está triste agora ?
- Não, estou feliz, inclusive porque você está aqui. Então, o meu passarinho veio e cantou.
 - Todos temos um passarinho ?
 - Um não , muitos. Por isso, todas as vezes que você se sentir feliz, ou triste procure ouvir com atenção que um passarinho estará cantando para você. Mesmo que você não escute direito, ele estará cantando pra você, porque os pássaros cantam para alegrar a vida das crianças como você.

O menino se levantou, puxou Alberto pelo pescoço e deu-lhe um beijo na face e saiu. Foi quando ele ouviu a voz de Maria Rosa atrás de si.

- É uma história linda, disse ela com os olhos marejados. Fui fim de feira também no lar das meninas. Sei o que é isso ... calou-se, e depois de um tempo de silêncio, quem lhe falou sobre o Espírito Santo?

- Uma flor
- Ah, deixa de bobagem
- Uma flor. Talvez você não perceba, mas elas estão falando, da mesma forma que estão mostrando a sua beleza e exalando o seu perfume. É o Espírito de Deus. Ou você acha que Deus fede, perguntou rindo?

- Feder não, respondeu Maria Rosa.

- Mas fede, Rosa. Fede no mendigo da rua, nos restos, nos dejetos, no sangue das vítimas, nos hospitais, tudo isso é o Espírito de Deus igualmente. A gente só quer o perfume das flores não é ?

Maria Rosa entendeu como uma crítica.

- Não falei por mal.
- Sei disso, não quis lhe criticar... Mas não se esqueça que é do mau cheiro do estrume na terra que nasce o perfume da flor.

- Ei, não vão comer ? Perguntou Ricardo

Alberto acenou com a mão que sim.

- Seu atleta está chamando, advertiu Alberto.
- Já vou, gritou ela. Tem alguma coisa contra os atletas, jardineiro ?
- Não...
- Tem alguma coisa contra o Ricardo ?

- Não, apenas brinquei. Sei que não sou um atleta, e tenho absoluta certeza de que não sou o Ricardo, embora cada um esteja , de certa forma, nos outros também, afinal, o Espírito Santo que habita em mim , habita em você, habita o Ricardo, habita tudo o que existe.

- Então, não somos o que somos, disse Maria Rosa, somos sempre os outros ou aquela pedra, enfim , como podemos ser nós mesmos, diferentes e únicos ?

- Pergunte a seu Mestre.

- Estou perguntando a você

- Acho que seu Mestre gostaria de responder isso. Vem, vamos comer alguma coisa – e saiu andando.

Maria Rosa foi atrás. No almoço, Alberto fez amizade com muitas pessoas. A turma da estufa, principalmente Manoel , o responsável que não cansava de fazer perguntas:

- O que você planta na sua chácara ?

- Ervas e flores, basicamente

- Você tem uma empresa ? Outro lhe perguntou

- Tenho , mas existe uma cooperativa de pessoas trabalhando comigo. O trabalho é coletivo.

- Aceitam cooperados ? Quis saber Manoel

- Normalmente o pessoal do bairro. A cooperativa surgiu para eles e vai indo bem.

Uma senhora que havia trabalhado junto deles na estufa, comentou :

- Acho que li uma matéria sobre isso. Os seus produtos se chamam

Flor da Serra, não é isso ?

- É isso mesmo.

- Eu compro seus chás e suas flores

- Então a senhora compra os melhores produtos que existem , disse rindo Alberto, e continuou : Por que vocês não plantam comercialmente aqui também ? Ajudariam o Mestre a ter uma receita para manter esta obra toda.

- Será que dá ?

- Dá pra gente fazer o que quiser, se todos tiverem vontade. Falem

com o Mestre, e se ele achar bom, a gente monta um plano, porque lá na cooperativa o emprego de todos é na própria cooperativa. Aqui não. O que o senhor faz, Sr. Manoel ?

- Sou advogado

- Então o senhor pode cuidar da papelada e assim cada um pode fazer um pouco. Depois, basta contratar pessoas. Quem fica aqui a semana toda ?

- O Mestre e mais alguns amigos. Nós possuímos um atendimento com terapeutas holísticos aqui na ONG e o Mestre comanda a todos. Quem pode vem dar plantão.

- Não será difícil, concluiu Alberto

A esta altura, o Mestre já chamava o pessoal para a reflexão da tarde e todos foram se achegando ao mesmo lugar da manhã.

- Bem, vamos refletir mais um pouco sobre o que falamos pela manhã.

Antes que ele começasse, Maria Rosa pediu para falar. O Mestre concordou.

- Mestre, gostaria de saber um pouco mais sobre o que falamos hoje cedo. É sobre o fato de que, se tudo é uma coisa só, se estamos na planta como a planta está em nós, estamos nos outros humanos também. Assim não haveria individualidade, tudo seria uma coisa só, no entanto, cada um é um na sua história de vida, no seu saber, nos seus sentimentos. Como ser, então, igual e diferente ? Não é contraditório ?

O Mestre olhou para Alberto e perguntou:

- Quer responder, já que você criou a dúvida ?

Alberto pegou uma flor e uma pedra na mão e começou:

- Isto é uma pedra e isto é uma flor. Pedra e flor são distintas mesmo tendo uma mesma essência, e esta essência que as fez igual as tornou diferente também. O princípio é o mesmo, mas a matéria não é igual, a forma não é igual. Os átomos são combinados de forma a fazer rosa a rosa e pedra a pedra, apenas isso, mas a matéria prima da vida é sempre a mesma. Da mesma maneira que uma rosa é diferente de uma orquídea, um cachorro de um cavalo. As coisas têm a mesma essência divina em si próprias, mas justamente esta essência que as fez, moldou-as diferentes na sua arquitetura e na finalidade de sua existência. Elas convivem, e o que é o mundo senão a convivência dos diferentes num só ambiente ?

- Isto não explica os seres humanos serem diferentes, afinal são seres humanos e não cavalos e cachorros, interveio Rosa.

- É verdade, todos temos o espírito divino dentro de nós, e todos temos uma forma humana que diz às demais formas que somos seres humanos, assim como esta flor nos diz que é flor. Ocorre que os seres humanos, diferentemente das coisas e dos animais, não possuem apenas espírito e matéria. Há algo a mais que nos determina : a consciência.

- Consciência, pra quê ? Alguém perguntou

- Para a realização do plano cósmico, a evolução. Um plano que está traçado pelo criador e nós fazemos por cumprir em nome Dele.

- E a humanidade está evoluindo ?

- Apesar de tudo , sim. Nos passado havia mais dor e sofrimento. Esta evolução já faz parte da consciência que a humanidade como um todo vem adquirindo,. Uma planta não tem consciência de que é planta perto de uma pedra, ou de uma abelha que lhe visita para sugar seu mel. Mas os seres humanos têm consciência de si mesmos e do mundo que os cerca, além disso, nós temos a consciência de nossa alteridade em relação ao próximo. Esta compreensão que temos, se dá não no espírito que é a centelha viva de Deus em nós, nem na matéria que é nossa roupagem para o mundo, se dá num terceiro elemento, na alma. Nós temos alma. E cada uma delas é diferente, evolui diferentemente, cresce, míngua, nos faz chorar, rir, nos dá o prazer de viver e nos dá a inteligência suficientemente capaz de entender tudo isso. . Ela nos traz o livre-arbítrio, nos traz a paixão, a dor, enfim , a alma é que nos faz como somos, diferentes, mas iguais em essência a tudo o que existe.

- Muito bom , Alberto

- Obrigado, Mestre.

- Quer falar mais alguma coisa ?

- Não , Mestre, porque preciso ir embora , recebi uma ligação da chácara e tenho problemas a resolver.

Maria Rosa fez uma expressão de espanto e decepção.

- Volta a semana que vem? Perguntou o Mestre

- Para ouvi-lo, sim. Não sou ninguém para dizer como as coisas são,

principalmente as coisas de Deus... E volto para ajudar o pessoal na estufa. Prometi trazer algumas mudas e vamos ver se a gente aumenta aquela produção.

O pessoal da estufa concordou. Alberto saiu da roda, despediu-se de Ricardo que estava mais atrás e depois de Maria Rosa.

- A gente se vê, Rosa
- Tem o seu cão lá em casa, não vai esquecer dele , vai ?
- Não, nem do seu jardim
- Pensei que a gente poderia ficar mais um tempo e comentar o que

discutimos aqui...

- Eu gostaria, mas preciso ir.

Estendeu a mão num gesto formal, disse até logo para o pessoal e saiu.

Foi uma despedida fria , quase que mecânica , mas ele queria sair de lá, Não que não houvesse gostado das pessoas, do lugar, do projeto daquela ONG tão simples, tão amiga. Mas ele não se sentia feliz.

Capítulo XXV

“- Escreve ?

- *Nunca tive uma musa. Também , para ter musas é preciso ser poeta, o que é mais difícil do que ser jardineiro. Mas toda mulher deveria ter um texto de seu. Algo só para ela. Cobre isso do Ricardo...*

- *Cada um dá o que pode, e creio que ele não me faria um texto. Acho que nunca serei musa, a não ser que alguém conserte isso um dia...*

Essas palavras foram uma provocação”

“ Preciso tirar essa menina da minha cabeça”, foi o primeiro pensamento que Alberto teve ao chegar em casa . Ou ... “ assumir que a desejo para mim e ir à luta “ ...

À noite havia sonhado com a flor. Um sonho confuso, de lugares antigos, encontros e desencontros com pessoas. Sonhara com o antigo canteiro na velha casa, justamente onde refazia o jardim hoje. Relembrou ensinamentos que tivera da rosa quando ela vivia, “ Você vai precisar deste saber, Alberto” , ela lhe disse no sonho.

Ele sabia que as vitórias pequenas geralmente vêm sem provocar mudanças pesadas, aquelas duras de se enfrentar. Tinha sido assim a sua vida inteira, e todas as vezes que as grandes mudanças ocorreram, havia sido difícil. Lembrou-se de Zé

Grandão e Tidinha. “ Mesmo quando os resultados das mudanças são bons, o que é brusco e inesperado nos faz sofrer” .

Maria Rosa era exatamente isso, uma avalanche. Como enquadrá-la na sua metodologia simples, lenta e constante de viver, quando cada minuto de tempo perdido facilitaria mais ainda a convivência dela com o “atleta” Ricardo ? Era esse o tipo de homem que ela desejava? Se não, por que estavam juntos? Até quanto estavam juntos ? Uma angústia imensa tomou seu coração. Isto é ciúmes, como falam ? É isto que se sente quando se ama e não se tem a pessoa amada ? Alberto havia falado para Mainha sobre o vazio que sentia, e agora que esperava preenchê-lo, o vazio aumentava ainda mais. Sentiu-se impotente , fraco, sem criatividade. Queria dizer a ela tudo isso, sentir se ela poderia um dia vir a gostar dele também. Justo ele, um puro, inocente, que mal sabia das coisas da vida, ter que administrar este sentimento avassalador, maravilhosamente avassalador, lindo...

Pegou uma caneta e começou a tentar escrever. Uma carta ? Um bilhete ? Contar tudo ? Um poema ? Sim , talvez um poema. Ela já havia lido tantos... Será que uma mulher que lia Fernando Pessoa iria gostar de um texto de Alberto Gomes ? Que pretensão ! Mas , pensando bem, um poema sim. Quem não iria gostar, mesmo se fosse uma porcaria ? Afinal, ser musa é uma coisa que poucas mulheres conseguem ser – só que ser poeta também é para poucos , e talvez não fosse para ele . Desistiu da idéia.

A lua ir alta. Olhou para Marcelinho. Como havia crescido ! Tinha mesmo a força do pai e a beleza da mãe. O menino brincava com Toninho num canto da sala e olhou pra ele. Riu , acenando com a mão. Toninho também acenou. Instintivamente os dois se levantaram e vieram até ele. Queriam colo. Um de cada lado, um em cada joelho como sempre faziam, Alberto os acomodou. Falaram sobre o dia, as brincadeiras, os pequenos problemas da infância até Mainha chegar na porta e com voz de quem manda mesmo :

- Ninguém vai se lavar para dormir ? Querem ficar sujos? Vamos pro banheiro, depois comer alguma coisa, rezar e dormir que amanhã tem escola e creche.

Os dois saíram em disparada com Mainha atrás – aliás, tudo acontecia pelas mãos de Mainha na chácara. Seria esta a felicidade que me resta, falou

consigo mesmo. Se fosse , nada exigiria mais da vida. Apesar de tantos tropeços e dores na infância e adolescência, Alberto era feliz. Sou um homem realizado. Tenho uma família, tenho o amor de tanta gente, amo meu trabalho, o que desejo mais ?

Maria Rosa ! Desejo Maria Rosa, e a imagem dela veio emoldurada na sua frente. Quero essa mulher para mim ! Quero...

Na manhã seguinte, e nas outras, os dias se sucederam como de costume. As tarefas da chácara tomavam-lhe o tempo e a mente. Plantios, mudas, podas, embalagem, venda dos produtos. Tinha prometido a si mesmo que não voltaria à casa de Maria Rosa sem antes ter a coragem de começar a cortejá-la. Isso mesmo, fazer uma investida, em grande estilo, balançar seu coração. Não era possível que ela amasse aquele jogador de futebol domingueiro. Ademais, o que ele fazia, no que trabalhava ? Não havia se lembrado de perguntar a ela.

Depois de mais de uma semana de ausência, um telefonema ! Mainha veio apressada lhe chamar.

- Beto, tem gente no telefone, acho que é ela, disse sorrindo

Alberto foi até lá com o coração batendo mais forte. Era Maria Rosa!

- Olá , como vai ? começou ela

- Que surpresa ! Vou bem e você ?

- Preocupada

- Como quê ?

- Com você , ora bolas. Seu cachorro está esperando. Mais que isso. Na ONG todos perguntaram de você, que , aliás prometeu ir na semana seguinte e não foi. Na verdade, ficou um pouco feio, se me permite dizer, Alberto.

- Perdão, disse ele em tom de arrependimento. Mas as coisas aqui na chácara se complicaram um pouco e eu me vi envolvido com tantos problemas que passou.

- Não falo só por mim, é que eles esperavam muito de você, afinal quando estive lá virou a estrela do dia .

- Bobagem sua

- Não é , não. Eles estão botando a maior fé na sua ajuda você e nas promessas com a estufa . Por isso, foi decepcionante.

- Como posso corrigir ?

- Cumprindo a sua palavra. Primeiro comigo, com o jardim e o Sultão. E , sobretudo, com eles. Sabe, eu levei você lá e me sinto meio responsável também, desculpe minha crítica.

Isto doeu em Alberto. Instintivamente, como querendo se defender, disse:

- Você se sente responsável pelo Ricardo ?
- O que ele tem a ver com isso ?
- Nada, mas você está me cobrando muito porque me levou lá, e Ricardo foi você quem também levou , não foi ?

- Não estou cobrando nada além do que foi combinado. Ademais, o que o Ricardo representa nesta história ? Ele nunca prometeu nada, nem pra mim , nem para o pessoal da ONG. Cada um é cada um, dá o que tem. E parece que você tem muito a dar, por isso as cobranças serão sempre maiores.

Alberto sentia que havia errado.

- Desculpe, vou lá hoje mesmo e vamos ver o que posso fazer para o pessoal da estufa. Da mesma maneira , estarei lá no sábado também.
- Passe aqui antes para ver seu cachorro
- Passarei. Assim termino o seu jardim rapidamente.

Aberto fez exatamente o que prometeu. Foi até a casa de Maria Rosa, deu ordens de comando ao Sultão. Ele estava bem ensinado. Só que Alberto levou junto três jardineiros seus para terminar o jardim.

Maria Rosa achou estranho.

- Não era você quem iria fazer ?
- Eles seguirão exatamente o que eu planejei. Assim o jardim fica pronto hoje mesmo. Você vai gostar...

Maria Rosa se calou. Enquanto ele explicava o que seria feito, ela balançava a cabeça concordando, mas sem dizer muitas palavras. Ao terminar, Alberto, se despediu dela e disse:

- Seu jardim vai ficar como um poema.
- Eles são poetas ?
- Não , são jardineiros
- Você também estava fazendo um poema com meu jardim ?
- Sim

- Então, agora não sei como este texto irá acabar, ou quem é o autor
- Sei que quem lê Pessoa tem um grau de exigência alto. Mas eles farão exatamente o que eu escrevi.
- Então você é o poeta ?
- Não, sou jardineiro, lembra ?
- Sim.
- Aliás, você deve ter , além de lido, já recebido algum poema , não ?
- Nunca tive essa oportunidade. Ser musa é uma coisa inatingível para uma tratadora de cães como eu.
- Mas Ricardo já deve ter-lhe escrito um poema ou uma declaração.
- Ricardo outra vez ?
- Namorados fazem isso, sabia ?
- Alguns, mas para mulheres de sorte. Receber um texto é mais do que receber uma flor... não que não seja gostoso receber flores, ou jardins inteiros , disse sorrindo.

Alberto olhou para ela com certa pena. Realmente Ricardo e ela tinham pouco em comum. Por que , então , estariam juntos ?

- O que o Ricardo faz, no que trabalha ?
- Seu pai tem dois pequenos supermercados de bairro e ele toma conta de parte dos negócios.
- Interessante, disse Alberto balançando afirmativamente a cabeça.

Maria Rosa riu.

- Nem eu acredito nisso, quanto mais você, o homem dos chás, das flores, das palavras de fé.
- E dos poemas talvez, arriscou
- Escreve ?
- Nunca tive uma musa. Também , para ter musas é preciso ser poeta, o que é mais difícil do que ser jardineiro. Mas toda mulher deveria ter um texto de seu. Algo só para ela. Cobre isso do Ricardo...
- Cada um dá o que pode, e creio que ele não me faria um texto. Acho que nunca serei musa, a não ser que alguém conserte isso um dia...

Essas palavras foram uma provocação. Alberto fez que não ouviu direito, olhou para o jardim e como se o que ela havia dito não fosse importante, arriscou

- Quem sabe aparece um louco querendo ser poeta...
- De poeta e louco...
- É verdade.

Cortou o assunto, deu algumas ordens para o pessoal do jardim. Deixou dinheiro para volta com um deles e falou para Maria Rosa

- Vou até a ONG, vamos ver o que posso fazer com aquelas estufas.

Capítulo XXVI

““ Vocês gostam de bolo de fubá ? Perguntou

- *Sim , disseram alguns, por que, você sabe cozinhar também ?*
- *Cozinhar não, mas tenho uma receita de bolo de fubá... Depois de replantarmos esta parte aqui, vamos até a cozinha. Acho que vou ficar um tempão aqui com vocês . Estão cansados, dá para a gente trabalhar até de noite ?”*

Na ONG havia quietude e paz. Mas não estava vazia. As pessoas, entretanto, não eram as mesmas dos sábados. Era mendigos, necessitados, gente doente que ia até o ambulatório médico que funcionava diariamente. Alguns, na saída, recebiam uma pequena cesta básica de alimentos. O Mestre comandava tudo e todos. Alberto viu que algumas das pessoas que iam lá para os encontros semanais eram médicos, dentistas e ajudavam quem precisava. Aquela ONG continuava funcionando a todo vapor durante a semana inteira. Mas todos ficavam quietos, praticamente em silêncio.

Longe do burburinho, das vozes aos finais de semana, o lugar de fato tinha um certo toque de sagrado. Sem a correria das pessoas, dava para ver que o lugar era realmente bonito. Havia muito verde, muita água, os caminhos eram todos ladeados por flores. No pavilhão central, havia uma fila de pessoas que lá estavam para serem atendidas pelos terapeutas.

Alberto foi encontrar o Mestre agachado, plantando flores numa gruta que ele mesmo havia esculpido. Era um recanto novo e acolhedor.

- Olá, Mestre !
- Alberto, que bom, levantou-se e abraçou-o
- Desculpe o desencontro da semana passada. Não pude vir porque tive compromissos e faltou tempo.
- Tempo é questão de preferência...
- Está bem, faltou vontade
- Ou teve vontade e ficou com medo de si mesmo.
- Medo ?
- Sim, medo de pensar as coisas que pensou, de falar o que falou e sentir a inspiração que sentiu. Foi muito bom, Alberto, todos gostaram de você, e sua ausência foi meio decepcionante.
- O senhor também vai me condenar ...
- Por que ?
- Maria Rosa já me descascou o verbo.
- Duvido, ela não é tão rude assim, é ?
- Não, pelo amor de Deus, não quis dizer isso, ela é ... ela é ...
- Maravilhosa ?
- Maravilhosa sim, Mestre, maravilhosa...
- Devo acrescentar Maria Rosa na lista de motivos pelos quais você não veio ? Indagou com certo humor, mas com notada intenção de provocar Alberto.
- Na sua ONG existe a obrigatoriedade do silêncio da confissão que há nas igrejas ?
- Não, nada é obrigatório, mas quase sempre damos a cada um o respeito que cada um precisa.
- Então, acrescente o nome dela ... aliás, substitua alguns dos motivos

citado pelo senhor , por ela ... mais que isso, quer saber, Mestre, fique só com o nome dela.

- O amor é fabuloso, Alberto
- Não se trata de amor, é tão recente.
- Tempo é patente só na vida militar. O amor é como um cigano, surge, parte, volta e a gente nunca sabe onde ele vai estar. É preciso cuidar dele, não uma vez , na hora da conquista, mas sempre.

- Há momentos em que a gente chega atrasado.
- Refere-se ao Ricardo ?
- Sim.
- Ele é uma criança perto de você.
- Pois é, mas o doce vai sempre para a boca das crianças.
- Ah, Ah, Ah, pense nisso como um regime, então. Você é um homem , Alberto. Um belo homem. Não creio que queira as guloseimas que as crianças adoram.

- Mas quem está com a guloseima tem a boca adoçada; quem não, sente apenas este amargor na garganta, não é ?

- Caramba !
- Não sei direito o que fazer.
- Seja você mesmo, faça o que gosta, mostre-se sem escamotear nada, não minta, não agrida, não se apresse, curta o sentimento que ele vai lhe ajudar. Camões disse certa feita ” transforma-se o amador na coisa amada por força do tanto imaginar”. Aprenda com a mulher amada. No fundo , não se pode amar aquilo que não se conhece. É tão recente ? Dê tempo ao tempo. Tem ciúmes do namorado ? Mostre as suas vantagens sem acusar as limitações dele. Não critique o que ela tem, é só o que ela tem.

- Como a conheceu ?
- Ela veio até aqui , fugida do Lar das Moças, não queria mais voltar. Eu a recebi quando a ONG quase não era nada. Muito do que está feito aqui, foi ela quem criou. Em muitos momentos, quando pensei em desistir , foi a coragem dela que me fez continuar. Maria Rosa é como uma filha, Alberto, por isso quero o melhor para ela.

- Mestre, desculpe, eu não sabia , comecei a falar consigo sem saber isso tudo, não há segundas intenções, nada ...

- É isso que quero de você. Você foi você mesmo, sem subterfúgios. É isso que deve ser com ela. Mas prepare-se, ela é uma flor difícil de ser cultivada. Ricardo não é um jardineiro, você é. Ela saberá desabrochar ao seu toque de carinho como uma rosa de verdade. Mas se sua mão for falsa, ela deixará cair as pétalas e você nunca mais verá o seu esplendor.

- Sei o que é isso, Mestre. Sei o que é ver as flores morrerem nas mãos. Por favor, não diga a ela que conversamos.

- Não, não seria justo nem com você e nem com ela. Mas, talvez ela venha falar comigo sobre você .

- Sobre mim ?

- Alberto, eu vi o rostinho de decepção dela quando você não veio. Você não está passando despercebido ..

Alberto soltou uma gargalhada.

- Tomara, Mestre. Ah, que bom, valeu. Ganhei o dia aqui hoje.

Ambos ficaram um pouco em silêncio

- Mas deixe-me ir até a estufa. Eu trouxe mudas de chá, flores e ervas medicinais que gostaria de cultivar aqui, se o senhor não se importar.

- De jeito nenhum. O pessoal já está esperando. Vamos , eu vou com você .

Os dois foram até a estufa a turma estava realmente esperando. Alberto foi indagando o que queria saber, foi mexendo nas plantas, falando sobre como a estufa deveria ser dividida, arrumada. Falou do tamanho dela, do espaço necessário e em poucos minutos, ele estava descalço, sentado no chão com o pessoal à sua frente, replantando vasos e contando histórias sobre as ervas que havia trazido.

- Vocês gostam de bolo de fubá ? Perguntou

- Sim , disseram alguns, por que, você sabe cozinhar também ?

- Cozinhar não, mas tenho uma receita de bolo de fubá... Depois de replantarmos esta parte aqui, vamos até a cozinha. Acho que vou ficar um tempão aqui com vocês . Estão cansados, dá para a gente trabalhar até de noite ?

- Como quiser.

- Deixe-me avisar em casa, disse Alberto, pegando o celular.

Alberto ficou até tarde da noite na estufa. Era uma coisa comum para ele –

não parar enquanto o trabalho todo não estivesse concluído. As pessoas se revezavam, mas ele não.

- Não vai descansar ? Perguntava o Mestre

- Ainda não, ainda não, respondia. Arruma aí um cafezinho que dá pra tocar em frente.

E de fato foi isso mesmo. Alberto foi em frente e durante a madrugada o trabalho terminou. Quando todos olharam, a estufa era outra. Estava arrumada, dividida, as mudas plantadas, enfim , havia um toque profissional no trabalho feito.

- Agora é cuidar disso, falou Alberto para o Sr. Zé Pedro que tomava conta de toda a ONG. Plantas gostam de carinho. Elas respondem ao seu afago, são generosas quando são amadas. Quem sabe alguma um dia conversa com você... Aqui está meu telefone, qualquer coisa é só ligar, não importa a hora porque praga não escolhe o tempo, dá quando menos se espera.

- Quando você volta, perguntou Zé Pedro.

- Sábado, para a reunião com o Mestre.

- Não quer dormir aí, Alberto ? Perguntou o Mestre

- Olha que não é uma má idéia. Se tiver um cantinho, eu me arrumo.

- Tem um quarto de hóspedes

- Não é preciso isso, vou só encostar o corpo , e olhando para uma rede que havia do lado de fora da casa. Posso deitar na rede ?

- Como quiser

- Então, lá vou eu. Boa noite. Disse e já foi se acomodando. Em poucos minutos dormiu

Capítulo XXVII

“ -Isso não é problema, Manoel. Vão todos para a minha casa

- Sua casa ?

- Minha chácara. Lá tem espaço, ar puro, muito verde e um caminho de futuro para todos. Na minha chácara sempre há luz no final do túnel. Mais ainda, tem Mainha (que chegava à porta) se ela me criou com tantos outros aqui mesmo neste orfanato , como não vai criar mais estes . E tem outra coisa, pode preparar a papelada, Manoel, eu adoto todos”

Quando chegou em casa na manhã seguinte, encontrou Mainha com roupa de sair como ela dizia, esperando no portão da frente .

- O que houve ?
- Beto, você precisa vir comigo
- O que houve, você me deixa preocupado, Mainha ?
- Nada que você não possa resolver. Nós vamos até o Orfanato.
- Orfanato !!? Mainha, eu nunca mais passei por lá. Por que isso, agora ?

- Beto, de quando em vez eu vou lá. Sabe, era aquela vontade de ver as coisas , conversar com as crianças que ficavam por ali. Eu ia na missa de domingo, você sabe , e depois eu ia até o Orfanato. Passado algum tempo , as coisas foram se modificando. A casa foi vendida e o homem que comprou o imóvel não é boa gente, chama-se Hermínio. Ele ficou com as crianças, mas não trata bem deles. Numa das minhas últimas idas lá , deixei meu telefone para uma menina , Terezinha, a mais velha, e disse que ela ligasse caso houvesse problema. Ela ligou hoje logo cedo , ontem o dono da casa abusou dela.

Alberto deu um grito de ódio. Pegou o carro e saiu de lá cantando pneu. Levou Mainha com ele . Foi ela quem começou dizendo:

- Beto, violência não adianta nada. Aquele safado ganha dinheiro das pessoas para manter o orfanato e o maior castigo para ele é as pessoas que pagam saberem o que ele tem feito. Dizem que a casa está hipotecada e ele vai à falência por si mesmo. Não se esqueceu do Zé Grandão ? perguntou . Tudo começou em um dia quando ele foi acertar as contas por minha causa. Não quero mais isso. Use a cabeça não os braços. Disse isso e calou-se.

- Tá bem, tenho uma idéia melhor.

Pegou o telefone celular e ligou para Manoel.

- Alô, Manoel , é o Alberto

- Já trabalhando ?

- Tenho um problema para o advogado.

- Vamos lá.

Alberto contou a história toda e foi um alívio quando Manoel respondeu :

- Sou da justiça da infância e adolescência, trabalho com o juizado de menores . Vou fazer melhor do que ir lá com você, vou levar o pessoal comigo. Onde é ?

Alberto disse e Manoel sabia onde ficava, tinha até já dado uma batida no Orfanato. Combinaram que se encontrariam na esquina de cima.

Depois de quase uma hora de trânsito , eles chegaram ao Orfanato São José. O coração de Alberto bateu mais forte no peito. Quantos anos haviam se passado ? Uma série de imagens vieram à sua cabeça : as brincadeiras com os internos, as dificuldades, as lamentações. Lembrou-se de que conservavam o prédio com suas

próprias mãos, pintavam , remendavam o que havia sido estragado, plantavam no jardim – foi de lá que levou a muda da flor. Naquele instante pareceu ouvi-la outra vez. “Ajude , Alberto, ajude”...

Encontrou Manoel na esquina de cima.

- Vamos lá!

Manoel havia trazido guardas municipais com ele. Juntos caminharam até o Orfanato.

- Alberto, deixa o meu pessoal agir primeiro. Às vezes é difícil entrar e nós não temos mandato. Se a coisa ficar preta, vamos dizer que houve um chamado de um interno como você falou. Um dos guardas já está perguntando para o pessoal da vizinhança sobre o Orfanato e alguém sempre acaba topando em assumir a denúncia para a gente vir até aqui. Isto se de fato tiver cheiro de malandragem aí dentro.

Aberto concordou e depois de alguns segundos , os guardas bateram à porta e começou um diálogo que não dava para ouvir. Por fora, Alberto viu a mesma placa velha, o portão de ferro. A casa totalmente abandonada. A singeleza havia sumido para dar lugar a um casarão arrebitado. Os guardas conversaram alguns instantes e como que forçaram a entrada. Assim que o portão de abriu todos vieram rapidamente e invadiram a casa.

Foi uma visão horrível. Não havia mais nada de antigamente. Mainha olhou para Alberto e sentenciou:

- Não te falei, olha como tá isso aqui.

Dois outros funcionários também apareceram no pátio para ver o que havia. O porteiro só então percebeu o que estava acontecendo. Saiu correndo e direção ao interior da casa, gritando pelo Sr. Hermínio. Em poucos minutos, ele apareceu na sacada. Estava visivelmente bêbado:

- Tem mandato ?

- Foi ligação daqui de dentro que nos chamou, respondeu Manoel

- Duvido , aqui só tem o meu celular.

Mas os guardas não deram ouvidos e foram entrando, remexendo em tudo, fotografando a bagunça.

- Que sujeira, meu caro. Onde estão as crianças ?

- Na escola, responde Hermínio

- E naquela sala, o que tem ?

- Meus aposentos particulares, sem mandato não entra. Saiu apressado para ficar entre a porta e os guardas, mas de tão bêbado caiu no chão. Os guardas nem precisaram arrombar, abriram a porta e viram crianças maltrapilhas com olhos arregalados de medo. Mainha se antecipou :

- Não tenham medo, meu nome é Mainha, eu trabalhei aqui , vinha aqui aos domingos... você se lembra de mim, eu me lembro de você, disse Mainha olhando para um dos meninos.

Ele sacudiu a cabeça confirmando. Mainha foi até ele e o abraçou. Os outros se encostaram nela também formando um grupo de pessoas. Eram crianças de 5 ou 6 anos , pouco mais, ou menos.

- Que cheiro ruim , disse Mainha.

- A gente não toma banho todo dia, disse o mais velho. Sr. Hermínio falou que não tem água.

- Vocês não foram na escola hoje ? perguntou Manoel

- Este ano a gente não tá estudando...

- E cadê Terezinha ? perguntou Mainha

O mais velho, cujo nome era Henrique, respondeu :

- Tá no porão, o “ seu” Hermínio trancou ela lá.

Mainha sabia onde ficava e saiu correndo para o porão. Alberto e Manoel foram atrás. O que se viu era desolador. O lugar era horrível. Entulhos de toda sorte, poeira por todo lado e num canto escuro , Terezinha. Ela estava nua. Tinha escoriações pelo corpo. Era uma menina bonita, de 13 anos. Ao ver Mainha , ela correu para ela sem se importar com a vergonha da nudez na frente de estranhos e chorando implorou;

- Me ajuda, pelo amor de Deus, me ajuda. Ele me castigou, me bateu e acabou me jogando aqui desse jeito. Ele é ruim.

- Alberto, me arruma um pano para cobrir a menina, disse Mainha .

Como não havia nada por perto, Alberto tirou a camisa e deu para ela.

Mainha vestiu Terezinha com carinho, arrumou o cabelo dela que caía sobre a testa:

- Você nunca mais vai passar por isso, minha menina, nunca mais, não é Beto ?

- Nunca mais, eu juro, respondeu Alberto com os olhos marejados pelas

lágrimas. Cadê aquele safado eu vou..

- Não vai a lugar nenhum, segurou o peito dele Manoel. Deixa isso com a polícia e a justiça agora. Ele está ferrado, se a gente for procurar por aí, vamos encontrar mais problemas.

- Doutor, chamou um dos policiais, vem até aqui ver esta barbaridade.

Manoel e Alberto foram para cima. Havia drogas, armas, telefones celulares, o local era uma base para bandidos e ladrões.

- É puro flagrante, doutor

- Junta tudo e vamos levar todos para a Delegacia. É preciso fazer BO, vou necessitar do testemunho da Mainha e o seu, Alberto.

- O que quiser.

- Só que o problema é outro. Onde vamos alojar este pessoal, está tudo cheio.

- Isso não é problema, Manoel. Vão todos para a minha casa

- Sua casa ?

- Minha chácara. Lá tem espaço, ar puro, muito verde e um caminho de futuro para todos. Na minha chácara sempre há luz no final do túnel. Mais ainda, tem Mainha (que chegava à porta) se ela me criou com tantos outros aqui mesmo neste orfanato , como não vai criar mais estes . E tem outra coisa, pode preparar a papelada, Manoel, eu adoto todos.

- Não é tão simples, existe uma série de empecilhos para a adoção no Brasil.

- Então a gente tem que começar logo porque quem mora comigo estuda, trabalha, é feliz, ganha doces, joga bola.. ia dizendo estas coisas e passando a mão na cabeça de cada um. Quero depois saber o nome de todos. Enquanto isso, posso ter a guarda temporária ? perguntou a Manoel

- Isso é mais fácil, dá para ajeitar.

- Então, faça a papelada.

Enquanto Manoel ia vendo com os guardas as coisas que haviam na casa, descobrindo as mazelas. Alberto saiu de fininho e foi até o quarto onde ficava no Orfanato. Não havia mais as camas, mas ele podia ver claramente cada uma delas, com quem dormia. Eram olhinhos ansiosos pela vida. Zé Grandão, Maneco, Pedro

Magro, Bentinho, Paraíba, Chico Manco, todos ali, deitados, brincando, chorando baixinho durante a noite quando a luz apagava. Engoliu em seco. Onde estariam todos ? O que a vida fez com cada um ? Teriam tido o destino de Zé Grandão e Tíndinha ?

A vida havia lhe dado uma incumbência, cada dia ele pensava mais nisso.

Ter ficado com tudo o que Zé Grandão e Tíndinha lhe deixaram era por um motivo na vida e com certeza cuidar daquelas crianças fazia parte desta missão. E mais “ Ajude, Alberto, ajude” , a rosa sabia das coisas e ele tinha a certeza de que havia feito o certo.

- Saudades, Alberto ? perguntou Mainha se achegando a ele

- Sim e não. Lembro-me daquele tempo mas tenho grande ansiedade e esperança pelo tempo que virá. Há uma missão aqui neste terra para mim e ela tem tudo a ver com as crianças que sofrem pela perda dos pais e ficam à deriva neste mundo cheio de dor e tristeza. Tem muita terra lá na chácara, Mainha , e cabe todo mundo naquele espaço, você não acha ? Perguntou sorrindo.

- Tem espaço é aqui no seu coração, Beto. Você nunca quis ficar com tudo o que recebeu. Dividir faz parte da sua personalidade e isso me enche de orgulho, meu menino. Deitou a cabeça no ombro dele. Alberto a acariciou com candura. Terezinha ficou mais ao largo vendo aquilo. Alberto levantou a cabeça e viu a menina olhando para os dois.

- Vem cá Terezinha, tem espaço neste braço pra você também. Ela se achegou. Já havia se vestido. Alberto tentou pegar a camisa, mas ela não deixou que ele a tirasse da mão dela. Ele não insistiu e os três se abraçaram. Os demais meninos foram se achegando lentamente , e de repente, todos estavam abraçados, na busca de calor humano, carinho, compartilhamento.

Manoel olhou aquilo e seus olhos também se encheram de lágrimas. De onde teria surgido esse cara, pensou, que fala do Espírito Santo, planta ervas que curam, ajuda pessoas que sofrem. Olhou para Alberto com muita admiração e pediu que todos fossem para a Delegacia do bairro para as providências legais.

Alberto e Mainha pegaram as crianças e colocaram no carro. Ficou apertado com tanta gente. Alberto olhou mais uma vez para o Orfanato São José, viu o que viu e não as lembranças de antigamente. Sentiu um peso muito grande no coração, mas a partir daquele momento, ele tinha a certeza de que era preciso olhar para frente. Marcelinho e Toninha. iriam adorar tanta criança junta. Vai ser uma farra. Alberto pensou e sorriu :

- A chácara vai virar um rebuliço , Mainha.
- E você não está gostando ?
- Adorando, criança é vida, é futuro. Todo mundo vai trabalhar , estudar, ser feliz. Manoel , me empresta o seu paletó que não dá pra ir na delegacia sem camisa...

Capítulo XXVIII

“ - Ele mexe comigo, Mestre

- *Percebi no primeiro dia quem vocês vieram. Seus olhinhos quando falava, sua tristeza quando ela não compareceu no sábado seguinte.*
- *É, eu não sei de onde ele surgiu. Sei pouco sobre sua família, mas não há como não gostar de uma pessoa como ele. Veja o que fez com as crianças. Isto surpreendeu até a mim”*

Realmente, a chácara ficou em polvorosa. Todo mundo foi buscar colchão daqui e dali, e num instante , todos estavam acomodados na casa grande. O pessoal da cooperativa vinha toda hora para ver a meninada. Alguns traziam roupas, outros, guloseimas e num instante as crianças estavam como que ambientadas ao novo lar. Henrique, o mais velho dos meninos, falou para Alberto

- Não tem tranca na porta ?
- Não.
- Então a gente pode fugir.
- Só quem for burro.

- A gente gosta de liberdade
- Aqui tem muita. Mas tem responsabilidade também. Tem escola, tem serviço, tem tudo o que uma família pode oferecer para uma criança. Fugir pra quê ?
- Costume, sei lá
- Mude o costume, Henrique. Você é o mais velho dos meninos e eu conto com você para me ajudar. Assim que souber o nome completo de todos e ver a papelada de cada um vou começar a poupança na Caixa para vocês.
- Dinheiro ?
- É, aqui quem trabalha, além de tudo , comida, abrigo, carinho, tem uma poupancinha na Caixa Econômica , assim quando ficar adulto vai ter um dinheirinho para começar a vida.

Henrique não perguntou mais nada. Saiu para olhar a chácara ainda meio confuso. Após alguns passos , olhou pra trás para ver Alberto. Será que tinha vindo parar num lugar decente, meu Deus ?

Alberto arranjou tudo. As crianças foram descobrindo a chácara aos poucos, fazendo amigos. Mas ele sabia que era cedo para dar liberdade, principalmente para Henrique. Assim , combinou com Mainha de sempre manter um dos empregados da chácara por perto, inventou uma história de tutor e com isso Henrique teria sempre companhia, afinal, nunca se sabe. Os demais se adaptariam facilmente. E foi o que realmente começou a acontecer.

Mas Alberto, sentindo que nascia entre ele e Terezinha uma amizade muito grande, chamou-a num canto :

- Terezinha, eu confio em você. É a mais velha de todos e pode exercer liderança no grupo. Até hoje foram acostumados aos maus tratos, aqui é diferente. Você será meus olhos junto ao grupo. Qualquer coisa, fale comigo ou com Mainha. Vou ver se arranjo outra pessoa para ajudar. Mas lembre-se vai valer a pena morar aqui.

- Você vai ser nosso pai ?
- Sim , já estou preparando a papelada, todos serão adotados.

Ela começou a chorar e abraçou Alberto.

- Concorda em me ajudar ?
- Pode deixar, conte comigo, responde Terezinha, feliz com a incumbência .

No sábado seguinte, o assunto na ONG era o episódio ocorrido com Alberto. Manoel tinha dado telefonemas e muitos trouxeram roupas e brinquedos para as crianças.

Manoel pediu a palavra e contou o ocorrido. Alberto agradeceu:

- Eles vão ter que aprender a brincar, acho que nunca fizeram isso
- Quantos são ? perguntaram
- São oito, uma menina mais velha e os demais são meninos
- Precisa de mais ajuda ?
- Realmente não. O dinheiro não é o problema.
- Opa , tem pra mim ? Risadas
- Não é isso. Dá para alimentá-los, educá-los. Mas Mainha está com

idade avançada e não sei se será fácil para ela. Vou precisar de mais uma pessoa e tem que ser mulher. Mas veja bem, alguém que possa morar lá, que precise do emprego que queira fazer parte da família.

Uma senhora, mas bem mais moça que Mainha, levantou a mão.

- Acho que eu posso, será que dá pra você me testar .

- Testar ? Se você tiver vontade , vai me ajudar muito . Alberto tinha visto aquela mulher sempre solitária e calada pela ONG. Um dia , ao indagar, lhe haviam dito a sua história . Chamava-se Fátima, uma das mais antigas freqüentadoras da ONG. Havia sofrido um desastre de carro e ninguém da família havia escapado com vida. Tinha sido na volta de uma das reuniões de sábado e todos se sentiam culpados por ela ter perdido seus entes queridos. Desde então , era como se fosse um talismã. Todos a tratavam com um carinho especial . Fátima continuou :

- Mais do que o trabalho, acho que eu preciso de uma chance como esta.

Nem quero ganhar muito...

- Ao contrário, quero lhe pagar bem. O tanto quanto puder. Vocês a referendam ? Olhou satisfeito para o Mestre

- Não poderia haver ninguém melhor, sentenciou o Mestre.

- Então está feito. Segunda-feira eu mesmo vou buscá-la e direi o que trazer. É preciso ter paciência inicialmente com Mainha, sabe como é, ela é a rainha daquele lar e pode ser que tenha ciúmes . Mas ela é espetacular, você vai ver.

O Mestre tomou a palavra para dar alguns avisos. Alberto saiu da roda para pegar algumas plantas e ir para a estufa, quando Maria Rosa veio até ele:

- Que coisa linda, Alberto.
 - As mudas são bonitas mesmo , ironizou ele apontando para as plantas que pegava
 - Você sabe que não é isso . As crianças...
 - Como poderia ter sido diferente ?
 - Você poderia ter solucionado o caso e pronto.
 - Eu solucionei o caso e pronto, ou não ?
 - Mas você fez isso de uma maneira especial. Eu e você sabemos o que é querer uma família.
 - Surpreende você quando eu faço alguma coisa em especial ? Você acha que eu não posso ser especial ?
 - Não é isso que quis dizer. Parece que eu lhe irrita quando falo com você
 - Você nunca me irrita, Maria Rosa. Veja , agi assim porque meu coração mandou. Devemos ajudar sempre que puder, ajudar em vez de se omitir.
 - Amar ao próximo como a ti mesmo ?
 - Um pouco menos, afinal quem consegue amar o próximo como a si mesmo ?
 - Os puros de coração e alma.
 - Então, eu não consigo, sou um pecador !
 - Não acredito
 - Sou, creia-me. Fiquei com o dinheiro alheio, tomei para mim filhos de outras pessoas, usei como minhas as receitas de bolo que eram de amigos, e vivo uma vida de devasso todas as noites.
- Maria Rosa olhou espantada. Alberto, depois de alguns segundos, não se conteve e deu uma gargalhada.
- Mentiroso!
 - Talvez não tanto, mas pelo menos não sou devasso...
 - Já foi ?
 - Como isso pode lhe interessar, treinadora ?
 - Só curiosidade feminina
 - Hum ... Vejamos. Tive messalinas e odaliscas , além de...
 - Bobagem, quer parecer mais do que é só para me impressionar.

- É verdade, acredite. Por que você acha que dei o nome de Sultão a meu cachorro? É uma homenagem a mim mesmo

- Que pretensioso você é, Alberto ...

Nisso, Manoel chegou reclamando a presença de Alberto na estufa. Ele se despediu de Maria Rosa e foi cuidar das plantas.

O Mestre, que de longe observava os dois, chegou perto de Maria Rosa e disse:

- Estou com saudades do carinho de sua atenção, minha menina. Faz tempo que não conversamos e você sabe que sua conversa alimenta minha alma.

- Ah, Mestre, minha cabeça está rodando.

- Então pare de girar, ache o seu centro e fique imóvel.

- Não é tão simples.

- Vai mal com seu trabalho ?

- Não, tenho cada vez mais clientes, mais cachorros e logo terei que achar uma casa maior

- Uma chácara, talvez, disse com certo sorriso nos lábios

Maria Rosa percebeu o que ele queria dizer.

- Mestre, como esconder do senhor alguma coisa ?

- Não tenho a mínima idéia do que você quer dizer.

- Não se faça de sonso, eu lhe conheço muito bem.

- Tá bom, sobre o que quer conversar ?

- Sobre o coração

- Seu ou dos outros ?

- Por que, sabe alguma coisa do coração dos outros ?

- Não sei , mas não sou sonso, você mesmo disse.

- Então me diga

- Ora, me diga você sobre o que estamos falando.

- Alberto, Mestre.

- Ah, aquele cara estranho ! Riu. Sem eira nem beira, burro, pobre, mal encarado e maldoso

Maria Rosa riu. Ela tinha agora certeza de que o Mestre gostava dele e que a conversa iria fluir com serenidade.

- Ele mexe comigo, Mestre
 - Percebi no primeiro dia quem vocês vieram. Seus olhinhos quando falava, sua tristeza quando ela não compareceu no sábado seguinte.
 - É, eu não sei de onde ele surgiu. Sei pouco sobre sua família, mas não há como não gostar de uma pessoa como ele. Veja o que fez com as crianças.
 - Isto surpreendeu até a mim.
 - Mas ele, de verdade, não me dá bola nenhuma, me evita, não me procura, me trata com ironia, acho que até gozação.
 - Já pensou que ele possa não saber como fazer
 - Um homem como ele ?
 - Maria Rosa, às vezes uma pessoa se esconde na defesa de si mesma. Têm medo de se mostrar, medo de amar , de sofrer, medo de não saber como proceder. Eu sinto que para ele você não é indiferente.
 - Também sinto um pouco isso. Ele parece que tem ciúmes do Ricardo, o que é bom.
 - É verdade , é bom. Mas isso tem limites. Ninguém passa a vida inteira tendo ciúmes sem uma possibilidade de conquistar aquilo que deseja. Aliás , como vai o namoro ?
 - A mesma coisa desde o primeiro dia. Está difícil ficar junto sabendo que o amanhã será igual ao ontem.
 - Então, pra que continuar ?
 - Não sei... O que gostaria era de me aproximar mais de Alberto, ver se o que estou sentindo possa se transformar em amor, ver se ele também tem interesse por mim. Mas tenho por Ricardo muito carinho. Ele esteve comigo nas maiores crises de minha vida, o senhor se lembra ...
 - É verdade, mas você também deu a ele o senso de trabalho que ele possui. Foi uma troca justa que talvez tenha se transformado em uma amizade mais do que em amor
 - É, acho que pode ser isso. Como saber de fato ficando as coisas sempre como estão ? E você não vai querer me ver titia, vai ?
- O Mestre sorriu e concluiu:
- Então, se é o que deseja, invista nisso. Não se ofereça, mas fique

disponível.

Maria Rosa entendeu o que deveria fazer. Ficar disponível era deixar de namorar . Guardou para si as palavras do Mestre. Olhou com candura para ele, beijou-lhe a testa e finalizou:

- Vou tentar, sinto que é tempo de mudar e ver qual é o meu destino.

O Mestre pensou consigo mesmo enquanto Maria Rosa se afastava “ acho que banquei o cupido desta vez. Tomara que ela e ele façam o certo...”

Capítulo XXIX

“ - Também acho isso, Alberto, disse o Mestre.

E tem mais : religião e espiritualidade são coisas diferentes. Religiões são muitas, a espiritualidade é uma só. Há quem pratique uma religião e não tem espiritualidade nenhuma e há que não tenha uma religião , mas possui espiritualidade.”

Naquela tarde, a palavra foi sobre os mandamentos. O mestre lembrou que todos eles poderiam ser resumido num único e grande mandamento dito por Jesus: “ Amem os outros assim como eu vos amo “

- Sete dos mandamentos possuem a palavra “ não”, mas isto não quer dizer que para termos o céu basta não fazermos, ou não errar, ou termos uma postura passiva frente aos problemas da vida. Assim seria fácil. Na epístola de Tiago há uma passagem sobre a fé sem as obras. Não basta dizer que ama a Deus, ou que é preciso que os governos, as pessoas cuidem disto ou daquilo. É preciso agir, dar o exemplo, chamar para si não todas as tarefas do mundo, mas apenas , pelo menos, uma delas.

Se cada ser humano, se cada ONG assumisse uma tarefa que diminuísse a dor das pessoas, poucos sentiriam dor.

– Mas , os seres humanos poderiam fazer isso, Mestre ?

- Creio que sim . Há mais bonança do que carência no mundo, há mais riqueza do que pobreza, basta olharmos o próximo e ajudarmos no sentido de que ele possa erguer-se sozinho. Muitos têm falado sobre o peixe e a vara de pescar. Dar a vara é o correto, mas enquanto o necessitado não aprende a pescar com o que irá se alimentar ? A fé não é uma coisa passiva, ela move montanhas. A fé é a conscientização de que é preciso agir. Não porque se tem pena, não porque se quer ganhar uma cadeira no céu, mas simplesmente porque é preciso. As pessoas de fé sabem disso. Os mandamentos da lei de Deus, dizem isso claramente se lembrarmos que em hebraico a palavra “ mandamento” significa exercício.

- Uma tarefa, o senhor quer dizer ?

- Exatamente . Isto é, algo que se tem que fazer, não apenas falar. Nosso exercício diário é amar a Deus, não roubar, não matar e tudo o que os mandamentos nos dizem e , sobretudo, amar os outros assim como Jesus nos ama. Ele nos deu a vida por conta deste “exercício” e é tempo da humanidade exercitar este amor que ele nos deu. Por isso Ele ainda vive em cada um de nós, como centelha viva dentro de nosso ser. Ele está aqui para exercitar o seu amor todos os dias, todas as horas e quer fazer isso através de nós.

- Muitos dizem que somos Deus também , é por isso ? perguntou um dos presentes

- Não digo que sejamos Deus, mas nos tornamos um pouquinho ele quando fazemos isso. Vejam , há sempre mais que um caminho, mais que uma escolha, e quando fazemos a escolha certa , caminhamos para o Criador. Ajudamos na complementação da sua obra. Neste momento estamos sendo ungidos e o bem que praticamos muda as pessoas como se fosse uma unção igualmente

- Há um pouco de nós naquilo que fazemos, Mestre ? indagou Maria Rosa.

- Sim. Nossas ações são extensões de nós mesmos. Nós estamos naquilo que fazemos.

Maria Rosa se calou. Alberto já lhe havia dito isso antes. Ela sentiu uma

imensa admiração por ele. As coisas que fazia, então, eram prolongamentos de sua personalidade, de sua maneira de ser. Se as coisas eram lindas, ele também o era. Olhou para Ricardo que vinha do jogo de futebol e teve pena.

As pessoas entenderam que isso tinha tudo a ver com o que Alberto havia feito.

- Mestre, um participante perguntou , muitas vezes o senhor fala que aqui não praticamos uma religião em especial . Por quê ?

- Porque escolher uma religião é uma questão de foro íntimo , é você sentir que os preceitos que ela prega satisfazem você mesmo. Aqui, optamos pela liberdade de buscar nossa essência. Nem tudo que se fala em algumas religiões é bom , nem tudo é mau. Ficando livre podemos voar sobre todas elas e constituir o nosso próprio saber.

- Mas o senhor nos ensina.

- Prefiro dizer que instigo vocês a buscar o conhecimento. Minhas verdades também não precisam ser tomadas como verdade por você, sou passível de erro e de críticas.

- Mas aqui ninguém o critica, Mestre, disse Maria Rosa.

- É porque são bondosos comigo, mas estejam livres para isso se quiserem E voltando-se para Alberto indagou:

- Alberto, você tem uma religião ?

- Não Mestre, penso como o senhor. Nunca me prendi a esta ou aquela seita ou religião. Creio que haja um perigo nisso. Geralmente estes grupos têm a tendência de apresentar seus ensinamentos - que são apenas uma parte da verdade, como verdades absolutas, a única que trará salvação e assim por diante. Com isso, cria-se o sectarismo, as disputas entre organizações , todas defendendo a sua verdade como sendo a única verdadeira. Isto gera fanatismos e faz da busca um fim em si mesmo e não um meio em se encontrar o verdadeiro caminho. Muitos caminhos são os corretos, não há primazia e muito menos quem possa se dizer detentor do saber divino como uma propriedade sua.

- Também acho isso, Alberto, disse o Mestre. E tem mais : religião e espiritualidade são coisas diferentes. Religiões são muitas, a espiritualidade é uma só. Há quem pratique uma religião e não tem espiritualidade nenhuma e há que não tenha uma religião , mas possui espiritualidade.

No fundo, todos sabiam o que era espiritualidade tinha a ver com o que Alberto havia feito. A espiritualidade está compromissada com a ética, com o desejo de fazer o certo, fazer o bem. E isto , se praticado por todos, poderia redimir a humanidade inteira...

Capítulo XXX

*“Virgem não é a mulher nunca amada.
É a mulher em branco
a nunca escrita
nunca desenhada
nunca declamada...
Virgem é a mulher sem texto”*

A cooperativa crescia rapidamente. Fátima chegou de mansinho e quando Mainha soube da sua história de vida, abriu os braços e recebeu-a com carinho. Em pouco tempo, as duas eram as verdadeiras donas da casa.

Fátima veio preencher um vazio que Alberto sempre se esforçava para preencher. Ficar com as crianças, ajudá-las na formação de seu caráter, conta histórias, trazer

modelos de vida. Nem sempre Alberto podia fazer isso e não raro eram os dias que ele sequer falava com elas por conta do trabalho na chácara.

Mainha ficou no comando de tudo como sempre e Fátima grudou na criançada como se fosse tarefa dela cuidar das tarefas escolares, do comportamento, da harmonia de todos.

Tereza , tão logo se ambientou, foi trabalhar numa das estufas. Alberto olhava por todos. Adotou com eles a técnica que havia no orfanato : reuniões semanais, onde cada qual falava de sua vida, trazia para o grupo seus problemas e receios , e assim com inteligência, apoiado por Fátima, Alberto ia aconselhando a cada um , solucionando problemas e mantendo a união daquela família.

Cada qual ele foi colocando com habilidade num espaço da casa. Havia quartos para todos e aos poucos os colchões receberam as camas, os pequenos guarda-roupas e todas as noite, tinha história na sala. Fátima sabia organizar pecinhas de teatro e toda semana tinha uma nova, com cenário e tudo o mais.

Há tempos, Mainha havia dado a Alberto algumas fotos da época do orfanato que ele mandou transformar em pôsteres maiores. E para cada personagem, havia uma história de vida, algumas verdadeiras, outras não, mas isto corria por conta do que Alberto sempre dizia” São as santas mentiras , Mainha” . Para Zé Grandão e Tidinha, um estória especial. Estavam no exterior, longe da bagunça daqui, num lugar muito calmo, mas sempre se lembravam de todos e , de quando em vez, “ chegava uma carta”.

As crianças, com isso, iam formando o seu imaginário passaram a ter fé no amanhã. A vida de Alberto transcorria neste ritmo , um cotidiano cheio, um final de semana na ONG, estudos místicos, mercado de ervas, tomada de decisões e na cabeça sempre a imagem de Maria Rosa.

Num sábado, ela chegou sozinha na ONG. Alberto não se conteve:

- Ué, cadê o Ricardo, tá doente ?
- Ele não virá mais, respondeu Maria Rosa
- Que pena, completou Alberto, perdemos um bom jogador de futebol, olha como a turma está triste no campinho.

Maria Rosa riu um pouco.

- Falei demais ? perguntou Alberto

- Não, é que ele não era um craque da bola mesmo
 - E do que ele entendia ?
 - De secos , molhados e enlatados lá nos supermercados do pai dele.
 - Você ainda é freguesa ?
 - Nunca fui. Ele não queria cobrar de mim e eu não gosto disso. Pago pelo que quero e se não posso pagar, espero até ter condições de obter o que desejo..
 - Pelo menos ele deixou aquele poema que se deve dar às mulheres bonitas ?
 - Você me acha bonita ? Finalmente um elogio do grande Alberto ...
 - Você é linda, treinadora, sabe que é , então por que deveria ter-lhe dito antes ?
 - Porque faz bem ao ego e as mulheres gostam. Você sabe disso, ou não entende a alma feminina ?
 - Quem entende ? Nem elas mesmas , e riu gostosamente. Maria Rosa também sorriu.
- Alberto continuou depois de um tempo de silêncio
- E quanto ao poema, ele teve tempo de entregar um pelo menos ? Uma trovinha ?
 - Não, como eu disse, não tive essa sorte ainda.
 - Bem , eu não diria isso, disse Alberto, e pegou uma pasta que sempre carregava com ele, tirou um papel dobrado de dentro e ficou batendo nas mãos.
 - O que é isso ?
 - Uma surpresa para você .
 - Não vai me dizer que é a sua famosa receita do bolo de fubá...
 - Não...
 - Um creme poderoso com suas ervas misteriosas para meu rosto...
 - Não...
 - Ora, Alberto, não vai me dizer que você fez um poema ...
 - Por quê ? Me acha incapaz disso ?
 - Não, eu tenho certeza de que você é capaz de fazer o que desejar, basta olhar para a sua vida. Mas um poema... por que motivo ?
 - Porque toda linda mulher precisa ter um texto seu, precisa estar

escrita, ou pintada como a Mona Lisa. Somente assim se ganha eternidade...

- E o que diz o poema ?

- Diz exatamente aquilo que venho lhe dizendo desde o começo, você precisa ter um texto. E estendeu a mão com o papel.

Maria Rosa pegou a folha visivelmente emocionada., sua face ficou avermelhada e a respiração, aos poucos, começou a ficar mais cadenciada e profunda, abriu o papel e lá estava :

Maria Rosa

Virgem não é a mulher nunca amada.

É a mulher em branco

a nunca escrita

nunca desenhada

nunca declamada...

Virgem é a mulher sem texto,

porque as palavras são espermatozóides,

depois de ejaculadas

navegam

pelo líquido da imaginação

e fecundam

almas , corações, corpos,

que sentem, tremem umedecem...

O percurso até pode findar na cópula

mas começou antes,

no texto,

que escrito, se inscreve

e instaura o prazer de modelar

sonhos, criar fantasias,

gozar antecipadamente uma emoção

Assim,

*mais que querer curtir teu corpo no corpo e
te deflorar na carne
te homenageio agora
te fecundo com palavras
e te transformo em texto,
feito ainda sem contexto.*

Possuída,

te batizo :

Musa !

Ela terminou de ler e ficou calada por alguns segundos, então, de forma inesperada e agressiva :

- Por que isso agora , Alberto ? O que você quer de mim ? Por que ser sua musa ?

Alberto olhou espantado como que não entendendo nada.

- Desculpe, eu não tentei magoar você , ao contrário...
- Por que isso ? Vamos, você tem mais alguma coisa a me dizer ?
- Não, está no texto e ...
- O que está no texto ? Como posso ser musa para alguém que nem conheço direito, que me evita, que me chama de treinadora a todo instante, que vive me ironizando...

- Maria Rosa, por favor, se eu a magoei peço perdão. Jamais eu gostaria de ter feito isso. É um poema e acho que você merecia um texto

- Por que ? Sou a coitadinha que nunca teve um texto do Ricardo como você diz? Já lhe ocorreu que ele pode ter me dado outras coisas igualmente felizes e que eu esteja triste porque tudo acabou ?

- Caramba ! Por que estamos discutindo ? Se você acha que foi uma invasão de minha parte me dê aqui o texto e eu não vou amolá-la mais.

- Agora é isso ? Diz o que quer e depois pede o texto de volta. Não senhor, é meu, você não me deu ? Que falta de educação é essa ?

- Pelo amor de Deus ! Então o que devo fazer ? Se escrevo, sou

invasivo, existe uma outra intenção; se quero corrigir o que errei, sou mal-educado. Ah, as mulheres, de fato, quem entende a alma feminina? Fique com o texto, corra atrás do Ricardo, chame o futebolista de volta, apresente a conta do Sultão que eu pago e o papo está encerrado.

- Encerrado? Então diz o que quer, fala tudo o que deseja, pensa que eu quero seu dinheiro, diga-me você quanto custou o meu jardim que não foi nem você que terminou que eu também pago. Vem que nem um trator para cima de mim, encerra o papo na hora que julga conveniente. Muito machão, mesmo

Repentinamente, uma voz serena veio interpor-se entre os dois:

- O que houve? Perguntou espantado o Mestre

- Nada, disse Alberto. Se o senhor conhece mesmo esta menina há tanto tempo já devia saber que ela é geniosa e mal-criada. Disse isso e saiu a passos largos para a estufa

- O que foi que houve,? Tornou a perguntar o Mestre

- Sei lá. Ele me deu um poema e eu fiquei parecendo louca.

- Um poema?

- É, um poema! E contou a história para o Mestre.

- Maria Rosa, ele fez este poema, com certeza há muito tempo, e guardou consigo na esperança de um dia poder lhe dar. Talvez tenha sido precipitado, mas na primeira oportunidade que teve, ele se abriu com você e o que ele ganhou? Todo este escândalo.

- O que ele pensa que eu sou. Deixei um namorado e logo vem ele com versinhos querendo me conquistar. Pensa que sou fácil?

- Posso ler?

- Não é assim tão fácil, não, Mestre. Só porque é o grande Alberto, ironizou.

- Posso ler? Tornou o Mestre.

Maria Rosa entregou a folha para o Mestre. Ele leu e releu o texto.

- Não são "versinhos" não, o texto é muito bom, minha menina. Veja, há toda um cuidado com você, há uma expectativa de futuro e há uma maneira criativa de dizer que ele só pensa em você, afinal o que inspira o poeta se não sua musa?

Maria Rosa olhou o Mestre e releu o poema. De fato era isso mesmo, como

podia ter feito aquilo tudo quando o gesto de Alberto tinha sido tão gracioso, delicado e ... certo ?

- Ah, até o senhor, todos os homens são iguais. Maria Rosa disse isso e foi lá ter com as crianças.

O Mestre sorriu satisfeito. “ eles se amam e vão se ajeitar , nunca pensei que meu poder de cupido fosse tão grande” . Sorriu enquanto caminhava até a estufa onde estava Alberto. O Mestre nem chegou a lhe dirigir a palavra quando Alberto despejou:

- Viu ? Ela é louca, Mestre. Ainda bem que percebi a tempo, a mulher é destrambelhada, louca varrida, mal-criada, mal-agradecida, verdadeiramente uma ... uma ... uma ...

- Uma mulher apaixonada que age como todas as outras, remendou o Mestre

- Apaixonada ?! Se isso for a paixão dela, fez bem o Ricardo em sair correndo, pobre garoto ... Acho que os cães a obedecem por que ela morde !

- Alberto, você acertou em cheio, por isso ela ficou assim.

- Como acertei , Mestre, quase ela me mata ?

- Você descobriu o que ela queria realmente, queria ser a sua musa, a dona dos seus pensamentos, queria o poema a todo custo. As mulheres são assim, quando descobrimos uma fraqueza delas, elas ficam possessas.

Alberto , bem mais calmo, olhou para o Mestre . Seria isso ? Aos poucos a sua fisionomia foi se tornando mais branda até ganhar uma expressão de satisfação, uma vitória se poderia dizer.

- Ah, ah, ah... Então , é isso , hein... Quer dizer que o “ degas” aqui ...

- “ Degas” ? Que expressão mais velha, Alberto. Não diga isso na frente dela que ela vai pensar que você é velho demais .

- Falando nisso, Mestre, quantos anos ela tem ?

- Pergunte para ela ... Vendo como ela fica quando é desagradada não serei eu a lhe contar a idade de uma mulher. Vai que ela me morde.

Os dois sorriram gostosamente, de fato, , não importa se santo ou pecador, a cumplicidade masculina ainda precisa ser estudada a fundo ...

Capítulo XXXI

“Naquele dia, Maria Rosa chegou até Alberto numa das mesas, sem dizer nenhuma palavra , abriu a toalha que trouxera, e começou a tirar de uma cesta algumas frutas, uma torta, e um pequeno bolo . Abriu um refrigerante, serviu dois copos, sentou-se em frente a Alberto.

- Sei cozinhar também...”

Depois daquele dia, Alberto pareceu adquirir uma confiança muito grande em si mesmo no que dizia respeito a Maria Rosa. Por algumas vezes se cruzaram andando na ONG, sorriram ao se cumprimentar, mas nunca mais ficaram a sós para conversar.

Num sábado, Ricardo apareceu com ela. Alberto não conseguiu esconder seu embaraço, principalmente porque Ricardo fez questão de cumprimentá-lo quando estava com Maria Rosa. Falou que havia sabido da conduta dele com as crianças do orfanato.

Alberto, com um sorriso amarelo, foi cortês, mas estava vermelho de raiva. Ela percebeu, e feliz como nunca por dentro de si, pediu licença e virou as costas para ambos e foi ter com as crianças. Estava vingada. Alberto não se conformava com a volta do antigo namorado e ardeu de ciúmes. “ é isso aí, está roxo de ciúmes de mim “ pensou acertadamente Maria Rosa.

Entretanto, Ricardo foi embora rapidamente, tinha um jogo de futebol na várzea e não podia ficar. Beijou a face de Maria Rosa e saiu antes do almoço.

Na preleção do Mestre, alguém lhe perguntou sobre os avatares.

- São seres de luz que de tempos em tempos vêm para a terra de forma a ensinar os seres humanos. São pessoas instruídas, iluminadas, e no caso da religião católica, Deus enviou seu próprio filho, Jesus, talvez o maior de todos os avatares.

- Buda foi um dos grandes avatares também ? Perguntaram.

- Sim, Krishna, Buda, Maomé, e às vezes temos avatares menores que vêm para disciplinar uma região e não chegam a criar civilizações . É o caso de Satya Sai Baba, que é vivo e está na Índia em seu ashram.

- A volta do Cristo ainda é esperada, Mestre ?

- Ele disse que voltaria para julgar os vivos e os mortos, para separar o joio do trigo, enfim, voltaria para fazer deste mundo um lar de alegrias e felicidade.

- E o anti-cristo , Mestre ?

- É a personificação do mal. Em muitas profecias, ele aparece com sendo a antítese de Deus. Pelas profecias de Nostradamus ele ainda virá, enganará a humanidade com sua aparência de bondade e depois escravizará os seres humanos. Os místicos esperam por Maytréia, dizem que este será o nome que Cristo terá no seu regresso. A importância dos avatares está na obra que deixam aos seres humanos. Eles fundam civilizações, é o caso da civilização ocidental cujos fundamentos estão nas

lições do Cristo. A nós, resta apenas seguir estes passos na busca de aprimoramento pessoal, aumento da consciência e a prática do bem. Alguma consideração ?

- Talvez o novo avatar nem mesmo venha , Mestre, disse Alberto , há místicos e doutrinadores entendendo que tanto o anti-cristo como Maytréia não se personificarão. Ao contrário, serão correntes de pensamento e ações que influenciarão os seres humanos. No inconsciente coletivo é que estas forças agirão, buscando cada uma delas vencer o ser humano e conduzi-lo para o bem ou para o mal. Daí a importância de alimentarmos este Deus interior que carregamos no nosso coração. O exemplo que devemos deixar às gerações que se seguirão, a reconstrução daquilo que está errado, a prática da harmonia, da amizade e do amor são poderosos antídotos contra o anti-cristo. O mal não suporta a luz do bem, e quando brilhamos em sintonia com o Criador espantamos a escuridão da maldade.

- Tenho percebido isso, completou um dos presentes. Toda vez que pratico alguma boa ação, as pessoas me veem de forma diferente. Sinto-me realizado e o resto do dia tudo acaba sendo facilitado para mim.

- O bem atrai o bem, completou o Mestre. Da mesma forma que o amor atrai o amor, os semelhantes se atraem e as comunidades se formam desta maneira, assim como as famílias. Vejam por exemplo a nossa ONG. Ela é feita e fortalecida pela identidade de todos nós. Somos no fundo iguais em nosso amor pelo mundo, pelos outros e jamais deixamos de abrir as nossas portas àqueles que querem um pouco de paz. Esta convivência que temos, mesmo sendo uma vez ou duas por semana, alimenta nosso espírito e nos faz mais fortes para enfrentar as vicissitudes da vida...

Não houve mais palavras. O Mestre fez a oração final e todos se prepararam para almoçar . Nesta hora, as pessoas de cada família se agrupavam, embora houvesse uma mesa enorme aberta a todos. Quase sempre, Alberto ficava com o Mestre.

Naquele dia, Maria Rosa chegou até Alberto numa das mesas, sem dizer nenhuma palavra , abriu a toalha que trouxera, e começou a tirar de uma cesta algumas frutas, uma torta, e um pequeno bolo . Abriu um refrigerante, serviu dois copos, sentou-se em frente a Alberto.

- Sei cozinhar também...

Alberto sorriu, cortou um pedaço de torta e comeu

- Muito gostosa... gostosa mesmo ... Mas esta não é a comida do Ricardo que foi embora e você não sabia a quem dar, não é ?

- Por que você sempre tem que ironizar o que faço ? Não pode lhe passar pela cabeça que eu posso ter feito isso para você? Não sei fazer poemas ...

- Desculpe, não quis ser irônico e fico envaidecido que você tenha feito esta torta gostosíssima para mim , disse e pegou mais um pedaço

- É meu pedido de desculpas, Alberto, pela minha rudeza de outro dia , como amigos que somos, ou não ?

- Mais que amigos, você é minha musa. O próximo poema será sobre a macarronada da musa. Riram

- Então, virão mais poemas ? Será que terei esta sorte novamente ? Ou você só está fazendo teatro para ir comendo a torta ?

- Quem sabe ? Mas ... teatro, tá uma coisa interessante que você falou. .
Gosta de teatro ?

- Adoro !

- Já foi ver o Fantasma da Ópera ?

- Não , só vi o filme

- Aceita meu convite ?

- Para ir ver o Fantasma ?

- Sim.

- Claro que aceito , quando ?

- Vou ver se há ingressos onde eu quero sentar e aí falo pra você . Ligo ainda nesta semana .

- Onde sentar, você já foi ?

- Fui.

- E vai de novo ? Gostou tanto assim ?

- Gostei, mas estou indo por sua causa, afinal você não assistiu.

- Que gentil, Alberto, vou adorar.

Capítulo XXXII

“ Sabe, tenho as minhas dívidas a pagar e não uso máscaras para me esconder daquilo que sei que devo enfrentar, por mais penoso que possa ser.

- Puxa, parece que você tem algo a esconder.

- E quem não tem ?

Maria Rosa se calou e olhou para ele intrigada.”

Alberto teve sorte, conseguiu os ingressos rapidamente. A peça era o maior sucesso nos EUA, Inglaterra e vários países do mundo, e no Brasil estava em cartaz há alguns anos , sempre com a casa cheia.

- Alô, Maria Rosa, consegui os ingressos para sexta-feira .
- Já nesta sexta ?
- É, tudo bem ?
- Tudo bem . A gente se encontra lá ?
- Lá ... encontrar lá !!? Maria Rosa, quem está ligando pra você ?
- Você ora ?
- Como eu me chamo ?
- Alberto Gomes

Eu passo aí de automóvel na hora que você marcar, com os ingressos na mão, se precisar espero você ficar pronta, se chover eu levo guarda-chuva e depois da peça a gente vai jantar. Alberto Gomes a seu dispor.

- É que com o Ricardo ..
- Ricardo ? O que tem o Ricardo a ver com esta história , cada um dá o que tem, cada um é como é , etc, etc, etc , se lembra ?

- Lembro, ponto para você ponderou Maria Rosa, e deu risada.
- Agora foi minha vez, ah, nada como um dia após o outro. A peça começa às 20h30 eu passo aí às 19h, está bom para você ?

- Tá !
- Um abraço, treinadora

Às 19h em ponto ele estava lá. Tocou a buzina e ela apareceu na janela:

- Quer entrar ?
- Não.
- Vai ficar aí fora esperando ?
- O tempo que for preciso, desde que a gente não perca a peça.
- Já estou quase pronta...

Quase pronta, ele pensou, será ? Quando falou em teatro, ele vestiu o clássico : um paletó azul marinho, com calça cinza mais clara, camisa branca e gravata em tons de azul e vermelho. Alberto não era um homem bonito como desses que

aparecem nas novelas de TV, mas era simpático e seu rosto era viril. Aliás homens não precisam ser belos, precisam ter rosto de homem, ter masculinidade. Assim, as marcas do tempo, pequenas rugas, cabelos brancos, um pouco de calvície apenas aumentam o charme masculino.

Olhou o jardim, algumas flores em botão começavam a surgir. “eu sabia”, disse para si mesmo. Em seguida pensou em ligar o rádio porque pensava que ia ficar ali muito tempo. Mas enganou-se. Maria Rosa saiu em menos de cinco minutos. Ela verdadeiramente estava linda. Um vestido preto colado no corpo, decote e um dos ombros totalmente à mostra, saltos altos, cabelos caindo, esvoaçante, colar, bolsa, totalmente maquiada e um sorriso imenso. Foi assim que ela saiu daquela casa da periferia, parecendo uma princesa, vinda de um castelo de conto de fadas.

- Você está muito bonita...
- Obrigada, você também está elegante. Onde fica mesmo o teatro. ?
- Na Brigadeiro Luís Antônio.
- Então vamos, porque no centro da cidade as coisas são demoradas.

Não foi. Havia estacionamento fácil, não havia muita gente no saguão, as portas se abriram rapidamente e o espetáculo começou.

Durante a peça, alguns comentários rápidos sobre cenas, a beleza da canção, enfim, nada mais profundo.

Na saída, Alberto falou:

- Vamos jantar aqui perto ?
- Tudo bem.
- Tem um lugar que gosto muito .

No caminho, ela começou a falar sobre a peça.

- Dá um certo aperto no coração ela não ficar com o Fantasma, não dá ?
- Dá, no fundo, ela queria os dois, mas era impossível esta convivência.

Não porque a convivência seria um caso de traição amorosa ou qualquer coisa assim, simplesmente porque o que Raul queria e o que o Fantasma queria eram coisas diferentes, mas que implicavam na totalidade de posse do ser de Cristina.

- Como assim ?
- O Fantasma é o lado espiritual, artístico, interior. Raul é o amor físico,

tradicional. Raul queria o corpo e a alma, O Fantasma queria apenas a alma, a qual não poderia ter sem o corpo, embora ele mesmo confessasse que não poderia amar fisicamente. O fantasma é um idéia, mesmo sendo um ser real ele é quase um “anjo da música” como ela dizia. Você reparou que todos têm nome na peça, mas como fantasma se chamava ?

- Não sei, não percebi.

- Ele não tem nome, não é uma pessoa, como eu disse, não é físico, mas lembra uma idéia, é alguém que está acima dos outros apesar das maldades que praticava. Não dava para ela ficar com os dois.

- E isto não seria possível se ela quisesse ?

- Não, porque ambos não queriam dividi-la, e nem poderiam. Mas há um sentimento de afeição muito grande a favor do Fantasma, realmente, você tem razão.

- Há muita dor na vida dele. E quando ele pensa ter algo de seu, com quem dividir a arte que ambos amam ... foi como ele mesmo disse, treinou-a, deu a ela a sua música e ela o abandonou.

- Pelo amor de Raul, o que é mais dolorido. Ela não voltaria a cantar, no filme fica claro isso.

- Fica. Mas além desta questão que vai muito além de um simples triângulo amoroso, há a música que é maravilhosa, não é Alberto ?

- É verdade, mas deu pra você perceber uma certa discordância entre a música e a tradução para o Português ?.

- Não...

- Parece que são coisas diferentes. Toda tradução é como se fosse uma traição do original. Há uma expressão “ tradutori, traditori”, isto é , quem traduz trai a obra original. E isto fica mais claro na hora dos mascarados.

Maria Rosa continuou olhando para ele sem entender . Alberto prosseguiu:

- “ Mascarade” do Inglês foi traduzido por “ Carnaval” e não é esse o sentido . Nesta cena se passa um momento importante da peça, e plasticamente muito bonito. “ Mascarade” só poderia ser traduzido por mascarado e não carnaval. O baile de máscaras é uma metáfora da vida, afinal todos nós somos mascarados em um certo grau. Isto é , escondemos nosso rosto atrás das máscaras que mostramos aos outros.

- Então todos seríamos como o Fantasma.

- Sim. Por isso que escolher Raul ou o Fantasma seria o mesmo, ambos são “ mascarades”. A seu modo, cada um esconde as imperfeições de seu rosto , ou de sua vida atrás das máscaras que usa. O Fantasma sabia disso e em muitos momentos tenta dizer a ela nas canções. Todos temos nossas máscaras. E olha que são muitas. Na vida, cumprimos um script e atuamos ora no palco , ora na platéia. Às vezes somos atores e recebemos aplausos ou vaias, às vezes aplaudimos ou vaiamos. E mesmo quando atores ou espectadores, aprendemos com o script da vida, por isso não é exagerado dizer que a vida é uma imensa pedagogia, ela educa a alma principalmente.

- Você aprende , Alberto ?

- Todos os dias. Aprendo na convivência com as pessoas, nas coisas que vejo e procuro entender o mundo e a vida, nas coisas que leio, que faço... Cada dia busco dormir mais sábio do que acordei.

- Aprende com as pessoas ?

- Sim.

- Comigo ?

- Atualmente, você é quem mais me ensina. Mais que o Mestre.

- Ah, eu não abro a boca...

- Não é preciso, você existe e isto basta

- Eu é que aprendo com você, Alberto.

- O que , por exemplo ?

- Sua bondade, sua força na busca dos ideais que acredita, sua simplicidade e, sobretudo, a sua humildade. Você é um “ pop star” no nosso meio e nem por isso deixa que este sucesso, quer nos seus negócios, quer na ONG, ou na sua vida, lhe suba na cabeça. Você é assim , ou é apenas mais uma faceta do “ mascarade” ?

- Pode ser , mas já lhe ocorreu que eu posso acreditar que nada disso é digno de louvor e que eu simplesmente faço o que tem que ser feito porque a vida exige isso de mim ?

- Não. As pessoas querem a recompensa daquilo que fazem na vida , e geralmente buscam mais receber do que dar.

- E eu não estou ganhando bastante ?

- Por que, você é rico ?

- Ah, ah, ah, tenho esta máscara ?

- Parece que sim

- De fato sou muito rico, mas não da riqueza que você imagina. Veja, estamos aqui. Não está bom, a peça não foi boa, a companhia não está agradável ? Então, o que preciso mais ? O dinheiro pode comprar isso , mas pode me dar Mainha, e todos a quem amo lá na chácara ? O dinheiro pode comprar você , Maria Rosa ?

- Não !

- Nem a mim. Você pode ter tudo o que tenho, mas não pode ter o que sou. O que tenho, vendo se quiser; mas o que sou não tem preço. Esta máscara não faz parte das máscaras da vida que tenho que usar.

- Quais ?

- A de cooperado na chácara, a de palestrante quando falo de meus produtos, enfim , as máscaras do dia-a-dia.

- Então somos várias pessoas numa só.

- Creio que sim, mas na essência só podemos ser uma pessoa apenas. Não posso ser um produtor de ervas honesto e um vendedor desonesto. Não posso falar a verdade a meus funcionários e mentir para Mainha, enfim, nossa personalidade está naquilo que criamos , embora as máscaras existam.

- Há uma máscara final, então ?

- Não, ao final , quando as máscaras são tiradas , existe o rosto. Este sim, é você, desnudo, sem camuflagens, sem mais nada. É quando você olha no espelho e sabe que , naquele momento, você é quem está lá.

- Você se vê nesse espelho ?

- Todos os dias, porque não tenho nada a esconder de mim mesmo e como procuro ser melhor sempre, sei que sou imperfeito e aceito esta imperfeição, porque, ao aceitá-la, sei que tenho ainda um caminho a cumprir em relação ao mundo e a mim mesmo . Sabe, tenho as minhas dívidas a pagar e não uso máscaras para me esconder daquilo que sei que devo enfrentar, por mais penoso que possa ser.

- Puxa, parece que você tem algo a esconder.

- E quem não tem ?

Maria Rosa se calou e olhou para ele intrigada.

- Você disse que eu lhe ensino, o quê ?

- Você me ensinou que eu não me basto. Você me mostrou que existe vida além desta minha vida onde sou senhor e dono de meus atos. Você me ensinou que beleza e inteligência podem conviver com a alegria, o bom caráter, a graça, a emoção, porque há pessoas que possuem tudo isso num só espaço, o seu corpo, numa só alma. Você me ensinou que eu sou incompleto...

- Alberto, você está me dando uma cantada, ou o quê?

- Seria profundamente hipócrita de minha parte. Posso estar cantando para você como os cavaleiros medievais cantavam para a sua donzela, talvez... Não quero dar uma "cantada" em ninguém porque não tenho no meu repertório de máscaras a máscara do galanteador barato!

- Não quis ofender você, por favor.

- Seria talvez a minha hora de ficar enraivecido, como você aquele dia.

Parou um pouco, olhou para ela e sentenciou: não me ofendi, porque sei que você não quis me ofender, Maria Rosa, não existe em você esta máscara também, você tem uma alma pura.

E como já haviam jantado, Alberto perguntou:

- É hora de irmos embora?

- Seria bom, é tarde.

- Concordo.

Saíram, o papo voltou a ser trivial, falaram sobre a super-cap à noite, a grandeza desta cidade mágica que é São Paulo e logo chegaram à casa de Maria Rosa.

- Quer entrar? Conhecer minha casa?

- Não, acho que não.

- Nem para um café?

- Não.

Maria Rosa sentiu que havia um certo tom diferente na voz de Alberto. Um certo temor. Ela não insistiu.

- Bem, então, até amanhã, disse ela.

- Até amanhã, confirmou ele.

Ela esperava por um beijo que não veio.

- Está magoado comigo?

- Não , respondeu ele surpreso. Estou feliz com a noite que tivemos , você é uma companhia maravilhosa.

- Você acha que estou usando uma máscara agora, Alberto ?

- Não !

- Por que não aceitou meu convite para entrar ?

- Não quero entrar na sua casa antes que você entre na minha. Na verdade , quero que você venha me conhecer, afinal você disse outro dia que sequer me conhecia direito , no que estava certa. Talvez eu tenha mesmo alguma máscara cobrindo minha face e que somente lá onde moro eu tenha a coragem de tirar. Quer visitar minha chácara ?

- Quando ? Perguntou eufórica.

- Marque.

- Amanhã.

- Amanhã é sábado e tem ONG . Assumi compromissos com o pessoal.

Vou chegar de cara sonolenta . Domingo tem sempre pouca gente trabalhando. Esta semana vai ser cheia porque tenho entregas para fazer. Pode ser na sexta-feira ? A gente vai se falando ao telefone e caso algo dê errado a gente muda.

- Não vai dar , disse Maria Rosa, e perguntou , você vem pela manhã.

- Claro, bem cedo, vou buscá-la bem cedinho.

- Me diga onde é que eu vou de moto

- Ainda não aprendeu...Eh, treinadora , virei buscá-la, assim terei a

chance de trazê-la de volta.

No dia seguinte tanto Alberto como Maria Rosa chegaram tarde na ONG e ambos com cara de sono. Nas conversas, falaram que foram assistir ao Fantasma da Ópera. Alguns risinhos aqui e acolá deixavam entrever que todos estavam ligados nesta aproximação dos dois.

- Formam um belo casal , diziam

- Belo par.

Enfim, as coisas de sempre quando se deseja que um casal dê certo. As funções naquela sábado foram rápidas, porque na terça-feira próxima seria feriado e todos combinaram de voltar. No caso de Alberto, tinha muito trabalho na estufa. Todos

tinham que colher as folhas para começar a elaborar os produtos fitoterápicos que ele já iniciava a produzir na ONG.

“ - Bem, Maria Rosa, lá se vai a primeira máscara. Sente-se aqui e ouça com muita atenção. Além de Mainha, você é a única que saberá a verdade. Então começou a contar a história que ele havia vivido. Os detalhes, a morte de Zé Grandão e Tidinha, a vinda para a chácara, Marcelinho, os demais acontecimentos.”

Na sexta-feira, bem cedo, Alberto foi pegar Maria Rosa e de lá rumaram para a chácara. No domingo, e durante toda a semana, ele havia dado ordens e mais ordens a todos. Queria tudo limpo e arrumado, todos trabalhando, enfim, parecia que estava preparando um salão de baile.

Maria Rosa chegou com um sacolão nas mãos.

- Deixe isso no carro, depois eu pego, disse ela

Na porta, Mainha esperava os dois junto de D. Fátima.

- Ué, botou vestido novo, Mainha, provocou Alberto. E como ela não deixava por menos:

- Igual a você, meu menino, que está usando uma camisa nova. Riram

- Pelo jeito, só eu que vim com roupa velha aqui na chácara, também sou a mais pobre, completou Maria Rosa.

- Deixe isso pra lá, menina, e me dê cá um abraço, falou Mainha com um sorriso nos lábios e abraçando Maria Rosa.

Aos poucos, as crianças foram chegando. Marcelinho e Toninho foram os primeiros.

- São duas das crianças do orfanato? Perguntou baixinho Maria Rosa

- Não, são meus filhos, respondeu Alberto.

- Você já foi casado? Indagou surpresa.

- Não, mas isso não impede que eles sejam meus filhos. Logo, logo, os outros também serão.

- São adotados?

- É uma longa história, Maria Rosa, uma longa história. Você queria me conhecer e eu não esconderei nada de você, mas uma coisa de cada vez, por favor. Agora é hora do presente, depois nós falaremos do passado.

- E o futuro ? Perguntou ela provocativamente
- O futuro, este vou deixar para você dizer...

Fátima deu o braço para Maria Rosa e saíram juntas de Mainha atrás de Alberto. Ele estava visivelmente feliz. Levou Maria Rosa a todos os cantos da chácara. Nas estufas, na escolinha e foi aí que ela ficou conhecendo as crianças do orfanato. Foram até a linha de produção dos chás e ervas, os canteiros de flores, enfim , nada ficou sem ser mostrado.

Maria Rosa se encantava com aquilo. Era como uma família, todos trabalhando, conversando amigavelmente. Num dos pavilhões, Alberto apresentou Tereza, a menina do Orfanato. Era outra pessoa, linda, forte, feliz.

Quase a manhã inteira se passou, até que Mainha avisou que ia soar o sinal.

- Sinal ? Perguntou Maria Rosa
- Hora de almoçar. Nós comemos juntos no refeitório. O Beto não abre mão disso, quer dividir a mesa com os trabalhadores. É nesta hora que ele fica sabendo das coisas de cada um , dos problemas , das alegrias. Aqui, dividimos o suor e o pão , Maria Rosa. Curiosamente o Beto quis que fosse feito macarrão hoje, não sei por quê.

Maria Rosa riu e completou:

- Acho que ele quis se livrar da minha comida, Mainha

Todos sentaram à mesa. Mainha havia passado a manhã fazendo perguntas para Maria Rosa, coisas da vida dela, coisas de mulher, gostos, algumas considerações sobre filhos, educação. Na primeira oportunidade, falou baixinho para Alberto:

- Além de linda, trabalha, tem boa cabeça e cheira gostoso Você vai ser uma besta se deixar ela escapar...

Maria Rosa percebeu que ela lhe perguntava as coisas e com paciência respondeu a tudo.

- Mainha gostou muito de você, disse Alberto
- Ela me sabatinou a manhã inteira, Alberto. Sabe até que número de roupa uso, os artistas que gosto, as comidas que faço, mas ela é incrivelmente simpática. Não é à toa que você a chama de Mainha.

Depois do almoço, a chácara voltou a trabalhar, algumas vãs entraram e

saíram para carregar produtos. Maria Rosa foi até o carro de Alberto , pegou o pacote que trouxera. Eram presentes para todos. Desde Mainha, Fátima, as crianças . Como ela não sabia quantos eram, foi pedindo a Alberto que entregasse os presentes conforme a idade de cada qual. Terminada a entrega dos presentes, Alberto e ela saíram para caminhar um pouco e ele disse :

- Vamos até a casa grande
- A sede ?
- É, lá está um pouco de mim, de Mainha, Marcelinho, enfim, lá está um pouco da história da minha vida, vem .

Disse isso e pegou na mão dela para conduzi-la. Ela não largou mais e como que naturalmente ficaram de mãos dadas caminhando pela chácara até a sede.

Na sala, havia fotos , posters de pessoas, troféus que ele havia ganhado como produtor, fotos do tempo de criança, e fotos do bairro onde morara antes do episódio de Zé Grandão. Maria Rosa reconheceu algumas pessoas:

- Não são a D. Iolanda e o Seu Zé Renato junto de você ?
- São eles...
- Você morou lá também ? Havia dito que tinha sido amigo do rapaz chamado Beto lá do bairro , aquele que foi assassinado...

- Bem, Maria Rosa, lá se vai a primeira máscara. Sente-se aqui e ouça com muita atenção. Além de Mainha, você é a única que saberá a verdade.

Então começou a contar a história que ele havia vivido. Os detalhes, a morte de Zé Grandão e Tidinha, a vinda para a chácara, Marcelinho, os demais acontecimentos.

- Não há como me condenar de nada, mesmo porque eu não fiz nada de errado. Assim como a vida deixa cair no colo da gente o peso que podemos carregar, ela também nos coloca os tesouros com os quais podemos contar para cumprir a nossa tarefa. Eu não fujo de nada, não deixo de enfrentar nenhum desafio desde que eu ache que valha a pena. O grande dilema era: voltar e contar a todos o que ocorrera, ou continuar seguindo o destino. Que bem teria eu feito a Mainha e Marcelinho se voltasse ? E todas estas pessoas as quais ajudei e ainda ajudo ? Nada disto que você viu na chácara , eu sinto que é meu, sou apenas um tutor que toma conta, procura melhorar o que existe, e se eu puder, cada vez mais, vou ajudar as pessoas, porque a

vida é isso, ajudar. Certa feita alguém me disse que era preciso ajudar. A obra de Deus é feita através de nós, de nossa ação. É o que o Mestre disse sobre os mandamentos, eles são exercícios, práticas do bem... Viu, não sou tão certinho como as pessoas pensam .

Calou-se. Deveria lhe contar sobre a flor ? Olhou pra Maria Rosa, estendeu as mãos como se as oferecesse para algemas:

- Agora que você sabe a verdade, sou seu refém, pode me prender !
- Condenar, Alberto ? A dimensão que você deu àquilo que ganhou é muito maior do que teria sido. Quanto bem foi feito e ainda faz. Agora percebo porque você doa as coisas, acho que você realmente sente que tudo que lhe foi dado não é seu, veio por Deus para que você doasse aos outros. Não lhe condeno e se usar uma algema será para prendê-lo a mim. Sinceramente, quer saber ? Tenha orgulho disto tudo e nunca medo ou vergonha. Foi demais o que você fez e vem fazendo por tanta gente. Disse isso e olhou as crianças.

Maria Rosa pegou um pacote pequeno que havia guardado. Era o presente de Alberto:

- Eu não sabia o que poderia dar a você, então eu comprei uma caneta. Talvez para incentivá-lo a continuar escrever poemas. Adorei ser musa e, mais uma vez, perdoe minha agressividade daquele dia. Mas a caneta é muito pouco. Dar a você algo que tenho é pouco, Alberto. Prefiro dar aquilo que sou.

Disse isso , pegou com as duas mãos o rosto dele e beijou-o na boca com emoção.

- Alberto, acho que estou amando você, disse.
- Maria Rosa, ele respondeu, tenho certeza de que eu estou amando você.

Ela deitou a cabeça no peito dele e por um bom tempo ficaram ali, juntos sentindo cada um o batimento do coração do outro. Depois de algum tempo, ele disse :

- E qual a sua história ?

Ela contou como saíra do Lar das Moças, fora parar na ONG. A importância do Mestre na vida dela. O apego aos animais...

- Nada tão emocionante como tiros, seqüestros, carros em alta disparada

pelas ruas de São Paulo, conquistas, vitórias, enfim sou mais uma das Rosas comuns que receberam o nome de Maria...

- Tem mais, Maria Rosa, tem uma coisa mística que foi uma experiência vivida por mim que com o tempo eu vou lhe contar. Mas um pouco de cada vez...

- Isso, por favor, um pouco de cada vez, Alberto, porque ficar com você é ter surpresas que arrebatam a cada instante. Não sei se teria forças para suportar mais emoções hoje...

Alberto riu. Pegou a mão dela ;

- Será ? Vem, quero lhe mostrar uma coisa num canteiro especial

Foram até lá e Maria Rosa viu uma imensidão de flores. Algumas que ela sequer conhecia.

- O que é isso ?

- Meu canteiro de criação de mudas, uma estufa onde realizo minhas experiências com flores.

- São lindíssimas. Isto é uma orquídea ?

- Sim , são plantas delicadas que demoram a florir , mas o pouco de tempo que mostram sua exuberância, nos encantam como nunca.

- E esta ?

- Chama-se Lélia, uma planta que gosto muito. Sua beleza é incrível, e ela parece que diz isso a quem a vê. Aliás, Lélia vem de “ lalos” , cujo significado é a “ que fala muito” , “ que diz muito” e ela é uma flor que pela sua beleza , por existir simplesmente, fala muito de si mesma.

- E rosa, o que significa

- É uma palavra latina que significa “ a rainha das flores”...

- Puxa, que legal !

- Somada a Maria cujo significado pode ser “ amarga”, ou “ rainha do mar”, enfim há duas rainhas no seu nome...

- E um pouco de amargor... E Alberto, o que significa ?

- “ Brilhante pela fidalguia” , respondeu com tom imponente.

- Convencido como sempre.

- Algumas experiências que comecei estão dando certo. Não estão se

reproduzindo ainda, é demorado, mas vale a pena porque a surpresa é muito agradável. Uma delas é esta aqui. Alberto mostrou a flor

- Uma rosa ! Que cor linda , ela tem vários tons ?

- Tem, e isso é que está difícil de fazer, uma rosa que possui os tons das outras rosas.

- Como os seres humanos, diferentes e iguais em essência . Você falou sobre isso aquele dia.

- É mais que isso. Com as pessoas, temos a pluralidade na somatória das individualidades. Nesta rosa quero ter a pluralidade numa unidade só.

- É linda ! Você vai conseguir ?

- Tenho testado muito e espero que dê certo, embora saiba desde já que terei ciúmes à beça quando ela ficar pronta e vendê-la por aí

- Ciúmes da criação que fez ?

- É que ela é linda demais e dividir isso dói.

- Mas tê-la só pra você seria egoísmo, não seria ?

- Seria ... Olhou com cara marota para Maria Rosa, pegou uma plaqueta pequena que estava no meio da muda e que era usada para dar nome às espécies , e continuou : o problema é que eu a batizei de Maria, Maria Rosa. E quando as pessoas comprarem a flor e a levarem para casa , vão levar Maria Rosa com elas, e eu não gostaria de dividir nem mesmo seu nome com ninguém .

Ela olhou para ele com espanto, carinho, emoção.

- Há quanto tempo você está tentando reproduzi-la ?

- Há quanto tempo vi você pela primeira vez ? Jardineiros podem ter suas musas também.

Maria Rosa não acreditava o que estava vivendo. Aquele homem ali, apaixonado, há tanto tempo. Uma pessoa justa e boa, vencedora, amiga, sensível, seus olhos se encheram de lágrimas

- É muito carinho por mim, é maravilhoso ver isso em você e saber que me quer desse jeito tão especial, mas eu me sinto pequena, Alberto. Você parece grande demais e isso me assusta um pouco

- Eu , grande ? Eu apenas faço refletir você , treinadora. Não sou nada

além da sua inspiração, menina. Já disse, sou agente apenas de um processo que chamo de vida. Olhe esta chácara, ela é bela, não seu proprietário. Olhe as pessoas que trabalham, a grandeza está no gesto delas. Olhe as crianças sorrindo, brincando e felizes. A beleza é isso, Maria Rosa e cabe a nós apenas fazer tudo isso fluir, porque este é o plano divino. A divindade, seja Deus, Buda, ou o que for, quer o bem em vez do mal, a beleza em vez da feiúra e assim por diante.

- Mas não é fácil perceber isso, é para poucos esta compreensão das coisas....

- Não, é para os que querem perceber. Quer ver ? Ponha a mão no meu peito. O que sente ?

- Seu coração batendo.

- Errado, é você batendo. Assim como é você na flor, no poema. Ou então são os cooperados em cada erva, em cada planta. Ser é mais do que ficar dentro de si mesmo, é explodir para o mundo, é emprestar o que é de seu para o uso coletivo. Quando o ser humano chegou aqui , o mundo já havia sido criado por Deus. Nada nos pertence.

- Mas os seres humanos tomam para si

- Só os que não sabem o real significado da vida : compartilhar. De quem é esse ar, ou a água da chuva, o verde da mata. Mais ainda, de quem é o saber , quem é o dono da verdade ? Um poeta disse certa vez “ quem escreve por mim quando escrevo?”. Dá pra ir mais além : quem cria por mim quando crio, quem é por mim quando sou ?

- Somos então produtos do mundo?

- Praticamente sim , produtos da criação e criadores ao mesmo tempo.

Nossa função não é represar o que temos e o que somos, mas fazer fluir. Por isso a riqueza acumulada não gera nada, é morta. O poder só tem sentido quando realiza o bem, a riqueza só se justifica quando repartida.

- Se os homens pensassem assim haveria menos miséria.

- Não haveria miséria nenhuma. Não será para nós, mas chegará o tempo em que o ser humano superará a sua pequenez e verá no outro o seu verdadeiro irmão. Enquanto isso, eu vou plantando ervas, fazendo poemas e criando flores. Mais ainda, vou me encantando com tudo isso porque ser feliz é simples, Maria Rosa.

- Simples, você diz ?

- Simples. Não é fácil, é simples. Tudo é simples, eu sou simples, você, a chácara, a ONG. Nós é que complicamos com nossa vaidade, às vezes com nossa ambição, ou nossos defeitos... Deixe fluir, a vida corrige a vida. Tenho comigo a forte convicção de que o universo conspira a nosso favor sempre. Todos os elementos, todas as forças, tudo, enfim, que constitui a matéria apenas são formas que atuam a favor da vida. Até mesmo as emoções. Formamos uma rede neural de pensamentos capazes de alimentar o mental e o espiritual. Há, como foi dito por Young um consciente coletivo que armazena nossos pensamentos e faz um imenso arquivo daquilo que pensamos, sentimos.

- Mas onde fica isso ?

- Fica no etéreo, no ar. Depois de pensarmos para onde vão nossos pensamentos ? Este é um mundo material, o pensamento é matéria também que fica descartada da nossa mente num espaço que nos envolve. É como as ondas do rádio, cada uma numa estação dentro do dial. Muda-se a estação, muda-se a música, a notícia, o locutor. Quando estamos com pensamentos negativos, nosso cérebro se conecta com os pensamentos ruins que por aí estão, entramos em sintonia com o que há de ruim, só que potencializado. Por isso, quando dizemos “estou mal”, estou mal, fica-se pior ainda. Quando dizemos o contrário “estou bem, eu posso, eu vou conseguir”, nossa possibilidade de sermos melhores aumenta. O universo está aí a nosso favor, basta que façamos bom uso dele. Ou quando não, as treinadoras existem para ensinar... Riu

- E os jardineiros para fazer nascer as plantas

- É verdade. E acima de tudo, os seres humanos existem para amar, serem felizes, prolongar a vida, complementar a obra divina.

- Completar a obra ? Que obra ?

- Esta, e olhou tudo em sua volta. Deus é através de nós, Deus está sendo, amando, sofrendo, Deus está farto na mesa dos ricos e faminto na mesa dos pobres. Deus está nas academias e nos hospitais. Deus está aqui agora...

- E dá para saber o que ele quer ?

- Dá, ele quer que fiquemos juntos

- Ele quer que você me beije ?

- Acabou de me pedir isso, bem aqui no meu ouvido, e beijou-a ...

Capítulo XXXIV

*“Como Jaques Costeau
Navego meu em Calipso imaginário para pesquisar você
Quero avidamente descobrir tua geografia !
E atraco, aporto em teu rosto.
Há quentume e murmúrio na boca entreaberta
E como João Paulo, beijo a terra que me recebe.”*

Maria Rosa não quis ficar para jantar.

- Tenho que alimentar meus cães, hoje eles devem ter sentido minha ausência.

- Me dê um abraço , menina e volte sempre, mesmo sem falar com o Beto, Ele cuida da chácara, da casa cuido eu, disse Mainha e beijou-a no rosto. Baixinho no ouvido concluiu: - Gostei muito de você

- Eu também gostei da senhora, respondeu Maria Rosa baixinho no ouvido dela , imitando-a

Despediu-se de Fátima e as crianças e , olhando para Alberto:

- Podemos ir ?
- Você é quem manda.

No caminho falaram sobre a chácara, a ONG , ficaram de mãos dadas e ao chegar na sua casa, Maria Rosa, convidou:

- Entra ?
- Se você está me convidando ...

A casa era maior do que a dele quando estava lá. Havia fotos também na parede, alguns troféus de torneios que ela havia ganhado com os cães.

- Este é meu mundinho, Alberto.
- Aconchegante, tem a sua cara. Bonito, organizado, delicado e ...

barulhento

- São os cachorros, ele sentiram que eu cheguei. Quer ver o seu ?
- Quero.

Foram no quintal e a cachorrada fez uma festa imensa para ela. Sultão, quando viu Alberto, parecia um louco , corria de um lado para o outro e de repente veio na direção dele e saltou com toda força. Alberto , que não espera, caiu de costas, sucumbido pelas lambidas de Sultão.

- Ele está pronto, Alberto. Agora não vai responder a comando nenhum tamanha a sua alegria. Alimente-o , e deu para ele um pouco de ração que Alberto ofereceu com as mãos. Sultão comeu tudo avidamente e depois foi para a baia.

O canil era organizado. Havia baia para todos e os mais violentos ficavam separados. Maria Rosa foi cuidando deles, um a um , falando com eles , acariciando cada um , dando ordens de comando.

Alberto pôde vê-la trabalhar. Ela era realmente linda. Decidida, sabia o que fazer com cada animal. Terminado o tratamento, ela falou:

- Agora vou tratar de você. Quer café ? Bolacha ?
- Café, tá bom.

Enquanto ela pegava o pó e punha a água para ferver, falou :

- E agora, Alberto ?
- Agora o quê ?
- Isto, foi até ele e o beijou. Estamos juntos ? Onde isto vai dar, o que podemos imaginar ? É isso que você quer ?

- Eu quero ficar com você, disse Alberto em tom quase infantil.
- Você já está comigo. Fica aqui esta noite ?

Alberto teve um susto.

- Não !!!

Maria Rosa levou até um susto tamanha a reação do Alberto.

- O que houve, eu falei alguma coisa pecaminosa ?
- Não, é que eu não estava preparado para isso.
- Como se prepara para isso ? Você não me deseja ?
- Maria Rosa, você sabe que sim.
- Mostre !
- Não me preparei para isso, repetiu Alberto.

- Precisa preparo ? Porque , se precisar, você está usando uma máscara, não é isso ? O amor é o único momento em que todas as máscaras caem e as pessoas são o que são. Estou errada ?

- Não , claro que está certa. Mas é que penso nas coisas, em como entender seu coração, você já amou outras pessoas...

- Ainda bem, Alberto, já pensou se eu fosse de pedra ? Ou se ... não vai me dizer que você está com ciúmes do meu passado ?

Ele se calou, olhando para o chão.

- O Ricardo outra vez não...

- Posso ter ciúmes ?

- Meu Deus, parece coisa de criança...

Ele dizia frases desconexas, não tinha uma linha de raciocínio. Balbuciou ao final :

- Ele teve você, eu me sinto ...

- Tolo, você deve se sentir tolo, pensando assim. . Ricardo teve meu corpo, só isso.

- Como se isso não fosse nada... Só o corpo, treinadora ? perguntou com ironia

- Treinadora de novo, cadê Maria Rosa ? Mas , vamos lá , vou topar este diálogo. Sim, o corpo

- E isso é pouco ?

- Não, mas não é tudo

- Sabe, o corpo é fundamental, ou não ?

- Hum ... nesse caso, não.

- Então, eu não sei mais nada.

- Acho que não sabe mesmo, pelo menos não sabe como as mulheres sabem, ou sentem.

Alberto calou-se, ela prosseguiu:

- Foi só meu corpo, Alberto. Que coisa, como os homens são complicados com esse lance do passado, da exclusividade ...

- Eu nunca imaginei exclusividade, e seria ridículo pensar nisso

- Então , o que é ? Dá pra ser claro ?

- Eu venho perseguindo seu corpo há tempos, menina
- De forma diferente. Você veio me perseguindo primeiro, depois foi meu corpo, e se não foi assim você não é quem eu penso que seja.

Alberto acenou com a cabeça que sim

- Foi isso mesmo. Mas eu vim de corpo e alma.
- Alberto, preste atenção ! Até hoje ninguém me teve, simplesmente porque eu nunca quis. Hoje quero e por isso eu venho até você e trago meu corpo comigo. Mais que isso, trago essa pontinha divina que você fala que existe dentro das pessoas e sobretudo trago meu coração. Você também bate aqui dentro. Não é só meu corpo, sou eu, Maria Rosa , quem está aqui , a treinadora, se lembra ? Ex-menina que virou mulher, que aceitou as flores, que se transformou em poema. Você me elegeu como musa, eu sou o que você criou. Não quero ser outra coisa, e quero o meu criador comigo, você não quer mais a sua criação ?

- Querer ? Não consigo deixar de pensar em você. Não sei quem criou quem, já lhe falei , eu apenas faço refletir, você é a inspiração. Imaginei um milhão de vezes este momento, criei sonhos, tive o cuidado de não magoar você , de respeitá-la...

- Sei disso, mas me desrespeite agora, um pouquinho só ...

Ele não sabia o que dizer pra ela, então enfiou a mão no bolso, tirou um papel dobrado e começou a ler:

- Ouça :

Como Jaques Costeau

Navego meu em Calipso imaginário para pesquisar você

Quero avidamente descobrir tua geografia !

E atraco, aporto em teu rosto.

Há quentume e murmúrio na boca entreaberta

E como João Paulo, beijo a terra que me recebe.

Alpinista amador,

Escalo teus seios com as próprias mãos

E, no pico,

Encontro êxtase entre o olhar e a carícia

De lá, rolo por entre sulcos quentes

Apertados

Úmidos

E quanto mais rolo, descobro, e descoberta,

cantas ou gemes , não sei

Contorces...

Aos poucos , teu ser se abre

E na caverna, por entre a relva, vislumbro no interior.

A fonte caldulenta e doce,

Sedento, bebo...

A tua geografia perde o segredo e ainda guarda o

Mistério.

Para desvendá-lo , penetro

.....

a terra treme.

- É lindo, Alberto. Não sei escrever como você, não sei e quando você me dá poemas, o que fazer ? Olhe, esta terra onde você aportou é sua e ela não quer ter mistério , quer ser descoberta, por isso, venha descobrir a geografia que deseja ter...

- Maria Rosa, o que mais desejo é tocá-la acariciá-la. Sinto que se eu não tocar você inteirinha , sinto que não fizer isso vou explodir.

- Então, me toque, homem. O que há de errado ? Senão, quem vai explodir sou eu .

Alberto desviou o olhar e por fim confessou:

- Tenho medo !

- Medo !! De quê ?

- De desagradar você... eu não sei, Maria Rosa, não sei como fazer isso...

Ela ia dizer mais alguma coisa, mas parou de repente, olhou espantada para Alberto :

- Nunca fez amor com ninguém !!?

Alberto desviou o olhar antes de responder. E depois , como que buscando coragem no rosto de Maria Rosa, balançando negativamente a cabeça, disse:

- Não. Nunca tive chance, ou um amor verdadeiro que me conduzisse a

isso. A vida me jogou para outro lado, e me escondeu do amor até agora, sei lá. !
Toquei a terra minha vida toda e fiz nascer flores , ervas. Toquei o papel em branco
para fazer poemas , mas um corpo de mulher, nunca

- Meu Deus, disse baixinho Maria Rosa para Alberto , acariciando seu
rosto, um jardineiro poeta que nunca amou uma mulher, pela primeira vez na vida
ama, e justamente a mim. Dá para ser mais feliz ? Me dê a sua mão ..

Ele estendeu a mão. Ela pegou-a com carinho.

- Sinta, esta sou eu. Lentamente foi percorrendo o seu corpo com a mão
dele . Aos poucos eles foram se aproximando até os corpos se encontrarem, e depois
se apertarem, desnudarem, se conhecerem, se amarem, enfim.

.....

A manhã estava ensolarada . Quando acordaram já havia passado da hora de ir
para a ONG. A esta altura, o Mestre se preparava para começar a fazer a primeira
preleção.

- Nunca faltei na ONG sem avisar, eles devem estar preocupados , disse
Maria Rosa

- E eu prometi começar hoje a preparação das ervas, eles já devem ter
colhido as folhas como eu pedi e estão lá a minha espera. Acho que a gente deve
ligar, o Mestre tem celular ?

- Não.

- Mas o Manoel tem e não desliga nunca. Alberto se levantou e foi buscar
sua agenda de endereços. Ele olhou para Maria Rosa e disse : vou aprender escultura.

- Está dispensando a musa ?

- Depois do que estou vendo, prefiro a modelo . O poeta não precisa ver a musa,
mas o escultor tem que ficar olhando, olhando, batendo com o martelo no cinzel e ver
você nua é melhor do que imaginar na frente da folha em branco

- Todo homem é igual, bastou uma noite e ficou sem vergonha , disse
rindo.

- Se eu fosse um escultor e imaginasse um corpo de mulher para
eternizar a beleza, a estátua esculpida teria a sua forma . Você é linda ...

- Você não quer vir aqui e ligar depois ?

- Não, tô vendo que o único ajuizado nesta família vou ser eu . Falou

instintivamente, mas parou para olhar o rosto dela. Ambos se calaram.

- Podia repetir isso, Alberto ?
- Preciso ligar.
- Não , o que você disse depois, esta história de família... .

Ele ficou olhando para ela um certo tempo como se pensasse e depois disse :

- Não sei ter as coisas que amo longe de mim, Maria Rosa. Amar é conviver, dividir. Amar é , sobretudo, cumplicidade. Ser cúmplice no mesmo sentimento, nos mesmos projetos de vida, nos mesmos filhos, na mesma alegria, ou nas lágrimas , nas faltas, nos defeitos. Um cúmplice aceita o outro como tal e vivem juntos como se fossem um na causa que escolheram . Só tenho uma causa : você , por isso quero a sua cumplicidade em tudo de meu. Quero chegar a um momento na vida em que não direi mais eu ou você, mas nós. A vida se completa quando isso acontece. Calou-se, olhou para Maria Rosa e depois disse : - vou ligar .

Discou para Manoel.

- Manoel ?

- Alberto , onde você está ? Estamos preocupados , Maria Rosa não apareceu hoje .

- Eu sei , ela está aqui.
- Onde ?
- Aqui, Manoel, deixa de ser curioso. O Mestre já começou a preleção ?
- Está chamando as pessoas.
- Dá pra levar o telefone pra ele ?

Manoel foi até o Mestre. As pessoas estavam todas reunidas vendo o que acontecia. O Mestre pegou o celular e começou a ouvir, apenas ouvir. E enquanto isso , sorria feliz. Ao final, disse apenas:

- Está bem. Desligou com ar de exuberante felicidade estampada no rosto.

- O que houve, Mestre ? perguntou Manoel. E o Mestre respondeu :

- Alberto convidou Maria Rosa para conhecer a chácara dele. Ela foi,

passaram o dia lá e Alberto levou-a para casa no final do dia. Como já era tarde, ele ficou lá durante a noite e eles perderam a hora . Mas acabaram de acordar, estão tomando café e disseram que logo depois do almoço estarão aqui.

- Mestre, quer dizer que eles ...
- Quer dizer que estarão aqui depois do almoço, Manoel. Juntos, obviamente.

As pessoas riram e bateram palmas, estavam visivelmente felizes com a notícia.

Capítulo XXXV

“ - Talvez, mas a verdade é que você hoje é outro homem. Vem fazendo a sua história, não está passando em branco por esta vida, tem ajudado a concluir a Obra, como conversamos . É tempo de perdurar apenas.

- Perdurar ?

- Sim.

- O que é isso ?

Você verá no tempo certo”

Terminado o café, ambos foram para o carro e saíram em direção à ONG. Alberto ligara para Mainha que demonstrava a mesma preocupação:

- Quer me matar do coração, menino, por onde andou ?
- Era tarde e acabei ficando na casa de Maria Rosa.
- Ah, ah, ah, quer dizer que minhas preces valeram ?
- Ué, você estava rezando para isso ?
- Desde que vi a menina aqui na chácara ontem. Minha reza é brava

Quando ela muda pra cá ?

- Calma , Mainha, não decido por ela.
- Se o homem não decide, quem decide , então ?
- Depois a gente conversa, mas está tudo bem.
- Muito bem, né meu menino, um beijão, desligou.

- Mainha manda lembranças, disse Alberto.
- Ah, mandou nada, Alberto, ela fala alto no telefone e eu ouvi tudo.
- Pois é, ela é do tipo antigo, tentou justificar.
- Ela é do tipo certo, Alberto. Mas depois a gente fala sobre isso.

Alberto concordou porque ele havia sonhado com a flor. Fazia tempo que um sonho não era tão longo e o diálogo não fluía como nesta noite passada. Durante o sonho ele confessou que se sentia um pouco culpado.

- De quê ? ela perguntou
- Tenho pensado pouco em você . Com esta minha aproximação a Maria

Rosa, as atividades que venho tendo...

- Como ela se chama, Maria o quê ?
- Rosa ...
- Então, estou aí , no nome.
- Mas não é você.
- Não ? Todos estamos ligados, unidos, todos somos um , você tem

falado sobre isso. E mais, onde você estiver , eu estarei com você. Eu prometi isso no passado, se lembra ?

- Nunca me esqueci
- Você não só não se esqueceu de nada como foi além . Aprendeu sozinho coisas que eu nunca havia lhe falado. Hoje você é uma pessoa quase completa, Alberto e isto me orgulha. Lembre-se, você é uma alma velha ...

- Não teria sido nada sem você.

- Talvez, mas a verdade é que você hoje é outro homem. Vem fazendo a sua história, não está passando em branco por esta vida, tem ajudado a concluir a Obra, como conversamos . É tempo de perdurar apenas.

- Perdurar ?
- Sim.
- O que é isso ?
- Você verá no tempo certo. Por agora, ame com esta força e honestidade

que você vem amando, porque o amor é incondicional e você tem demonstrado isso muito bem.

- Será que ela me ama tanto assim ?

- Não sei, você é quem precisa saber. Cada um ama de seu jeito. Não há uma regra para amar. Seja como for, o amor tem que ser intenso e sincero.
- Tenho sido assim com Maria Rosa.
- Você tem sido assim com tudo o que faz, por isso o faz bem, progride, compartilha com as pessoas as glórias de seu caminho, as riquezas que consegue. Isto é ser generoso, diferente, é ser uma pessoa quase completa. Falta perdurar.
- O que é isso ?
- Você saberá .
- Nunca mais vou falar com você ?
- Nunca mais !? Puxa, quanto tempo é isso ? Olhe as flores, Alberto, procure ouvi-las, quem sabe qualquer dia destas elas falarão novamente com você.

Ele nunca mais tinha ouvido dela esta possibilidade. Sempre perguntava, mas ela não dizia nada, e hoje ela mesma começava a dizer que isto seria possível. Por esta razão, quando acordou, sentia-se radiante, muito feliz, não só por Maria Rosa, mas pela rosa, como se as duas se fundissem numa só coisa, num só sentimento, num só momento de felicidade. Tomou coragem e disse para Maria Rosa :

- Se lembra que eu lhe falei que havia mais uma coisa mística que precisava lhe contar ?
- Lembro .
- Gostaria de conversar sobre isso, é uma coisa muito marcante na minha vida e que me tornou, na verdade, o que sou.
- Puxa ! Quero saber, só que vamos conversar em outra hora, porque daqui a pouco a gente estará lá na ONG e vamos ter que mudar de assunto.
- É verdade, mas preciso lhe contar, Maria Rosa, quero que você seja minha cúmplice nesta alegria.

Chegaram na ONG de mãos dadas. O pessoal havia combinado encarar tudo com naturalidade, como se fosse uma coisa comum, algo esperado. Mas não teve jeito, depois de um pouquinho de tempo andando por ali, as mulheres literalmente roubaram Maria Rosa de Alberto. Era o obrigatório papo feminino.

O Mestre, com tato e jeito, veio ter com Alberto e este percebeu que o velho queria falar sobre o assunto , só que resolveu deixá-lo ansioso

- Foi boa a visita de Maria Rosa na chácara , Alberto ?

- Foi, Mestre...
 - E Mainha, gostou dela ?
 - Gostou, Mestre ...
 - E de noite você a levou de volta , então ?
 - Hum, hum ...
 - Jogaram baralho, coisas assim ?
 - Não, Mestre, não jogamos.
 - Jantaram, ela cozinha bem ?
 - Mestre, não houve tempo para isso, apenas um café...
 - Quer me matar de curiosidade, Alberto ? perguntou incisivo.
 - Ah, ah, ah, para um Mestre, estou achando que o senhor anda meio ansioso, sem autocontrole.
 - No que diz respeito a Maria Rosa, acho que não tenho controle nenhum.
 - Nem eu , Mestre, nem eu. Mas saiba, ela me ama e eu a amo também
- Não consigo mais ver minha vida sem ela e acho que ela também começa a enxergar a vida dela junto de mim. O senhor é excelente como cupido, Mestre.
- Imaginava isso, disse e sorriu. Os dois olharam para Maria Rosa. Ela estava prestando atenção em ambos . Fez uma expressão de indagação para Alberto, ele sorriu abanando a cabeça como se não fosse nada. Depois de alguns passos , ele chegou na estufa para preparar as ervas e só saiu de lá quando escureceu . Levou Maria Rosa de novo para casa e lá ficou, só que desta vez ... avisou Mainha !

Capítulo XXXVI

“ - Alberto, não tente explicar isso. Aceite como um a bênção, explore ao máximo estas interferências que você recebe, as coisas do bem. Aprenda com ela, a flor, porque você tem muita gente pra ensinar e o que vier para você na vida de maneira a fazer cumprir esta sua missão, aceite, é Deus colocando os tais potes de ouro no seu caminho.”

Alberto acordou com os latidos, Maria Rosa já estava lá, cuidando dos cães. Ele perguntou se ela queria ajuda. Não queria. “Vá tomar banho, que eu estou acabando, e logo vou ter que passear com alguns destes animaizinhos aqui” disse ela.

Ele obedeceu. No café, ela lembrou :

- O que você queria me dizer sobre o misticismo ?
- Foi algo que aconteceu comigo, continua acontecendo em sonho e não sei explicar. Nunca tive cultura, minha educação foi a do orfanato, como poderia estar preparado para tantas coisas como estas que aconteceram comigo. ?

Alberto contou para ela tudo o que havia acontecido. Maria Rosa ouvia atenta e curiosa, fazendo perguntas , se emocionando até que ao final, Alberto concluiu :

- Sou louco ?
- Não, claro que não. Se você acredita nisso ...

- Mainha me disse a mesma coisa
- Alberto, você acredita em Deus, não acredita ?
- Claro !
- E não pode ter sido ele a lhe falar todas estas vezes ?
- Já pensei nisso, mas a voz era tão clara, a presença da flor era tão

intensa...

- O Mestre viveu algo parecido. Um dia , por causa de uma desilusão de amor, abandonou tudo – profissão, amigos, e foi em busca de uma voz interior que ele disse que ouviu. Foi essa voz que o iniciou na senda mística e foi essa voz que conduzia o Mestre naquilo que deveria fazer. Vendeu suas posses, o terreno da ONG, ele diz que foi a voz que lhe disse onde estava, as coisas que ele constrói na ONG é por causa das “ visões” que ele diz que tem, enfim, há algo dentro dele que faz com que ele seja assim. É uma voz... Você acha ele louco ?

- Claro que não

- Então ...

- Comigo foi uma flor.

- Com outras pessoas podem ser coisas diferentes, mas aqueles que possuem a felicidade de ter isso, devem cultuar e aproveitar esta iluminação. É uma dádiva, uma bênção de Deus. Quando eu fugi do Lar, não foi fácil. Tive que fazer programas algumas vezes para viver, mas não era esse o meu destino, e um dia, sem saber como, querendo fugir do passado saí andando, andando, fiquei o dia todo sem comer, mas sem fome, não parei de andar, e fui parar na ONG. Eu nem sabia que era uma ONG, pedi ajuda para ele, justamente para ele que esperava por alguém, para ajudar pela primeira vez. Ele fez curativos nos meus pés esfolados, deu roupas suas para eu usar (parecia um boneco de pano), deu-me alimento. Só havia ele e o Sr. Pedro na ONG, mais ninguém. Lá eu fiquei por dois ou três meses ajudando os dois, aí surgiu um cachorro abandonado- era um poodle. Quando o dono descobriu que estava comigo e a gente havia tratado dele muito bem, ele veio me perguntar se eu queria ser “ babá” de cachorro. Foi assim que começou.

- Você tem jeito com animais.

- E com as pessoas , não ? Disse isso sentando no colo dele enquanto acariciava seu rosto

- Muito mais, muito mais
- Alberto, não tente explicar isso. Aceite como um a bênção, explore ao máximo estas interferências que você recebe, as coisas do bem. Aprenda com ela, a flor, porque você tem muita gente pra ensinar e o que vier para você na vida de maneira a fazer cumprir esta sua missão, aceite, é Deus colocando os tais potes de ouro no seu caminho.

- Você é ótima .
- Em quê ?
- Em tudo , disse ele sorrindo
- Eu sei, disse ela baixinho no ouvido dele e em seguida , mudando o tom de voz como se desse uma voz de comando , muito bem , Sr. Alberto Gomes, e quanto a nós ?

- Não sei, e baixinho no ouvido dela : e eu sou bom em tudo, treinadora ?
- Você já nasceu sabendo fazer o melhor , ou ...
- Ou... ?
- A rosa ensinou a você mais do que me disse ... Riram. Ele parou de frente a ela, olhou-a com carinho, e disse:

- Quanto a nós , sou seu refém, se lembra ? Ela balançou a cabeça. Ele prosseguiu : a vida é curta e a felicidade é uma coisa que existe para a gente usufruir dela o máximo possível. Não consigo ver minha vida sem você, e você, que lê poesia sabe que o amor precisa ser infinito enquanto dure, mesmo que dure pouco ou para sempre. Quero essa infinitude e isso pressupõe acordar com você, trabalhar perto de você, dormir com você, compartilhar, dividir a cumplicidade que lhe falei.

- Beto, nunca pensei que pudesse ser amada assim como sinto que sou agora. O que Mainha queria mesmo saber ? Perguntou ela como que já sabendo a resposta.

- Você ouviu, mas quer que eu repita : ela queria saber quando você vai pra lá.

- E você está me convidando ?
- A porta da chácara está aberta, mas só para entrar, sair , nunca.
- Tem jeito de levar as minhas baias ?
- Vamos fazer novas. Que tal um espaço para treinamento de cães , com

maior metragem para eles não ficarem tão presos, enfim, vamos ver o que existe por aí para fazer o nosso “cantinho da cachorrada”.

- Você está pensando em se casar comigo , Alberto ?

- Já me sinto casado com você, Maria Rosa. Tirou da pasta uma caixinha embrulhada e deu a ela. Era um anel.

- Quer casar comigo, Maria Rosa

- Claro, eu já estava quase pedindo isso pra você. Você acha que foi forçado, disse ela segurando-o pela garganta como se fosse enforcá-lo.

- É foi esse seu jeitinho que me cativou. Riram .

- Devo usar desde já ? Maria Rosa perguntou . Ele colocou no dedo dela.

- Só que tem uma coisa. Quero que o Mestre faça uma cerimônia na ONG, quero convidar todos aqueles que se relacionam conosco, quero que as pessoas saibam sobre nós, quero dividir com eles esta alegria que estou vivendo com você.

- Tá combinado. E foram para a ONG .

O Mestre estranhou quando os dois chegaram no meio da semana:

- Ué, o que aconteceu ?

Eles contaram sobre os planos.

- Bem uma vida a dois não é simples. A gente se apaixona, cada um vive o seu cotidiano , mas quando a família passa a existir, as coisas são outras.

- A gente sabe disso, Mestre, disse Alberto.

O Mestre olhou para Maria Rosa

- E você, menina ?

- Mestre, o amor é uma coisa que quando a gente sente a gente sabe que é ele. Talvez seja rápido, mas não é uma coisa nova. O Alberto já vinha prestando a atenção em mim há muito tempo, eu é que não quis nada no começo...

- Olha só que presunçosa ! Desabafou Alberto.

- E não foi ?

- Foi. Naquele dia em, que estava na porta de sua casa e vi você chegar com os cães... abraçou Maria Rosa. Ela continuou :

- Mais ainda , Mestre, na chácara conheci Mainha, uma pessoa maravilhosa.

- A Fátima me falou, disse o Mestre.

- Conheci a família do Alberto – continuou Maria Rosa, os seus planos, a pessoa que ele é, as pessoas que ele ajuda... Quero fazer parte da vida dele porque sei que será delicioso... – beijou-o . O Mestre que a conhecia bem, percebeu que não havia mais dúvidas naquele coraçãozinho que ele ajudou a formar. Afetuosamente deu-lhe um beijo na testa e um abraço prolongado. E virando-se para Alberto;

- Cuidado, hein, rapaz.! Tá bem, marquem. Nunca fiz isso aqui na ONG.

Vamos trazer o pessoal do cartório e ...

- Mestre, interrompeu Alberto, deixa isso comigo, tenho amigos nesta área e quero encher isto aqui com o pessoal que me conhece. Vamos fazer um evento bacana, o senhor vai ver.

- Bacana, de novo estas palavras antigas ! Olha que ela vai pensar que você é muito velho.

- Já sei a idade dele, Mestre. Tem muita quilometragem ainda pela frente .

Riram. Combinaram com o Mestre que iriam estudar uma data e que , assim que tudo estivesse arranjado, eles voltariam a tocar no assunto.

Daquele dia em dia, a vida dos dois passou a ser mais próxima. Se não era Alberto quem ficava na casa de Maria Rosa, era ela quem ia para a chácara. Alberto iniciou a construção de baias para cães e , aos poucos, os cachorros iam se mudando. A clientela de Maria Rosa gostou. No novo espaço os animais poderiam ser mais bem treinados. Quem gostou mais foi o Sultão.

Na chácara, Maria Rosa logo encontrou espaço para colaborar. Em momento nenhum dava a impressão de que era a “ esposa do chefe”, ao contrário, punha a mão na massa e trabalhava como todo mundo.

- Depois do casamento , gente vai morar na sede ?

- Como você quiser. A gente pode continuar no apartamento do lado,, como estamos . Tem tudo ali, cozinha, living, quarto amplo. Dá até pra gente , com o tempo fazer uma ampliação.

- Tinha pensado nisso e era o que eu iria propor.

Quando ficavam na chácara, eles ficavam num apartamento que era integrado à sede. Um lugar que Alberto mantinha para pessoas que vinham na chácara, principalmente empresários e que tinham de pernoitar em São Paulo.

- Não atrapalha os negócios ?

- Não, era uma gentileza apenas.

Mainha estava feliz. Um dia , quando ela e Maria Rosa estavam sozinhas:

- Sabe, minha menina, cheguei a pensar até mal do Alberto... ele não namorava !

- Fique tranqüila, Mainha... o “ seu menino” é homem... muito homem...

- Agora sei. Mas não é só isso. Não falei nada para o Alberto, mas há dois meses tive um peripaque aqui no coração, mas era só stress, como eles dizem. Fui no médico, e está tudo bem. Só que me dei conta que não sou eterna e não queria que ele ficasse sem um olhar feminino aqui na chácara. Com você, sei que ele vai estar em boas mãos...

- Deixa disso, Mainha, todos vamos durar muito , afinal existe tanta coisa pra fazer. O Alberto me contou suas idéias, são maravilhosas.

- Que fofocação é essa ? Perguntou Alberto chegando-se às duas.

- Coisa de mulher.

- Tô indo ver as Marias Rosas, quer ir ?

- Quero !

As experiências tinham sido bem sucedidas e Alberto alimentava esperanças de que logo, logo teria uma resposta sobre esta nova espécie.

- Vai dar certo ? Perguntou Maria ?Rosa

- Torço pra que dê, não tanto por mim , mas por você, Maria Rosa. Aí entre você e uma flor, não haverá mais distância já que ambas serão a mesma Maria Rosa.

Ficaram ali um tempinho ainda olhando os vasinhos, todos marcados , com data e uma série de indicativos que Alberto colocava em cada um, mas todos com o mesmo nome : Maria Rosa.

- É muita Maria Rosa pra um Alberto só... vem , vamos jantar, concluiu ele . Mainha está gritando pela gente.

A noite vinha calma. Havia silêncio na chácara. Os cooperados tinham ido para suas casas e os dois foram andando até a sede. Maria Rosa, mais do que nunca , sentiu-se parte de tudo aquilo. Olhou pra Alberto, sorriu, chegou mais perto ainda e abraçou-o com força.

- É bom ter um jardineiro só pra mim, Beto ! Ambos estavam realmente

felizes ...

Capítulo XXXVII

“ - A explicação de tudo está dentro da gente. Somos nossos problemas e nossas soluções, nossas dúvidas e nossas respostas, pois esta centelha viva de Deus que habita em nós , que nos impulsiona, nos ensina também.”

Quando as pessoas receberam o convite para o casamento , foi uma alegria. Valério, do cartório, tinha acertado um juiz de paz. O pessoal do refeitório preparou a comida, e Alberto contratou ônibus para levar a turma da chácara para a ONG. O Mestre colocou flores desde a entrada até a gruta que ele havia feito com as próprias mãos, de onde surgia a fonte de água que corria pelo terreno.

Alberto e Maria Rosa estavam de branco. Maria Rosa trazia nas mãos uma rosa colhida na estufa. “ Podia ser a minha rosa” imaginou Alberto. Ao chegar perto dele, Maria Rosa disse baixinho:

- Peguei esta flor como símbolo e mesmo que ela não fale, imagine que esta seja a sua flor, Alberto. Eu quero que seja ela nos abençoando . Os olhos dele ficaram marejados de lágrimas.

Foi uma cerimônia muito simples. O Mestre quase não conseguiu falar, por conta da emoção. Relembrou o tempo em que conheceu Maria Rosa e Alberto, falou das suas investidas de cupido e desejou a ambos muita felicidade. Rezou uma oração , abençoando os dois . Alberto e Maria Rosa falaram com os amigos, sobre suas vidas e seu amor, seus planos futuros. As crianças ficaram felizes porque imaginaram que , na

chácara, teriam agora duas mães : Mainha e Maria Rosa – o que não era de todo mentira.

Mainha, por sua vez, estava radiante e encantada com a ONG. Fátima mostrara a ela tudo o que havia, apresentou o Mestre e as pessoas mais chegadas.

Diferentemente dos convidados darem presentes – todos foram avisados para não trazer nada , quem presenteou a todos foram os noivos.

- Como sempre a gente conversa, não é Maria Rosa? – começou Alberto, a vida é este compartilhamento de alegria. Por isso, para compartilhar, nós é que queremos que vocês se lembrem desta data. Então mandamos fazer este PI e este chaveiro. Neles está o emblema da ONG que o Mestre usa nos impressos e tudo o mais. É uma lembrança que damos a vocês. Usem sempre, não apenas para divulgar a ONG e se lembrarem deste dia, mas para saberem que todos fazemos parte de uma mesma corrente de fé, felicidade. Isto sempre nos unirá. E as pessoas foram recebendo o pin e colocando imediatamente no peito.

Após a cerimônia:

- Feliz , Mestre ? Alberto perguntou
- Você sempre tem uma surpresa, não Alberto
- Foi idéia da Maria Rosa
- Então a doença pega, disse o Mestre e sorriu

No final da cerimônia, Alberto e Maria Rosa viajaram. Não havia um destino fixo. Se fosse o caso , deixariam o carro e iriam de ônibus, de avião para onde desse na telha, afinal o Brasil é grande à beça...

- Vamos sair por aí, onde a gente tiver vontade pára - e foi o que fizeram por 30 dias.

Na volta, Mainha já havia preparado o “cantinho” como ela chamava o apartamento que eles usavam. Terezinha, desde que Maria Rosa viera a morar na chácara, atrelara nela, e hoje era a sua auxiliar com os cães. Gentil e enérgica, ela num instante pegou o jeito, como se diz, com os animais. Mas Alberto estava preocupado com seu canteiro de rosas. Tão logo chegaram na chácara, ele foi até lá com Maria Rosa.

- Veja, aqui está se formando um botão – disse radiante. Se este botão for o que espero, a gente teve sucesso. Disse isso e acariciou o caule da planta com carinho.

Mainha havia preparado o jantar. Todos sentaram à mesa. As crianças receberam presentes da viagem, mas o maior presente foi Mainha quem deu.

- Alberto, Dr. Manoel esteve aqui e me deixou este papel. Era a adoção das crianças, estava quase tudo pronto e o juiz havia concedido.

Alberto começou a chorar. Todos ficaram preocupados, mas ele logo confortou as crianças:

- É choro de alegria. O juiz vai conceder a adoção. Daqui por diante, vocês serão meu filhos também.

- A gente pode chamar o Beto de pai, Mainha, perguntou um deles.

- Devem, ou vocês não estão contentes com ele?

- Eu tô! Henrique, o primeiro a pensar em fugir, foi o primeiro a dizer, Pai.

Os demais seguiram Henrique e se achegaram a Alberto. Havia muita emoção e alegria entre todos.

- E a mãe da gente, quem vai ser, Mainha ou Maria Rosa?

- As duas, disse Alberto, afinal só vocês tem a sorte de terem duas mães assim maravilhosas. Apesar de Maria Rosa ser muito novinha pra tanto filho marmanjão, disse sorrindo. E continuou: Eu não tive nenhuma, vocês têm duas, há felicidade maior que esta?

- Pois é, mula velha só eu mesmo aqui, desabafou Mainha

- Mas é a mula mais querida do pasto, é ou não é? - e todos foram abraçar Mainha.

À noite, Alberto voltou a sonhar intensamente com a flor. Parecia que ela estava feliz, não por ele apenas, mas por ela mesma, como nos tempos em que conversavam

- Está feliz, Alberto?

- Demais, só falta uma coisa: falar com você novamente, ouvir, ou sentir a sua voz.

- Tudo a seu tempo...

- Quer dizer que chegará outra vez este tempo?

- Pode ser. Mas este é o seu tempo. Uma nova vida começa a partir de agora... Fico aqui lembrando quando você se espantou quando me ouviu pela primeira vez. Saiu que nem bobo pela rua procurando quem pudesse lhe explicar o que estava acontecendo..

- Na verdade, a explicação estava aqui dentro de mim mesmo .
- A explicação de tudo está dentro da gente. Somos nossos problemas e nossas soluções, nossas dúvidas e nossas respostas, pois esta centelha viva de Deus que habita em nós , que nos impulsiona, nos ensina também. Você entendeu isso, aceitou o seu destino, seguiu os caminhos que lhe foram oferecidos e o resultado está aí, nesta obra que você fez, nestes amigos que você tem, nos seus filhos e em Maria Rosa.

- Mas sinto que posso ajudar mais, como fazer ?
- Você irá ajudar mais.
- Você falará com Maria Rosa?
- Pra quê ? Você fala com ela, por que mais eu ?
- Para ela acreditar...
- Ela nunca duvidou, tanto que levou uma flor na mão no dia do seu casamento. Ela é especial porque acredita sem ter que ouvir. Talvez a única pessoa que não precise de minhas palavras para acreditar que as flores falam. Afinal se nos dois somos um, Alberto, com ela somos um em três . Tenha paciência, falta pouco .

- Pouco para quê ?
- Falta perdurar...
- Outra vez isso. O que quer dizer ?
- Paciência, falta pouco...

Depois disso , ela sumiu do sonho .

- Maria Rosa, tenho sonhado com a flor ... Ela me disse que falta pouco para eu saber uma coisa e não me diz. Fala que falta perdurar...
- Então espere, se ela é quem você diz que é, ela virá para lhe dizer o que significa isso. Justo você agora não vai ter mais fé na flor ?

Alberto calou-se. Ela tinha razão, onde estava a sua fé ? A flor sabia o que havia lhe dito, Maria Rosa acreditava sem ter que provar nada a ela. Esta é a maior fé que se pode desejar e se Maria Rosa tinha esta fé com ela, não seria ele a desacreditar da flor agora.

Durante uma semana, a vida continuou a mesma : muito trabalho na chácara, a visitação na ONG, as crianças na escola. Numa 5^a. feira pela manhã, Alberto entrou na

estufa das Marias Rosas para a inspeção que sempre fazia e: - Olá , Alberto, como vai ?

Capítulo XXXVIII

“ - Pois então, este é você, esta sou eu e aqui somos nós , não dá pra sentir , mas aqui dentro há mais uma vida. Disse isso e colocou a mão de Alberto junto da sua no ventre. E prosseguiu : Alberto, eu sei o que a flor quis dizer para você. A vida é fluxo e o ser humano só é completo quando não faz parar o fluxo da vida. Por isso ele se reproduz e quando o faz, ele perdura no tempo. Com nossos filhos, perduraremos, seremos eternos”.

Ele quase engasgou para responder :

- ...quem , olá , quem está aí ?
- Ora , você não me conhece mais ?
- É você, flor ? Mas é uma Maria Rosa...
- E não é bom ? Somos muitas. Você fez esta espécie com tanto amor e

como seu carinho por mim sempre nos fez ser um, tenho uma surpresa para você Alberto.

- Qual ?
- Esta !

De repente, Alberto ouviu no meio dos vasilhinhos :

- Olá, Alberto !
- Quem falou ? Perguntou ele .

- Eu !
- Eu !
- Eu !
- Olá !

As vozes ecoaram de todos os pontos da estufa. Alberto começou a rir de alegria .

- Elas falam ?
- Quem , eu?
- Eu?
- Eu?
- Flor, elas falam, cadê você ? Qual é você ?

As outras se calaram e a rosa respondeu:

- Eu estou aqui, mas na verdade estou em cada uma delas. Sua espécie, Alberto, ela deu certo e tem este dom divino de falar. Foi o seu amor nas rosas, na sua Maria Rosa, nas pessoas que o cercam, foi sua ligação a mim que gerou isso. Um gesto de reconhecimento do Criador.

- Falarão com todo mundo ?

- Só com quem tiver a sensibilidade de ouvir. Aliás , você irá selecionar as pessoas...

- Eu ? Como ?
- Através da sua capacidade de perceber quem pode ouvi-las .
- E você, onde você esteve este tempo todo ?
- No final dos tempos com o Criador ...
- Não acredito !
- E eu minto, Alberto ?
- Não, claro que não, e como será ?
- O quê ?
- O final dos tempos.
- Não posso antecipar nada , mas digo que a humanidade vai chegar

muito bem lá, mas para isso precisamos de muitas Marias Rosas e muitos Albertos... Sua missão , portanto , está apenas começando . Já pensou quando as pessoas

passarem a entender a palavra das flores e mudarem a sua vida, dividirem o pão com os famintos , a riqueza com os miseráveis ...

- Você acredita nisso, flor ?
- Estou aqui , não é ? E você , acredita ?
- Eu sempre acreditei, aliás , eu nunca duvidei de que isso seria capaz de

acontecer um dia. Os seres humanos precisam de estímulo apenas, há esta bondade dentro de nós que, quando estimulada, nos conduz para o bem .

- Está vendo, há trabalho para fazer ...
- Mas minha vida é curta para uma tarefa tão grande.
- Por isso é preciso perdurar .
- Mas o que é isso ?

Maria Rosa entra na estufa e chama por ele :

- Alberto ?
- Oi, preciso lhe mostrar uma coisa, Maria Rosa, vem cá.
- Não , eu preciso lhe falar uma coisa primeiro.
- Duvido que seja mais importante do que a minha .
- Eu é quem duvido que seja mais importante do que a minha.

Ele parou e olhou incrédulo para ela. “ Deixa ela saber o que eu tenho pra dizer” pensou consigo mesmo ...

- Alberto, está vendo esta fita ? – e mostrou uma fita de teste para ele.
- Estou !
- Não tenho mais dúvidas, estou grávida.

Todas as flores gritaram...

- Grávida ?
- Sim. Me dê a sua mão. Se lembra daquele primeiro dia ?
- Lembro, disse trêmulo de emoção.

Pois então, este é você, esta sou eu e aqui somos nós , não dá pra sentir , mas aqui dentro há mais uma vida. Disse isso e colocou a mão de Alberto junto da sua no ventre. E prosseguiu : Alberto, eu sei o que a flor quis dizer para você. A vida é fluxo e o ser humano só é completo quando não faz parar o fluxo da vida. Por isso ele se reproduz e quando o faz, ele perdura no tempo. Com nossos filhos, perduraremos, seremos eternos.

Ela tinha razão, mais uma vez. Beijou-a intensamente. Depois, pegou um vasinho e mostrou a ela.

- Olhe, Maria Rosa
- Deu certo ?
- Sim.
- Até as flores irão perdurar, Alberto, perdurar. É uma bênção em dobro.

Quero contar para Mainha . Vem comigo ?

- Já vou indo , vou fechar a estufa ! Olhou para as plantas. Eram lindas de fato.

- Eu volto, disse para as Marias Rosas e saiu.

Mainha , assim que soube, foi rapidamente buscar uma roupinha:

- Desde que vocês ficaram juntos , eu comecei a tricotar isso. Queria ser a primeira a dar um presente para o nenê.

Ligaram para o Mestre , para os amigos . Havia muita coisa a fazer, preparar o quarto, fazer o enxoval, enfim, os planos começaram ali mesmo.

No dia seguinte, Alberto entrou na estufa e recebeu um coro de “olás”. Riu satisfeito.

- Alberto, você já pensou para quem enviar as flores ?
- Em algumas pessoas , sim. Vou mandar os vasilhinhos de Marias Rosas para algumas pessoas em especial, vou começar pela chácara mesmo.

E assim fez. Terezinha e Henrique foram os primeiros. Marcelinho, depois. Orientou a todos que regassem a planta com moderação e a deixassem num lugar especial só deles, de cada um. Eles fizeram isso. Cada qual colocou sua planta num lugar só seu.

No dia seguinte, Alberto viu que cada um deles ficava perto da planta, falavam baixinho e olhavam em volta querendo ver se estavam sendo observados. Terezinha foi quem o procurou primeiro;

- Você sabe, não é, pai ?
- O quê ?
- Sobre a rosa
- Sim, sei
- E o que eu faço ?

- O que ela pedir. Você vai aprender muito.
- Mas não é loucura ?
- Loucura é não falar com ela .
- Então, ela vai ser uma amiga minha ?
- Uma grande amiga, Terezinha.
- Mas as flores morrem rapidamente e depois ?
- Nunca morrem dentro de você se você não quiser. Ela ficará na sua lembrança.

Quem falar com uma flor uma vez, nunca estará sozinho.

- Você tem uma ?
- Tenho.
- Ela fala com você?
- Há muitos anos. Primeiro foi em vida, depois nos sonhos. Ela está comigo até hoje.
- Maria Rosa tem uma flor ?
- Ela , na verdade, é minha flor. Viu o nome que ela tem?
- Todas estão falando ?
- Só com quem tem a sensibilidade para ouvi-las. Se você a ouve é

porque você é uma pessoa especial, Terezinha .

Em seguida , mandou que a Van levasse flores para algumas pessoas da ONG. Estava especialmente interessado em Manoel e o Mestre. Junto, foi uma explicação sobre a nova espécie, o nome, cuidados no trato. Ambos gostaram, da flor, afinal era um presente que todos aceitavam com satisfação.

No dia seguinte, ligou para Manoel. Sua esposa é quem atendeu :

- Ele saiu , Alberto. Estava meio confuso, disse que ia até a biblioteca municipal. Alberto desligou e caiu na gargalhada...

Em seguida ligou para a ONG.

- Cadê o mestre, Pedro ?
- Tá lá na gruta.
- Está tudo bem ?
- Sei não. Depois que chegou um vasinho que você mandou, o homem não sai de perto dele . Parece que está falando com a planta. Será que ele tá maluco ?
- Não, ao contrário, agora é que vai ficar com mais saúde. Desligou . Se todos fossem assim , pensou satisfeito.

Maria Rosa chegou perto dele.

- Como vão as Marias Rosas ?
- Estão bonitas, mas nenhuma se equipara a você, abraçou-a .
- Está mandando plantas que falam aos nossos amigos ?
- Sim.
- Mas nossos amigos nós sabemos que pensam como nós. Não seria

interessante enviar as plantas para pessoas importantes de modo a que elas sofressem a boa influência das rosas

- Realmente , vou fazer isso. Vou enviar como gentileza para comemorar a nova espécie. As pessoas aceitarão bem porque imaginam que seja publicidade.

Pegou o seu vaso e saiu para escrever uma lista de nomes.

- Pensando no quê, Alberto ? Perguntou a rosa.
- Ora ,você sabe. Em todos, na minha vida, em Zé Grandão, Tidinha...
- Eles estavam lá.
- Onde ?
- No final dos tempos.
- Puxa, que bom ouvir isso.

Maria Rosa acabou de tratar os cães, veio e sentou-se a seu lado. Ele afagou o ventre dela ." Eu estou aqui", pensou. Ele sabia que , a partir daquele momento, naquela criança , ele iria além de si mesmo. Perdurar... Olhou a chácara, viu a vida pulsando , as pessoas fazendo seu trabalho, as crianças correndo, os pássaros...

Mainha chamou a criançada para ir à escola. No céu, o sol alimentava a vida com seu calor . Alberto olhou para a flor , deu uma piscada de olho. Parecia que ela estava sorrindo. Abraçou Maria Rosa e uma felicidade imensa invadiu seu ser

- Agora você realmente sabe, Alberto, todos somos Um, e o Um está em todos. Sente isso ? Disse a flor sem emitir um som, mas ele podia ouvir mesmo assim.

Sem dizer nenhuma palavra, ele respondeu que sim Estava em sintonia com ela, mas não só. Parecia que ele estava em sintonia com tudo à sua volta e isto encheu o seu coração , deu-lhe a plenitude da vida.

Alberto pôde sentir seu filho no ventre de Maria Rosa, as flores dialogando entre si, o som dos insetos. Fechou os olhos para como que capturar para sempre aquele momento. Ouviu a flor:

- Existe algo mais espetacular do que a vida, Alberto ? Você sabe disso agora melhor do que ninguém. Sinta a felicidade disto, aprenda com a vida. Hoje você sabe por experiência o que lhe disse no primeiro dia em que conversamos: estar em sintonia, entender o mundo, as coisas do mundo. Veja, Alberto, ser feliz é simples , não é fácil, é apenas simples.

Ele abraçou Maria Rosa. Logo iria escurecer. Amanhã uma porção de vasinhos com as Marias Rosas seriam entregues às pessoas que ele havia escolhido, quer por simpatia, quer por intuição. Artistas, políticos, empresários, professores, religiosos. Talvez depois de amanhã todos estivessem nas bibliotecas querendo saber mais sobre as rosas. Ou ainda estivessem conversando com as flores, aprendendo com elas, ou até duvidando que o que estivessem vivendo fosse verdade.

Ele sabia da verdade e sentiu uma imensa ansiedade imaginando como todos reagiriam. Mas não se preocupou com o amanhã. Seja o que for que as plantas falassem , ele saberia, porque a partir de agora muitos estariam em sintonia. O Tudo em todos e cada qual no Tudo. Um só pensamento, um só carinho.

A flor tinha razão. Se começássemos agora, no final dos tempos, depois de recicladas as vidas, as almas, todos estaríamos lá para o retorno ao ponto de partida, a volta ao Criador.

Fim